ILUSTRAÇÃO

N.º 265 — 12.º ano

PRINCESA ISABEL — Herdeira do trono de Inglaterra

1-JANEIRO-1937

PREÇO - 5 escudos

UMA OBRA QUE É UMA FORTUNA

LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

ENCICLOPÉDIA DOMÉSTICA

NOVA EDIÇÃO MUITO AMPLIADA

COLECÇÃO METÓDICA DE

7.113 RECEITAS

OBRA ILUSTRADA COM 200 GRAVURAS

Coordenação de SEAROM LAEL

O LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

é uma obra indispensável em todos os lares. Guia das boas donas de casa, satisfaz também plenamente quantos sôbre todos os ramos profissionais e artísticos a queiram compulsar, podendo afirmar-se que nela encontrarão incluidos conhecimentos de valia.

Obra de incontestável utilidade para tôda a gente

No LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

são tratados todos os assuntos que muito interessam à vida pratica, como os referentes a:

Adorno de casa — Medicina prática — Maternidade — Mobiliário — Jardinagem — Farmácia doméstica — Géneros alimentícios — Lavagens — Colas — Vernizes — Higiéne — Conservas — Animais domésticos — Perfumarias — Iluminação e calefação — Couros e peles — Metais — Doçaria — Massas e cimentos — Socorros de urgência — Lavores e passatempos — Rendas e bordados — Tintas — Tecidos e vestidos — Estrumes e adubos, etc., etc., etc.

A UTILIDADE DE UMA SÓ RECEITA PAGA O LIVRO!

Um grosso vol. de 1.192 páginas, encadernado em percalina . . **Esc. 30$00**

Pelo correio à cobrança, **Esc. 33$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 – LISBOA

ILUSTRAÇÃO
Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)
Editor: José Júlio da Fonseca
Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL - Rua da Alegria, 30 — Lisboa

Preços de assinatura

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30$00	60$00	120$00
(Registada)	32$40	64$80	129$60
Ultramar Português	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Espanha e suas colónias	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Brasil	—	67$00	134$00
(Registada)	—	91$00	182$00
Outros países	—	75$00	150$00
(Registada)	—	99$00	198$00

Administração - Rua Anchieta, 31, 1.º - Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Está seguro contra dores?

Por 13 escudos pode ficar ao abrigo de muitos sofrimentos e dores!

Este seguro é unicamente feito pela grande Casa Bayer — mediante a simples aquisição dum tubo de Cafiaspirina. Tôdas as dores, especialmente as dores de cabeça, dentes e ouvidos, são prontamente eliminadas com um ou dois comprimidos. Por consequência, quem possúi na sua farmácia caseira um tubo de Cafiaspirina, está efectivamente seguro contra dores

BAYER

Cafiaspirina

ANTOLOGIA PORTUGUESA

ORGANIZADA PELO

Dr. Agostinho de Campos
Sócio Correspondente da Academia das Ciências de Lisboa

Volumes publicados:

Afonso Lopes Vieira, um volume. — **Alexandre Herculano,** um volume. — **Antero de Figueiredo,** um volume. — **Augusto Gil,** um volume. — **Camões lírico,** cinco volumes. — **Eça de Queirós,** dois volumes. — **Fernão Lopes,** três volumes. — **Frei Luís de Sousa,** um volume. — **Guerra Junqueiro,** verso e prosa, um volume. — **João de Barros,** um volume. — **Lucena,** dois volumes. — **Manuel Bernardes,** dois volumes. — **Paladinos da linguagem,** três volumes. — **Trancoso,** um volume.

Cada volume brochado..... **12$00**
Cada volume encadernado.... **17$00**

Pedidos à **Livraria Bertrand**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

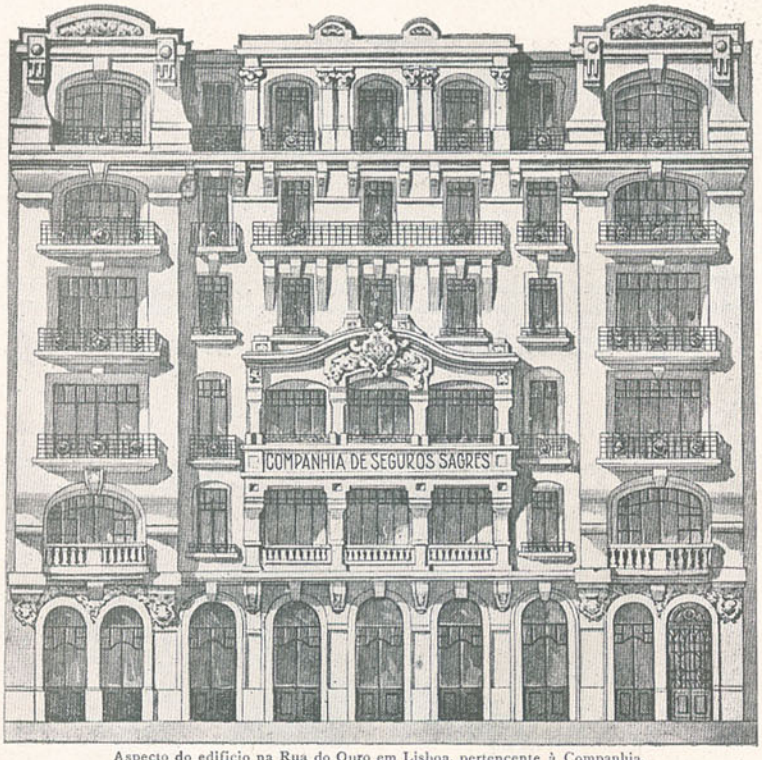
Todas as creanças são felizes e saudaveis quando tomam a deliciosa

'OVOMALTINE'

diariamente

À venda em todas as Farmácias, Drogarias e Mercearias em 1/1, 1/2 e 1/4 de lata
DR. A. WANDER S. A. — BERNE
ÚNICOS CONCESSIONÁRIOS PARA PORTUGAL:
ALVES & C.ª (IRMÃOS) — RUA DOS CORREEIROS, 41-2.º — LISBOA

SAGRES



Aspecto do edificio na Rua do Ouro em Lisboa, pertencente à Companhia, onde estão instalados os seus escritórios

COMPANHIA DE SEGUROS
LUSO-BRASILEIRA

Séde: Rua do Ouro, 191
LISBOA
TELEFONES 2 4171 — 2 4172 — P. B. X.

CAPITAL REALIZADO 2.500.000$00

Seguros de vida em tôdas as modalidades

O FUTURO DOS FILHOS E DA FAMILIA
— A GARANTIA NA VELHICE —

CONSULTEM A SAGRES

INCENDIO
MARITIMOS
AUTOMOVEIS E POSTAES

UM GRANDE SUCESSO DE LIVRARIA

À VENDA A 6.ª EDIÇÃO

FÁTIMA

GRAÇAS * SEGREDOS * MISTÉRIOS

POR **ANTERO DE FIGUEIREDO**
Da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras

Um volume de 378 páginas, brochado, com capa a côres e oiro . . **12$00**
Pelo correio à cobrança . . . . . **13$50**

Pedidos aos editores: LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

NOVIDADE LITERÁRIA

JÚLIO DANTAS

VIAGENS EM ESPANHA

O pórtico da glória — La maja desnuda — Os bôbos de Velásquez — Galiza e a saudade — Mósen del Sevillano — A Aljaferia de Saragoça — Princezas de Moro e de Ticiano — O túmulo de Rosália — A armadura de D. Sebastião — O luar de Pontevedra — La Tirana — Las mujeres son buenas — Bárbara de Bragança — Rainha de uma noite — Carlota Joaquina num quadro de Goya — A lingua galega — A rainha peregrina — El Português en Sevilla — A loucura de Don Quixote — O castelo do rouxinol — Lopo de Vega em Portugal — Um português na obra de Cervantes — Puente de Bárzia — Toledo e o «Greco» — Los desastres de la guerra.

Um volume de 312 páginas, brochado, com capa a côres, oiro e prata . . . . . **12$00**

Pelo correio à cobrança . . . . . **14$00**

Pedidos aos editores: LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

COLECÇÃO FAMILIAR P. B.

Esta colecção, especialmente destinada a senhoras e meninas, veio preencher uma falta que era muito sentida no nosso meio. Nela estão publicadas e serão incluidas sómente obras que, embora se esteiem na fantasia e despertem pelo entrecho romântico sugestivo interêsse, **ofereçam também lições moralizadoras, exemplos de dedicação, de sacrifício, de grandeza de alma,** de tudo quanto numa palavra, deve germinar no espírito e no coração da mulher, quer lhe sorria a mocidade, ataviando-a de encantos e seduções, quer desabrochada em flor após ter sido delicado botão, se tenha transformado em mãi de família, educadora de filhos e escrínio de virtudes conjugais.

Volumes publicados:

M. MARYAN

Caminhos da vida
Em volta dum testamento
Pequena raínha
Dívida de honra
Casa de família
Entre espinhos e flores
A estátua velada
O grito da consciência
Romance duma herdeira
Pedras vivas
A pupila do coronel
O segredo de um berço
A vila das pombas
O calvário de uma mulher
O anjo do lar
A fôrça do Destino
Batalhas do Amor
Uma mulher ideal

SELMA LAGERLÖF

Os sete pecados mortais e outras histórias

Cada vol. cartonado . . . **Esc. 8$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

SENSACIONAIS REVELAÇÕES CIENTIFICAS RESULTANTES DE PROFUNDAS INVESTIGAÇÕES

Estudos sôbre Quirologia, Metoposcopia e Astrologia

Segundo os métodos modernos do Prof. FANNY LORAINE

Curiosas divulgações sôbre o Destino. A vida do homem está escrita nas linhas da mão, definida pelas rugas da testa e regulada pelas influências astrais

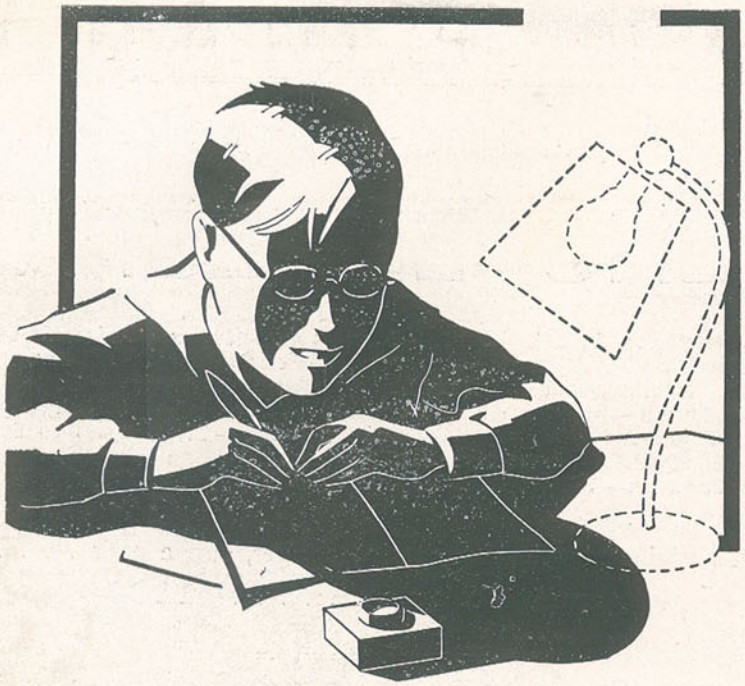
A quirologia é uma ciência, e como tôdas as ciências, está baseada em verdades positivas, filhas da experiência e que portanto, por serem demonstráveis, são indiscutíveis.

Conhecimento dos carácteres dos homens por meio dos vários sinais da testa. As sete linhas da fronte.
As raízes da Astrologia. A lua nos signos do zodíaco.

Nesta interessantíssima obra qualquer pessoa encontra nas suas páginas o passado, o presente e o futuro.

1 vol. broc. de 186 págs., com 8 gravuras em papel couché e 21 no texto, **Esc. 10$00**, pelo correio à cobrança, **Esc. 12$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — Rua Garrett, 73 — Lisboa



Os bons olhos não se compram

nem mesmo pelo preço duma grande fortuna

Defenda a vista dos seus filhos não consentindo que eles estudem senão à luz duma boa lâmpada.

A má iluminação é a causadora directa do nervosismo e da fadiga visual.

Só uma boa lâmpada proporciona o bem estar do espírito e do físico.

Para obterem uma luz abundante, suave, agradável, com uma economia até 40 % no consumo de corrente, instalem lâmpadas

PHILIPS "D. D."

MARCADAS EM DECALUMENS

GOTOSOS E REUMATICOS

Em menos de 24 horas, podeis acalmar as vossas dôres com o

ESPECIFICO BÉJEAN

O remédio mais ACTIVO prescrito pelas autoridades médicas contra

a **GÔTA, a SCIÁTICA os REUMATISMOS**

Agudos ou Chronicos

e todas as dôres de origem artritica

Um unico frasco bastará para vos convencer da rapidez da sua acção.

À venda em todas as Pharmácias

Produits BÉJEAN - Paris

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR-DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ, MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de oiro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92—LISBOA

Telefone 2 2074

PROPRIEDADE DA LIVRARIA BERTRAND

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA ANCHIETA, 31, 1.º TELEFONE: — 2 0535

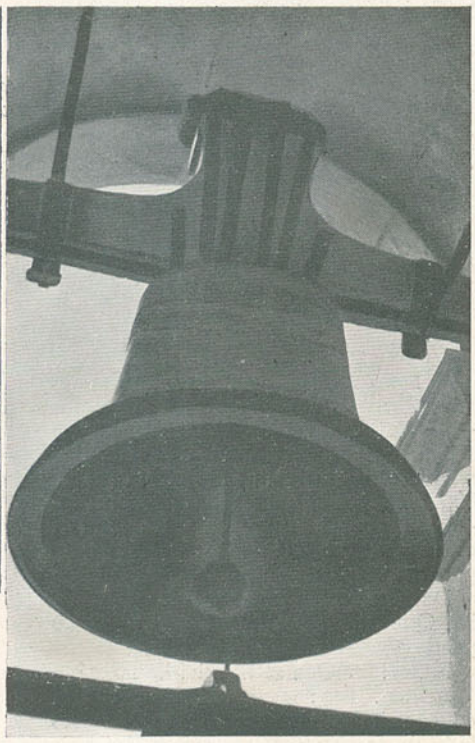
N.º 265 — 12.º ANO
1-JANEIRO-1937

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa

Director ARTHUR BRANDÃO

PELO carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.



ANO NOVO!

REPICAM festivamente os sinos, anunciando um novo ano que, segundo um uso tradicional, desejamos feliz e cheio de prosperidades para tôdas as pessoas das nossas relações.

Quem poderá sondar o futuro?

No entanto, os sinos continuam a repicar em tom festivo com o fim cruel de animar uma esperança débil que se tornará, dentro em pouco, numa desilusão atroz.

Assim sucedeu no ano que findou, nos anos de que demos fé desde que conhecemos êste Mundo, e assim sucederá até à consumação dos séculos.

Dia 1.º de Janeiro... O carteiro, ajoujado com uma sacola de coiro maior do que êle, vai distribuindo, de casa em casa, cartões de felicitações pelo novo ano que entra, e que, desde os tempos remotos de Adão e Eva, tôda a gente acredita que seja melhor do que o anterior!

Já é caturrice... A longa experiência de tantos séculos ainda não chegou para abrir os olhos à humanidade, e mostrar-lhe com tôda a clareza que o ano que sai ou o ano que entra nenhuma culpa podem ter dos seus disparates e das suas maldades.

Até hoje, ainda ninguém reparou no sorriso irónico com que o Ano Velho entrega a pasta ao Ano Novo, dando-lhe, em seguida, como é da praxe, um ósculo repinicado. Nessa altura, o Velho Ano diz qualquer coisa ao Ano Novo que todos os mortais tomam pelas instruções reguladas pelo protocolo do Tempo.

Ninguém reparou ainda que o Ano Velho sorri, manifestando assim o seu contentamento por se vêr livre duma tarefa que estava sendo superior às suas fôrças. Despede-se, portanto, sem saudades, visto que não tornará a ser acusado de tôdas as calamidades que afligem, cada vez mais, uma humanidade tão estúpida como desgraçada.

Se houve má colheita, logo se diz que o ano foi mau, como se fôsse o ano o encarregado de arrotear os campos, escolher os adubos e seleccionar as sementes.

Se houve uma cheia, foi o ano que esteve chuvoso, como se o ano competisse levantar diques em tempo de sol e tomar precauções enquanto há bonança.

Se rebentou uma guerra, se grassou a peste, se houve fome, o pobre do ano é que tem culpa de todos estes flagelos que só a humanidade, dando largas às suas ambições inconcebíveis, fez desencadear sôbre si.

As acusações atribuídas ao Ano Velho são tão ridículas como as que um indivíduo atribuísse ao seu relógio, e só porque lhe marcou a hora em que ficou arruinado ou em que partiu uma perna.

Por isso, o Ano Velho sorri ao vêr-se livre do encargo.

Chega o Ano Novo cheio de esperanças... Mas logo o seu rosto se anuvia ao ouvir o segrêdo do Velho Ano.

Diz algumas palavras na sua vòzita aflautada, explicando talvez o êrro em que a humanidade se obstina, a-pesar-dos eloqüentes exemplos de tantos séculos.

O Ano Novo fala, mas ninguém consegue ouvir o que êle diz por entre o repicar dos sinos...

Tlim, dão, tlim, dão, tlim, dão, dão...

É festa! Ano Novo! Vida Nova! Que o que entra, seja melhor do que o que sai.

Mais uma carta, que ia esquecendo, para o tio da província. Um ano novo feliz e muitas prosperidades!

A carta lá segue o seu destino até ir caír nas mãos trémulas do bom velho, comovido e sensibilizado pela lembrança do sobrinho que não se esqueceu dêle.

É possível que nesse recanto sossegado pudesse ouvir a declaração do Ano Novo a desiludi-lo.

Mas os sinos — nessa aldeia também há sinos — repicam festivamente, e nada deixam ouvir.

Tlim, dão, tlim, dão, tlim, dão, dão...

Mas ainda há votos sinceros.

A "Ilustração", entrando no 12.º ano da sua existencia, deseja ardentemente a todos os seus leitores e anunciantes um novo ano cheio de venturas e prosperidades.

Ano Novo! Vida Nova!

CONSELHOS AOS NOVOS

Victorien Sardou e a Arte Dramática

Um génio que não se apaga nem envelhece

Victorien Sardou

APARECEM hoje em dia uns dramaturgos que, por excesso de miolos ou insuficiência dos mesmos, desejam produzir obra nova, cheia de dinamismo e originalidade. Se lhes falam em Victorien Sardou, por exemplo, assanham-se, afirmando que as peças do grande escritor teatral, além de não prestarem para nada, já não se usam.

De Shakespeare nem valeria a pena falar. Que valeria o autor do "Hamlet" ao pé de Marinetti — o insuperável?

Enfim!... Que se lhes há-de fazer?

Apenas isto: preguntar-lhes o que conhecem de qualquer dêsses mestres fóra de moda, forçá-los a apresentar os seus reparos e as suas emendas... se é que essas obras vitoriadas por tantos milhões de *insensatos* durante tantos anos são susceptiveis de ter algum consêrto.

Se os obrigarmos a citar os pontos fracos de Victorien Sardou, hão-de gaguejar e acabar por confessar que nunca o leram, nem o viram representar, visto não ser natural perder tempo com velharias carcomidas pela traça.

Falavam assim por ouvir dizer!...

E, no entanto, bom seria que, não só o estudassem como lhe seguissem as pisadas!

Já agora, não nos ficará mal dizer-lhes alguma coisa sôbre Victorien Sardou que, tendo começado a estudar medicina, acabou por seguir a vida teatral.

Tendo feito a sua estreia no Odeon com a peça *La taverne des étudiants*, o fiasco não podia ser maior. Desanimou e pensou em voltar à carreira da medicina.

Victorien Sardou, aos 35 anos

Mas, lá dentro, muito lá dentro, Sardou sentia-se fadado para o teatro. Reagiu, portanto, e, dentro em pouco, triunfava absolutamente. Tinha o dom do movimento, o diálogo fácil e rápido, espirituoso e mordaz. Sabia interessar como nenhum outro, e suscitava o riso e a emoção.

Como vêem, êstes predicados, indispensáveis num bom escritor dramático, não florecem a cada passo.

Em tôdas as suas peças — e deixou mais de cem — Sardou mostrou sempre uma extraordinária destreza no emprêgo dos mais insignificantes meios, desde que os julgasse próprios para excitar a atenção do público. Chegou a sacrificar tudo ao efeito a produzir, mesmo a verdade, e até mesmo o bom senso, preferindo os aplausos da multidão, aos louvores dos ilustrados.

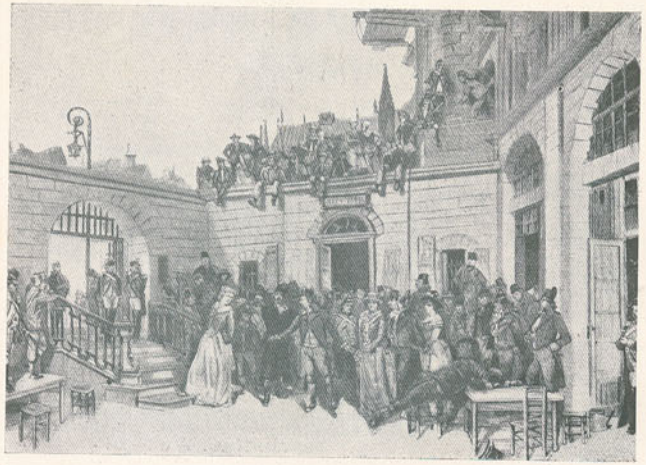
A seu vêr, o público não podia ser forçado a pensar, visto, que, pagando o seu bilhete, não devia ser submetido a qualquer preocupação de espírito.

Referindo-se a Sardou, o grande crítico Emile Faguet escreveu:

"Através dessa meia centúria, o autor da *Fédora* fez obra de artista, de investigador, de curioso, de historiador, de psicólogo, e a enumeração não acabaria aqui: tanto a sua infatigável curiosidade de espírito se aplicou a tudo e sempre em tudo achou alguma coisa. Imaginem apenas que em Victorien Sardou existe um dramaturgo que pode ser comparado, em fecundidade, a um Lope de Vega ou a um Calderon; que tem escritas mais de cem obras, das quais, duas terças partes, o menos que alcançaram foi o êxito mais estrondoso; que é um erudito na História da Revolução Francesa, e que, além disso, é um tal historiador de Paris que calculo não haver outro que se lhe compare em documentação e segurança, e que, finalmente, se ocupou das ciências físicas e do ocultismo com verdadeiro ardor, curiosidade, sagacidade e penetração».

Quando fez representar a sua nova obra *Nos bons villageois*, os habitantes de Mary e do Bougival, julgando-se ofendidos, mandaram delegados a Paris a fim de pedirem explicações e exigirem desculpas, a bem ou a mal. O caso levantou grande celeuma nos jornais.

Tempos depois, outra peça *La maison nouvelle* concitava as iras do Govêrno francês que, supondo-se atacado, proïbiu a sua representação. A opereta *Le roi Cavotte*, com música do famoso Offenbach, foi também proibida por ser considerada injuriosa para o monarca que então reinava sôbre a França. Outro tanto sucedeu com *La devote* em que julgavam vêr um libelo cruel contra a rainha. Mas o mais extraordinário foi o que aconteceu com o *Rabagás*. Grande parte do público, supondo que Sardou escrevera a sua obra contra Léon Gambetta, manifestou-se de tal modo no dia da primeira representação que a plateia dava a impressão dum campo de batalha. Enquanto uns aplaudiam, outros pateavam, não só o chão como o lombo de quem se lhes opunha. Edmond About, de cabelo desgrenhado, brandindo o braço de uma cadeira, aconselhava em altos gritos que, na noite seguinte, todos os admiradores de Sardou deveriam comparecer, mas armados até aos dentes.



Cêna do «Thermidor», drama proibido

Thiers teve de suspender as representações do *Rabagás*, calculando que, assim, aplacaria os ânimos. Mas qual! O conflito ter-se-ia agravado de tal maneira que o almirante Lamirault, governador de Paris, revogou prudentemente a ordem do govêrno, permitindo que a já célebre produção continuasse no cartaz.

Com o *Thermidor* ocorreu coisa semelhante, ainda que na noite seguinte à da estreia, tendo o escândalo atingido proporções extraordinárias. Dizia-se que fôra Clemenceau quem o urdira e mantivera. Vários espectadores, na intenção de manifestar o seu protesto, atiraram algumas moedas de cobre ao actor Coquelin, *aîné*, que se encontrava em cêna. Logo se desencadeou a conseqüente chuva de bordoada que deixou muitas cadeiras partidas. Os ministros Constant e Bourgeois tiveram de proïbir a representação do *Thermidor* que havia de ser uma das mais aplaudidas peças do grande dramaturgo francês, dentro e fóra da sua pátria.

Para se avaliar a grandeza do autor dramático basta conhecer as suas peças *Divorçons*, *Fedora* e a *Madame de Sans Gêne*. Isto chegará para se ter uma idéia da pujança dêsse espírito que cintilou durante setenta e sete anos.

Em 1903, Sardou declarava a Eduardo Zamacois:

— "Há cinqüenta anos que escrevo para o teatro, e sempre o êxito me tem sorrido. A prova está na minha última peça *La sorcière* estreada ontem. Tenho vencido sempre porque, antes de sentar-me a trabalhar, estudo o gôsto da minha época. Sei muito bem que a crítica não é benévola comigo. Nunca o foi... No entanto, a certeza que me resta, ao cabo de meio século de trabalho, é a de que os autores se acusam o público de ignorância e pretendem corrigir as suas preferências, é porque não possuem a arte de agradar-lhe».

Que mais desejarão os seus modernos detractores?

É certo que, há meio século, os invejosos dos seus triunfos, não podendo ofuscá-los, nem negá-los, acusaram o glorioso dramaturgo do feio crime de plagiário.

Com tão vasta produção, Sardou teve de recorrer muitas vezes a reminiscências, como seria natural.

Mas, o acusado não se deixou bater impunemente, e escreveu o seu livro *Mes plagiats* que deixou confundidos os seus caluniadores.

Mas Victorien Sardou não foi apenas um autor dramático, foi também o mais perfeito ensaiador que o teatro francês teve em todos os seus períodos de existência.

Catulle Mendés chamou-lhe — e com razão — o "Homem-Teatro».

Quem o conheceu, não mais pôde esquecer a sua maneira de ensinar.

Nos ensaios era pontualíssimo. Logo que chegava, substituía o chapéu pela boina predilecta, e tratava de colocar todos nos seus lugares.

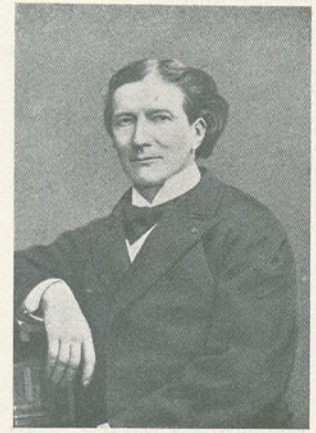
— Vamos ao ensaio! — intimava êle com a sua autoridade de comandante.

Quando um dos artistas gaguejava o papel que ainda não estudara ou não sabia compreender, erguia-se dum salto, dando a impressão de fazer a correcção à bofetada. Continha-se, no entanto, e aparentando a maior serenidade, remoqueava com finura:

— Espera um pouco, meu querido (ou querida) que não é isso o que te ensinei!

E, assim, ia corrigindo os seus intérpretes.

Segundo as declarações de Marcel Prevost, "Sardou tratava por tu quási todos os que o rodeavam, pois os tinha visto nascer. Longe de se melindrar com a reprimenda, o artista, sempre atento, obedecia. "Nas caixas» do teatro apinhavam-se os semblantes curiosos dos outros, dos que "não figuram em cêna». Vêr trabalhar Victorien Sardou era um espectáculo que não podia ser desprezado...

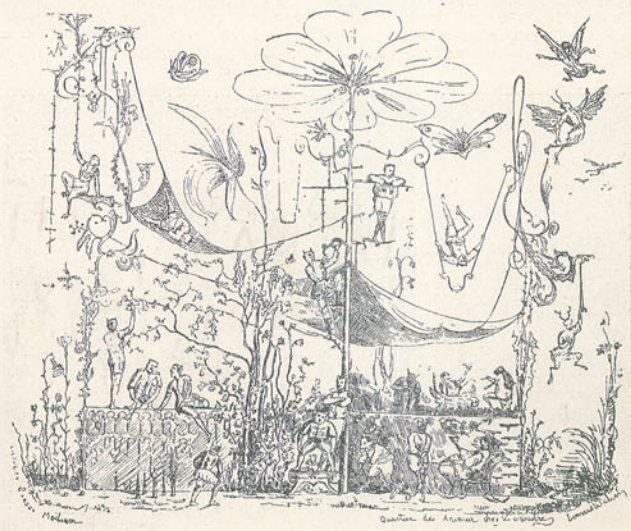


Victorien Sardou, aos 51 anos

"E escutavam anelantes, inquietos, desesperados por não poder igualar nunca um tal modêlo».

Hoje, em dia, os videirinhos que aspiram a ter talento, embora sejam ôcos como cabaças, levam mais longe a sua petulância. Dão-se ares de pessoas de alto valor mental, esboçando gestos vagos para evitar as palavras que denunciariam a sua estupidez chapada, e fazem por manifestar uma espécie de desdém por tudo o que é belo e duradoiro.

E o mais curioso é que, por vezes, ainda conseguem fazer-se acreditar?...



Curioso desenho de Victorien Sardou, em 1872, quando estava em moda o espiritismo

A GUERRA CIVIL EM ESPANHA

O desolador aspecto de um prédio após um intenso bombardeamento que durou duas horas.

O aspecto de uma rua de Madrid após um bombardeamento aéreo pelos aviões nacionalistas. As janelas dos prédios esfacceladas pelas explosões, apresentam-se cobertas de geada. Frio e fogo. Nas ruas é impossível o trânsito, visto os destroços das derrocadas, árvores derribadas, terem obstruido completamente as mais amplas artérias.

A oeste de Madrid, a população, seguindo as indicações da Cruz Vermelha, conduz o que se lhe torna indispensável para locais onde o perigo se torna menor, graças a abrigos destinados à população indefesa. Em meio de tanta ferocidade é agradável saber que a benemérita instituïção não abandona, ainda em meio dos mais graves riscos, a vida dos sem amparo.

OS PRESEPIOS
DE MACHADO DE CASTRO

O grande artista que foi Machado de Castro, se muito se celebrizou com a estátua equestre de D. José, não é menos conhecido pelos formosíssimos presépios, que modelou e podem ser ainda admirados na Sé de Lisboa, na Basílica da Estrêla e na igreja da Madre de Deus.

O grande escultor-arquitecto, tendo realizado em bronze êsse prodígio de grandeza que mais enaltecia a obra do Marquês de Pombal do que a passiva existência dum rei confiante e comodista, é muito maior ao modelar os barros bíblicos dos presépios do Natal. Manifestava-se, assim, o escultor excelso das coisas humildes.

Por certo que Machado de Castro, estudioso como sempre foi, não deixara de ler, na sua Coimbra, os sempre belos trechos dos clássicos, tanto mais que, antes de tomar o rumo de Lisboa, se inclinara mais para as Belas Letras do que para as Belas Artes.

Cultivou as musas, deixando vários vários folhetos em verso que foram bem acolhidos pelos zoilos de então. Não se limitou a modelar a estátua eqüestre de D. José, quiz escrever a sua descrição analítica e o seu método de execução, para que todos ficassem sabendo o vigor das suas faculdades de trabalho.

Se manobrava o escôpro com verdadeira proficiência, manejava também a pena com elegante facilidade.

Profundamente erudito, desejava saber mais e sempre mais. Assim se explicam as suas longas meditações, vislumbrando a sua infância distante, a sua mocidade agitada como tôdas as mocidades — todo o tempo perdido, em suma.

Ao evocar a festa do Natal, não deixou de meditar nos conselhos de Frei Bartolomeu dos Mártires que se elevavam às estrêlas num misticismo tão delicioso como profundo.

Dizia o santo prelado bracarense:

"Vay o comer, que no presepio o acharas. Se até agora te deleytavam os manjares e deleytes dos cavallos e porcos, engeitaos agora, vay comer este menino por a fee e amor, e esprementaraas quam doce he aquelle presepio, quam ricos sam aquelles cuyrinhos, quam dourados estam aquelles paços. Nam celebres a festa de seu nascimento em carne, soomente com recreações de tua carne».

O que era um presépio? Uma estrebaria de bestas, um viveiro de feras, um estábulo, em suma.

Foi ali que Jesus nasceu, transformando-se o presépio no mais impressionante dos templos.

Na sua humildade, essa mangedoura, em que o Redentor do Mundo veio à luz, era mais rica, mais magnificente do que o mais opulento altar de oiro fino lavrado por mãos de mestre.

Foi entre irracionais que Jesus nasceu, sendo de míseros pastores as primeiras visitas que recebeu.

Se os reis magos, guiados pela estrêla, ali foram também render-lhe a sua homenagem e ofertar-lhe as preciosidades simbólicas, mais alto subiam as oferendas que os pastores pobresinhos depuzeram aos pés do Menino Deus, escolhendo as mais gordas rezes do seu rebanho.

Machado de Castro entendeu como ninguém êste sublime exemplo de humildade.

E, então, bafejado por um sôpro divino, começou a modelar os seus barros, dando-lhes vida, candura e unção.

Se muito aprendeu junto dos seus mestres Guisti e José de Almada, que lhe limaram as arestas e o aperfeiçoaram na execução dos mais arrojados trabalhos, a inspiração que o bafejou ao modelar os presépios veio, por certo, da recordação de sua mãi, a santa velhinha que lhe ensinara a murmurar uma enternecedora oração ante o menino Jesus recem-nascido.

A contemplação dos presépios dá-nos uma ideia absoluta dêsse memorável período judeu de que havia de surgir a redenção da humanidade. Aquelas figuras falam, movimentam-se, gesticulam, animadas por um sôpro divino de perfeição. Dir-se-ia que Machado de Castro, à semelhança de Prometeu, fôra ao céu buscar o fogo sagrado para animar as suas estátuas.

E daí talvez fôsse, se atendermos a que o excelso artista tem sido mordido através das gerações pelo traiçoeiro milhafre da inveja. O que vale é as entranhas de Machado de Castro nada ficam a dever em resistência às do famigerado herói mitológico, pois renascem à medida que lhas abocanham.

Triunfou apesar de tudo.

Grande foi o talento dêste Mestre!

Machado de Castro foi o director da famosa Academia do Nú que já no final do século XVII vencia o preconceito da liberalidade em arte, identificando-a apenas como uma exigência nobre do espírito da beleza livre... Mas a sua grande obra, a sua melhor obra, aquela que o povo humilde sempre soube entender, consiste nos seus formosíssimos presépios.

A Paz — por Fantin-Latour

AGORA, que volta a falar-se na possibilidade duma nova guerra mais trágica e destruïdora que a de 1914, só nos resta a esperança de que as grandes potências conjuguem harmonicamente os seus esforços no sentido de afugentar o sinistro espectro que mais uma vez volta a ameaçar a humanidade.

Está ainda na memória de todos nós a terrível conflagração mundial de há vinte anos que envolveu 27 nações e desorganizou completamente a vida económica do Mundo inteiro.

Nos campos de batalha caíram mortos 9.998.771 homens, sendo maior ainda o número dos que, em resultado dos ferimentos recebidos, ficaram inutilizados para tôda a vida. E quantas mais vidas se perderam ceifadas pela dôr da orfandade e da viuvez? Quantas vidas estalaram de fome por entre a miséria atroz que a guerra provocou?

Tendo sido as despesas dessa guerra computadas em cêrca de quatro biliões de contos, que lucro tirou dêste formidável esfôrço a humanidade?

Tanto os vencedores como os vencidos ficaram arruinados por muitos anos, provando-se assim, por uma forma eloqüente e insofismável, que a guerra é o mais desastroso meio de se alcançar o progresso que tôdas as nações ambicionam.

"A guerra — já o nosso Padre António Vieira o disse — é um monstro insaciável, que nada respeita e tudo devora».

Repare-se que já dezoito anos decorreram sôbre o armistício que fez calar os canhões, e o Mundo inteiro continua ainda com a sua vida económica desorganizada em conseqüência da pavorosa guerra que o assolou, debatendo-se ainda com problemas muito mais difíceis do que todos os que o preocupavam antes de 1914.

E tôda essa carnificina para quê?

Quem desapaixonadamente seguir o desenvolvimento do progresso humano através dos séculos, terá de concluír que tudo o que a humanidade conquistou em seu proveito é fruto da paz e não da guerra.

Poderão objectar que, por vezes, a guerra foi necessária para afastar os obstáculos que se opunham à marcha da civilização. É verdade. Mas onde isso vai já! Hoje, que tudo pode ser discutido e compreendido por todos os povos, ainda os mais remotos e atrazados, não há necessidade de usar da fôrça armada.

E mesmo nesses tempos, em que um capricho poderia originar uma carnificina, o progresso só começava a fazer raiar os seus efeitos benéficos após o estabelecimento da paz. O que a metralha destruïdora impôs com a sua violência aterradora, poderia ser conseguido num tribunal arbitral em que prevalecesse o bom-senso, a ponderação e a verdadeira imparcialidade que não conhece interêsses nem paixões.

O ídolo quebrado — por H. Bellery Desfontaines

Em tempos idos recorreu-se à guerra como o mais seguro meio de impor a razão, fazer prevalecer um direito e até satisfazer um capricho tão futil como ridículo. Não iremos procurar o motivo da guerra de Troia que ficou célebre pela violência que a revestiu, e só porque uma desavergonhada mulher se lembrou de fugir ao marido.

Na catedral de Modena existe ainda o balde que, há nove séculos, deu origem a uma guerra terrível. Foi o caso que, tendo uns soldados de Modena roubado o balde dum poço público da Bolonha, negaram-se a entregá-lo. Isto deu lugar a escaramuças entre os soldados dos dois Estados rivais, ateando-se, a breve trecho, uma guerra que devastou grande parte da Europa, e ocasionou a prisão perpétua do rei da Sardenha, filho do imperador da Alemanha.

Mais fútil ainda foi o motivo que trouxe vários séculos de guerra entre a Inglaterra e a França: Para comprazer o arcebispo de Ruão, o rei Luiz VII consentiu em rapar a barba, tendo o facto desagradado tanto à rainha que acabou por pedir o divórcio. Meses depois, a divorciada casava com o rei Henrique II da Inglaterra, aproveitando todos os meios para atiçar o ódio entre as duas nações, a ponto de desencadiar a guerra.

A guerra dos Sete Anos, segundo a própria confissão de Frederico, o Grande, foi devida à sua vaidade, pois gostava imenso de vêr o seu nome citado em grandes parangonas nas gazetas.

O facto de um cidadão florentino ter despejado um balde de água sôbre um cidadão de Milão, que passava, casualmente, por debaixo da sua janela, foi motivo de uma guerra.

Por um indivíduo não entregar um cachimbo que lhe havia sido emprestado por outro, houve uma guerra de alguns anos entre as raças rivais de Pamir e do Afganistão.

A insurreição dos cipaios na Índia foi precipitada por terem os indígenas acreditado que os cartuchos que lhes distribuíam eram engordurados com banha de porco, que os índios, como os muçulmanos, consideram animal imundo.

A guerra turco-russa começou, no dizer de vários historiadores, por ter um ferreiro de Herzegovina assassinado com um martelo um cobrador de contribuições que lhe insultara a filha.

Eis alguns dos fúteis motivos dessas contendas sanguinárias.

A guerra serviu sempre para destruir, e a paz para edificar. Tôdas essas admiráveis realizações do progresso, que tendem a tornar mais cómoda e confortável a vida humana, tôdas as instituïções sociais que vizam a estabelecer a justiça entre os homens e as nações foram, são e serão sempre obras da paz.

Enquanto a guerra produz e semeia ódios que levam séculos a desvanecer, (quando desvanecem), a paz aproxima os homens, levando-os a conhecerem-se e a ajudarem-se, conduzindo à solidariedade humana que é essêncial e indispensável à vida económica e política do Mundo.

Sem a paz, o Mundo não gosaria nunca do colossal desenvolvimento indústrial e comercial que põe ao alcance de todos o que, noutras eras, era apenas privilégio de alguns.

A maravilhosa rêde de transportes que facilita as comunicações não a poderia

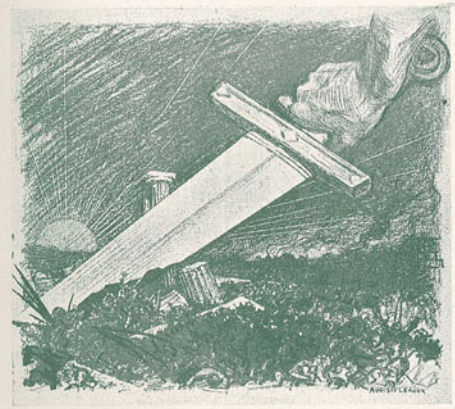
DECORRIDOS DEZOITO ANOS

A PAZ OU A GUERRA?

Eis a pregunta que se repercute através do Mundo

manter a guerra destruïdora que esfacela linhas férreas, dinamita pontes, levando até o seu requinte de ferocidade a semear de minas explosivas as próprias águas do oceano! As ideias generosas da liberdade, igualdade e fraternidade, que asseguram os direitos do homem e produzem o respeito e o auxílio mútuo, só a paz as poderia criar e tornar realidades palpáveis.

Dizia há tempos um grande estadista que sempre colocou ao serviço da paz



A espada destruïdora — por Auguste Leroux

universal os seus melhores esforços: "E quanto mais teria a paz produzido, para resolver o problema da pobreza, da habitação, das desigualdades sociais e outros muitos que ainda afligem a humanidade, se todos dessem voluntariamente à organização científica da paz a décima parte do esfôrço e da riqueza com que são obrigados a contribuir para manter o monstro insaciável da guerra!»

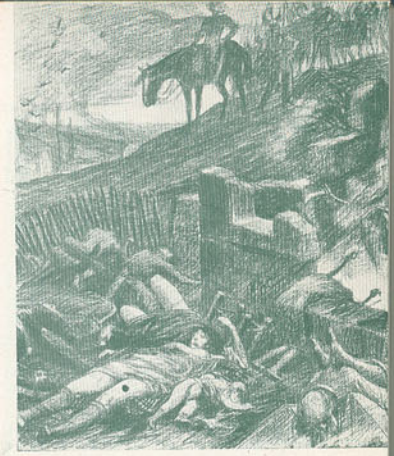
Compreende-se a grandeza de alma dêste apóstolo. Mas — triste é reconhecê-lo! — não passava dum visionário que vislumbrava um mundo utópico, dum sonhador, cuja bondade era quási tão grande como a sua ingenuidade infinita!

Dizia êle ainda:

"Parece estarmos chegados a um novo ciclo do Tempo. A humanidade desperta dêsse longo sono que não a deixava compreender as vantagens e a possibilidade da paz. O despertar é lento, mas é evidente e seguro. Assim como há muito os homens inventaram os tribunais para resolver os conflitos entre os indivíduos, e lhes respeitam as sentenças, muitos estão a vêr que, com a mesma simplicidade, se podiam resolver pacificamente as discórdias entre as nações. A arbitragem serena pode substituir com grandes vantagens as guerras fratricidas, inúteis e estéreis.

"Isso, porém, demanda uma poderosa organização, e só poderá realizar-se quando a paz tiver penetrado nas inteligências e nos corações. Reconhecendo-se que existe no homem o instinto combativo, vê-se a necessidade de aproveitar êsse instinto, dando-lhe uma orientação útil e progressiva. É preciso mostrar bem claramente o ideal da paz, e convencer cada um da necessidade de lutar pela realização dêsse ideal, para se estabelecer no Mundo a verdadeira civilização, a civilização perfeita. Guerra à guerra! é o lema dos pacifistas, mas com as armas da paz e da justiça. O espírito combativo deve canalizar-se em benefício da humanidade, para que seja extinta a miséria e o sofrimento físico e moral.

"Os antigos diziam: *Si vis pacem, para bellum.* (Se quereis a paz, preparai a guerra). Ainda há quem acredite nesse aforismo latino que equivale a aconselhar aos que desejam a saúde que preparem a doença. Felizmente vai crescendo o número dos que entendem que quem quere a saúde tem de combater a doença. Assim também quem desejar a paz, terá de combater a guerra, não com as espingardas ou com os couraçados, que são as armas da guerra, mas com a educação dos espíritos e com a demonstração de que a paz é uma necessidade das consciências e a lei do mundo moral para a ventura e progresso da humanidade.



O trágico triunfo — por G. Rochegrosse

"Muitas são as vozes que através dos séculos, têm chamado a humanidade para o caminho da paz. A mais sublime pela sua simplicidade e elevação foi a de Cristo quando proferiu os ensinamentos eternos do "Amai-vos uns aos outros» e do "Faça cada um aos outros o que quere que os outros lhe façam».

"Dêsse princípio basilar têm brotado mil formas de actividade pacifista, e hoje, além da religião, muitas actividades políticas, económicas e sociais, se encaminham no sentido da paz. No campo político vemos em marcha a ideia da federação dos Estados, que, na concepção de Briand, pode ir até o ponto de se criar os Estados Unidos da Europa; no campo económico, a indústria e o comércio inclinam-se para a organização internacional, e no campo intelectual e moral, a solidariedade é já hoje um facto incontestável.

"Além dêstes movimentos que o próprio interêsse imediato movimenta, há as instituições pacifistas propriamente ditas, cuja acção é enorme em todo o Mundo, a favor da paz. Isto é tudo quanto há de mais autêntico e real.»

Escrevia-se isto há cinco anos com a mais encantadora bondade e a mais ingénua das confianças.

A patrulha — água-forte do pintor Sousa Lopes

O teatro mais moderno do Mundo

A verdadeira arte teatral, que tantas vezes deslumbrou os nossos avós, graças ao génio dos grandes artistas, acabou para sempre.

O constante avanço da civilização esmagou definitivamente os grandes talentos que só em si contavam, como a pólvora acabou de vez com os esforçados batalhadores de montante e armadura.

Muito se falou na garganta privilegiada de Caruso, cuja voz se elevava numa marcha triunfal até o céu.

Hoje, qualquer corista o suplantaria, tendo à mão um alto falante...

Vejamos o que já se consegue:

No Teatro da Ópera de Berlim acaba de ser criada uma instalação electro-acústica que, no sentido de inovação, pode ser considerada a mais perfeita até hoje. Trata-se duma ampliação da instalação distribuïdora de som montada há oito anos neste teatro, e que tão bons resultados deu, que actualmente, na Alemanha, existem quatro teatros com instalações análogas. A reprodução artificial do som é capaz de reproduzir todos os sons musicais quási tão bem como o original, isto é, como a orquestra ou a voz humana, ou, usando dos termos técnicos, diremos que a acção amplificadora abrange actualmente tôdas as vibrações sonoras em 30 a 10.000 por segundo, e permite eliminar completamente tôdas as perturbações produzidas pela amplificação (coeficiente de distorção não lineal) e reproduz todos os sons quási com a mesma fidelidade que a música original. E, assim, as instalações de altofalantes modernos podem enriquecer e aperfeiçoar a forma artística, ao mesmo tempo que facilitam o trabalho dos artistas, e, em especial, o do director de orquestra.

As missões mais importantes desta instalação podem ser assim descriminadas: a transmissão e amplificação da voz falada ou cantada, de modo que o director de orquestra tem a possibilidade de reanimar o som de cada papel, e corrigir os defeitos acústicos que se notem no palco ou na plateia. Pode amplificar a voz de um cantor ou a fala declamada, a fim de obter efeitos especiais. As vozes dos coros podem ser captadas em locais situados fora do palco e transmitidas à cena por meio de altofalantes. Também as conhecidas máquinas de teatro, tais como: tambores de chuva, aparelhagem para reproduzir o ribombar dos trovões e o sibilar do vento, etc., podem ser convenientemente enriquecidas em face da instalação acústica, fazendo com que os ruídos e sons emitidos por discos gramofónicos cheguem aos ouvidos dos espectadores através duma instalação de altofalantes, o mesmo sucedendo com o soar do *gong* ou o toque de sinos. Finalmente, esta instalação secunda eficazmente o trabalho no palco durante os ensaios, visto que as instruções do ensaiador são transmitidas a todos os sectores, atingindo-se assim a harmonia completa. Os coros em massa, que nos trabalhos preparatórios, poderiam estorvar a cena, podem reünir-se agora em quaisquer outras salas.

Quando a direcção do Teatro da Ópera de Berlim solicitou o auxílio da Telefunken, declarou que, não sendo possível um aperfeiçoamento ideal, se contentava com as melhorias que conseguisse obter.

Pois não só foram satisfeitos plenamente os desejos da direcção do Teatro da Ópera, como também foram criadas instalações suplementares que redundam em benefício dos expectadores. Nos corredores e nas salas de espera, por exemplo, foram montados altofalantes que permitem aos que chegam tarde poderem escutar a abertura, fora da sala de espectáculo, ou tomar conhecimento de qualquer notícia especial da direcção, ou de qualquer alteração do programa.

O comodo sistema da conexão e desconexão dos microfonios

Na fila 19 da plateia há vinte cadeiras com auriculares para surdos. Também há linhas especiais para transmitir qualquer representação à estação emissora. Uma outra instalação permite aos que tomam parte nos ensaios e nas representações definitivas seguir, nos seus camarins, o decorrer da peça e saber, com precisão, quando tem de comparecer no palco.

Na orquestra, no palco, nas salas de coros, nas câmaras de transmissão e na sala de espectáculo há 19 tomadas microfónicas. Para a amplificação e conexão destas e dos altofalantes há uma central com grandes quadros de distribuïção que permitem efectuar em poucos segundos tôdas as manipulações necessárias para conexão e desconexão. Na orquestra, perto do palco e da central, há três postos reguladores da intensidade do som. Altofalantes de *contrôle* transmitem ao engenheiro do som as mesmas sensações acústicas que os espectadores. Na cabine da direcção do som há, cêrca da central, um duplo gramofone para intercalação de discos na representação, e um carrilhão electro-acústico.

Na cena há seis altofalantes de combinação que reproduzem os tons altos e baixos separadamente, e por conseguinte duma maneira perfeita e clara. Dois dêles encontram-se aos lados da cena, ou seja sôbre a orquestra. Êstes alto falantes possuem paredes acústicas de 6 mm que irradiam os sons sem os amortecer. Os outros quatro encontram-se no palco, permitindo deslocar a radiação do som para trás ou para diante. Como em alguns casos, os cantores têm que fazer algum esfôrço para superar ou dominar a orquestra, a primeira fila de altofalantes transmite as vozes dos artistas, conseguindo fazê-los ouvir com absoluta clareza.

Na cabine de contrôle do som

ACTUALIDADES DA QUINZENA

Festa infantil — A Escola Infantil n.º 1, do Porto solenizou o Natal com os mais entusiásticos aplausos da petizada que sob êsses tectos protectores se abrigam. Foi improvisado um curioso «Auto do Natal», tendo, no final sido distribuido a tôdas as crianças vestuários, doces, géneros alimentícios e brinquedos. Calcule-se a alegria dessas pequeninas almas que com bem pouco se contentam. As nossas gravuras apresentam um trecho da selecta plateia, e a atitude imponente do Pai Natal distribuindo brinquedos e guloseimas

Festa no Quartel de Marinheiros — Comemorando o Natal, realizou-se no Quartel de Marinheiros uma impressionante festa a que assistiu o sr. Presidente da República com sua esposa. As gravuras acima mostram um especto da assistência à festa, e o Chefe do Estado, com sua esposa e o elemento oficial. Num quadro exposto lia-se, em grandes letras esta eloqüente legenda: Total atingido por subscrição até 19 de Dezembro de 1936 — 26.832$34 — Filhos de soldados e marinheiros contemplados, 746, de sargentos do Exército e da Armada, 916

Festa do Curso de Direito (1921-26) — Os antigos alunos da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa (1921 a 1926) festejaram o 10.º aniversário da sua formatura. Após a celebração duma missa por alma dos condiscípulos já falecidos, dirigiram-se ao gabinete do director da Faculdade de Direito, dr. Domingos Pinto Coelho, tendo o dr. Palma Carlos saudado os mestres, em nome do curso, e recordado os tempos idos e a amizade que sempre uniu todos os condiscípulos. Realizou-se um almôço em que foram trocados os mais colorosos brindes. — A' direita: Os primeiros passageiros e as primeiras encomendas chegadas da Alemanha pela Luftansa

VIAGENS NA

PANORAMAS

DE VISEU, PELO VALE

Um lindo trecho de Viseu

MANHÃ cedo. Primavera.

Saíndo de Viseu, termina a larga várzea, numa sementeira de casais.

Súbito, avança o bravio da montanha de rápidos valeiros só cortada.

E' agora, à esquerda, Santo Estevão. Á direita o Monte de Santa Luzia. Depois, o Campo. E são verdadeiras pradarias que recomeçam, com Mozelos, linda aldeia assente nas faldas da colina. Travanca assoma.

O caminho de ferro segue na orla de um grande vale, rico de culturas. E vamos assinalando, aqui e além, lugares festivos, acolhedores, sorrindo entre os soutos e a esmeralda dos prados, cantando no rumor das águas.

Chegando a Bodiosa, avista-se a serra da Gralheira.

A vinha de berço e a de enforcado dominam já. E da aspereza dos montes à doçura das campinas cresce a laranjeira com os seus pômos de oiro.

Mossâmedes — um jardim no vale largo e profundo.

E é já a bacia vasta de léguas — tão formosa! — circundada por serranias, cujos espigões avançam, cobertos de pinheiral.

Os povoados nascem do solo, como por maravilha. E dêsde o "thalweg", onde remanescem os arroios, até ás portelas, onde os ventos combatem, o ser humano urde ninho e faz-se convidado como as aves ao banquete da vida. Na estrada, ao lado, uma procissão vai passando. No macadame desenrola-se um tapete de funchos, de páscoas, de abrótegas, de espadanas, de juncos, de alecrim e de rosmaninho.

Erra um perfume esquisito, doce e acre, das plantas pisadas sôbre o ardente pó. Foguetes, música... E sol divino!

E' a mesma procissão da minha infância, que tantas vezes vi em outras terras da Beira: o senhor prior, majestoso nas suas vestiduras, debaixo do pálio, expondo o Santíssimo, com os seus acólitos, o digno juiz com a umbela, pausado, grave, os mordomos, de luzido fato, levando o andor aos ombros, com as mordomas tafuis à frente, as irmandades, com vestes encarnadas e rôxas, conduzindo votivas velas, e os anginhos, de asas de cambraia, cobertos de lentejoilas, o cabelo aos caracóis, a face còrada, babadinhos; e, desfraldando-se nos ares, estandartes e pendões, flamejantes insígnias do paganismo erguidas ao ceu. E a filarmónica, empenachada, com o metálico instrumental atroando as quebradas!

Mas, na vanguarda do cortejo, precedendo os guiões — Jesus! — que vejo!? Um rebanho de bodes com laços de seda multicôres nos chifres, com a sua pera imponente, a cornadura erguida, chibantes, mefistofélicos, a passo cadenciado!...

E que de árvores floridas! Das grandes macieiras adejam pétalas aos milhares; e, a cada instante, nêste doce vergel, há uma chuva de rosas...

E o centeio, a cevada, a aveia e o trigo, tudo vão colorindo, vales, encostas, outeiros... Marulham, maravilhadas, as águas!

Nas devezas alegram-se os soutos, rebentando os gomos, e, desabrochada a folhagem, revestindo-se de verde litúrgico, de verde bronze e ouro, carvalhos, castanheiros e sôbros vão-se de abalada pelos montes, até ao negrume dos pinhais cerrados. E a sombria floresta é penetrada de luz resgatadora.

A trincheira vai-se abrindo em granito. Sucedem-se pequenos túneis. E, de improviso, numa fulguração, lampeja à direita o Vouga... S. Pedro do Sul!

Para sempre o quadro se fixa na retina; o anfiteatro magnífico, as variadas culturas escalonando-se em socalco, a fragrância das vinhas e dos pomares, as searas ondeantes, os bastos arvoredos de adorno e de sombra.

E o casario, apinhado aqui, solto além, tugúrios de humildes, mansões burguesas, fidalgos solares, jardins e hortêjos, e a melancólica voz do Vouga, entre os afagos da briza e os murmúrios dos regatos, e a majestade da montanha iminente, solene e religiosa...

* * *

A linha férrea, que parecia despenhar-se, brandamente coleia, demandando S. Pedro, e vem descendo, até que, atravessado o rio, pára em frente do povoado, na orla da veiga. Velhos carvalhos, entre casais floridos, torcem seus vigorosos troncos, no amoroso esfôrço de suster as vides que das altas ramadas se desatam, atirando-se, ébrias, à fugidia corrente...

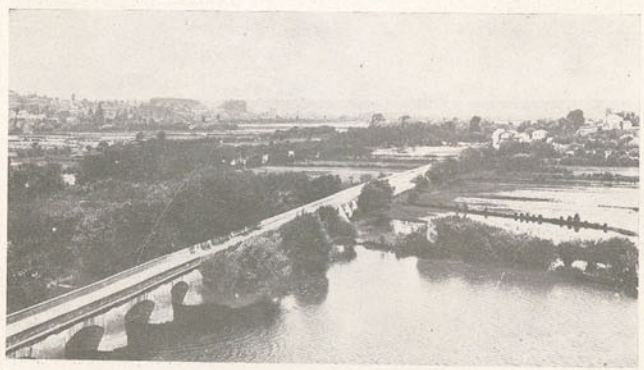
Partindo, de novo atravessamos o Vouga. A água espadana nos açudes. Corre, na outra margem, a estrada das Termas. As trincheiras estão cobertas de oiro dos giestais. Dos pomares sóbe uma canção alada. A locomotiva arfa, na subida. Flameja ao sol o sobreiral adusto. Investimos contra o môrro da Nossa Senhora do Castelo. O santuário, contemplado a distância, mais cidadela que templo, parece suspender sôbre abismos baluartes e barbacãs. Sôa na tôrre o alarme dum sino de correr...

A linha rompe as raizes da formidável fortaleza. Ao desembocar do túnel, Vouzela aparece à direita, tôda apinhada no sopé do monte. Sôbre a estrada os carvalhos frondejam. Atravessamos o Zela, que, perto, aflue ao Vouga. O panorama dilata-se. E as colinas vão bater contra a Gralheira. O vale sereno desce com o sereno rio, que rebrilha na verdura.

Há agora um desafio entre a via de macadame e a via férrea, ambas subindo, volteando, cabriolando sôbre precipícios...

Do vale trepa o amanhadio em socalcos. E nas encostas e nas lombas soalheiras realça o esplendor dos vinhêdos. Ao perfume silvestre dos matos junta-se o cheiro húmido da terra, acre, e o travor resinoso dos pinhais.

S. Vicente é uma enseada edénica. E, encostando-se aos contrafortes da Gralheira, que surtos de povoados tentadores!



O murmuroso Vouga na Ponte da Rata

MINHA TERRA

DA BEIRA

DO VOUGA, A AVEIRO

Oliveira de Frades. O vale de Lafões continua, magnificente: a païsagem privilegiada, característica entre tantas maravilhas da terra portuguesa, é de uma decoração assombrosa, fundindo montes, águas, côres de vegetação e de solo em doce melancolia.

Subimos sempre até Pinheiro. À volta da estação, já distanciada do vale, as culturas alternam com o maninho, vestido de tojos e éricas, de carqueja e fetos.

De capucha, uma pobre mulher despede-se da filha ternamente, e recomenda, entre soluços:

— Rapariga, porta-te bem! Minha filha, tem juizo!...

E a filha, morena de olhos pretos que cintilam, de braços roliços e ancas cheias, tôda airosa e bem vestida, sorri, debruçando-se da portinhola:

— Para o que lhe havia de dar, senhora mãe! Sempre tem coisas!...

Na realidade, esta mãe tem coisas, coisas esquisitas, lembranças singulares — estranhos remoques do Inverno à Primavera em flor...

E, no arranque da locomotiva, ainda a mãe suplica:

— Rosa, tem cuidado, porta-te bem, tem juizo!

A rapariga lança ao vento o seu lencinho branco; cai depois, em tristes lágrimas, na bancada... O seu peito ofegante, a sua boca túmida, o seu corpo perfeito!... Rosa brava dos montes, como te aclimarás na cidade?

O castanheiro desabotôa. O carvalho cerquinho dorme ainda, enquanto o alvarinho já verdeja nos visos. O medronheiro derrama-se pelas quebradas. E, transitando alternadamente sobre schisto e granito, topamos Vila Chã.

O vale de Lafões é como um grande fôsso entre a serra da Gralheira e a serra das Talhadas. Mas esta não é senão um contraforte da serra do Caramulo, embora as separe o rio Águeda. A gente destes sitios é já decerto caramuleira. Não só o denuncia o seu tipo físico, mas tambem a linguagem castiça, a facil elocução, a expressão clara do pensamento, o dizer simples que vai em linha recta. E uma franqueza rude que não exclue a polidês fidalga.

De monte a monte é tudo fragância e côr; ondas de perfume silvestre correm no ar lavado, em direitura ao mar.

Passamos Arcozelo das Maias. Agora é Ribeiradio... Que lindo!

Sucedem-se pequenos túneis. E torrentes de água e de verdura.

Aí vem Cedrim. E, antes de Paradela, reaproximamo-nos do Vouga...

Sempre em anfiteatro, a um e outro lado do rio, vão subindo socalcos. A floresta corre ao cimo dos montes.

Aveiro — Veneza lusitana

E o rio é uma delícia. O Poço de Santiago é um idílico trecho intraduzivel, que murmura suavidade, amor, enternecimento. É uma concentração saüdosa, como um suspiro fundo, encerrados vale e rio na palpitação das montanhas, sob o azul do ceu.

Passamos por uma ponte nos conduz á margem direita do Vouga, cujo leito é agora areado e liso, espelhando as colinas nas águas verde-claras. Para o vale, que se confrange, desembocam dos gretões ondas rôxas de flor de urze. O caudal serpeia entre salgueiros... Retalhos de insuas, portinhos, angras...

Pelos montes, a giesta vai atirando aos matagais abadas de oiro. Já barcos sulcam o rio. Desde o Carvoeiro o vale alarga-se e a corrente aprofunda-se...

Em Sarnada estronca, no caminho de ferro do Vale do Vouga, o ramal de Aveiro, que vamos seguir. Atravessamos de novo o rio.

Eis um remanso dôce das águas onde barcos estão pairando — o portinho de Serem. Visinha, a quinta do antigo domínio conventual, com uma formosa mata. Aqui perto, no Marnel, se bateram absolutistas e liberais, ha cem anos.

Macinhata do Vouga. Salão, barros, grés vermelho. Sôbre a verdura dos campos, tapetes de amarelo pampilho e de irizada soagem.

A serra da Gralheira fica a nordeste; declinando para norte, as serras do Arestal e das Talhadas. Seguimos à borda das veigas, semeadas de povoados. Dos outeiros descem sempre pinhais. O clima torna-se aqui mais amoroso. Já as vides bracejam pâmpanos. A vinha de enforcado, que dominou em todo o percurso, desapareceu. Na Aguieira apuram-se as culturas — magníficos vinhêdos e pomares-jardins.

Passamos Mourisca. Às Barreiras de Águeda avista-se a serra do Buçaco. Bem próximo se feriu, em 1919, o combate em que perdeu a vida o heróico capitão Vasques. Como a terra de Portugal continua a ser regada de sangue de portugueses!

Já a várzea se dilata a perder de vista. Estamos nos campos de Águeda. A vila estanceia sobranceira, em formosa cenografia. Ao sair da estação, avistam-se Recardães, Espinhal, Ois da Ribeira. Para sul, Requeixo, na margem esquerda do Águeda. Soutos de carvalhos nas encostas.

Além do Casal de Álvaro, em Cabanões, avista-se o fundo da Pateira de Fermentelos, formada pelas águas do Cértima, afluindo ao Águeda. Deixamos Travassô, à direita. As paredes das casas são formadas de adobe e de saibro rijo, que é a pedra da região. Atravessamos o rio Águeda que, além da Ponte da Rata, entra no Vouga. Desde Sarnada o não tornáramos a avistar. Salgueirais, vimeais, amieiros andam boiando sôbre as águas. Alinham-se sôbre as estradas os altos troncos dos choupos e dos negrilhos.

Que beleza a da païsagem! Aberta ao céu, clara, luminosa, nimbada de ouro, fulva, entre as mansas águas e as grandes árvores, ela caminha, doce e lenta, espraiando-se até ao Oceano.

Barcos descem, de velas soltas...

Eirol, S. João de Loure, Eixo. À direita, Esgueira.

E, no poente, Aveiro, — as praias, o farol, o Mar...

Lopes d'Oliveira.

Mulheres da Serra do Caramulo

FIGURAS E FACTOS

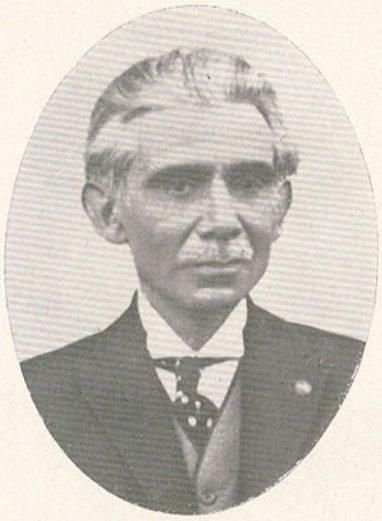
Mário Barros

UM novo livro de Mário Barros em que se desenvolve uma vida torturada nas páginas de algumas cartas cheias de emoção e realidade. É necessário ter-se passado pelo transe para se entrar tão fundo nos sombrios arcanos da psicologia humana. O autor da "Sempre noiva" conseguiu avolumar os seus créditos já firmados.

Joaquim de Paço d'Arcos

O autor do "Heroi Derradeiro" e dos "Amores e Viagens de Pedro Manuel" não carece já de apresentações ante o público português que sabe ler. Se carecesse, limitar-nos-íamos a apresentar-lhe o "Diário dum emigrante" e a dizer-lhe: Leia, que lê um bom livro, escrito conscienciosamente, em boa prosa, e digno do maior aplauso.

António Correia de Oliveira



O poeta do "Verbo ser e verbo amar" publicou um novo livro que intitulou "Roteiro da Gente Moça" que ficará sendo um excelente guia dos espíritos em formação.

Enfeixou nesse volume de formato tão pequenino que quási cabe na palma da mão, máximas, conselhos e provérbios que ensinam a amar a terra abençoada que nos foi berço.

Êste livro não será a sua melhor obra, mas enternece pela sua intenção. É que o poeta da "Ara" e de tantas obras em que patenteou os seus vôos de condôr, entrou numa fase apostólica e simples como o ciciar das ramarias de Belinho. Agradou-nos, portanto, a sua obra, mas apenas pela santa ingenuïdade que a reveste.

Bourbon e Meneses

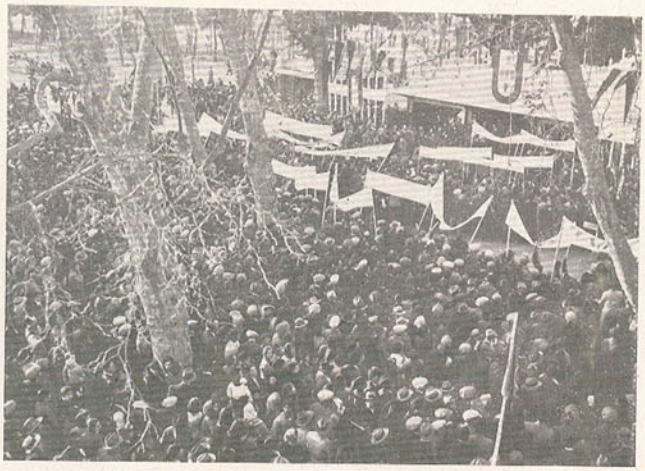
NÃO conhecem "A Ronda da Noite"? É um dos melhores livros de Bourbon e Meneses. Poderia chamar-se também a Ronda de Lisboa, visto que tudo o que há de miserável e sofredor ali perpassa. Bourbon e Menezes, mais que um médico, não observou corpos doentes, auscultou almas alanciadas pelo sofrimento.

António Rosado

MAIS um volume de versos dum poeta que desabrocha, não em camélias singelas e nevadas, mas em chamas rubras como os horizontes que visiona. "Labaredas" é o do seu livro, e oxalá que seja a oferenda votiva para a grande obra que o seu cérebro engendra e todos nós desejamos ardentemente.

Centenário de Ramalho Ortigão

Comício nas Caldas da Rainha



A memória do grande escritor Ramalho Ortigão foi solenemente evocada no Porto, sua terra natal, em grandiosas cerimónias de consagração. Após o descerramento duma lápida na rua que tem o nome do formidável crítico de "As Farpas", foi inaugurada uma exposição bibliográfica de Ramalho Ortigão, sendo, em seguida, aberto o Museu de Autógrafos e Recordações Finalmente, no salão nobre dos "Estudos Portugueses", no Palácio de Cristal, efectuou-se uma sessão solene. A nossa gravura apresenta um trecho da assistência ao descerramento da lápida. — *A' direita:* Um aspecto do comício anti-comunista nas Caldas da Rainha.

NOTAS DA QUINZENA

O Orfeão Académico de Lisboa, antes de partir para o Funchal, visitou o ministério da Instrução. Conduzidos pelo seu regente, o maestro Hermínio do Nascimento, os esperançosos mancebos foram ali apresentar os seus cumprimentos de despedida ao titular daquela pasta que é também seu presidente honorário. Quando o sr. dr. Carneiro Pacheco entrou no Salão Nobre, o Orfeão cantou o hino nacional. Seguidamente, o ministro da Instrução usou da palavra, dirigindo palavras de incitamento aos orfeonistas, terminando por lhes desejar uma feliz viagem, com a certeza de que os madeirenses saberiam receber a embaixada da Universidade de Lisboa

Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho. — Sob a presidência do ministro da Educação Nacional realizou-se no Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho a solene abertura do novo ano lectivo. Após a sessão solene fez-se a distribuïção de prémios relativos ao ano anterior transacto. Os dois prémios pecuniários mais importantes couberam, o primeiro — «Prémio Maria Amália Vaz de Carvalho» — à sr.ª D. Amélia Nogueira de Figueiredo, visto ter concluido com distinção um curso superior, e o segundo à sr.ª D. Maria Augusta Santana que concluiu o curso complementar de letras.

Tendo completado o 36.º aniversário da sua fundação, a Associação Protectora da Primeira Infância realizou uma festa comemorativa que teve a assistência do sr. Presidente da República. Na nossa gravura vê-se o sr. general Carmona, acompanhado pelo ministro da Educação Nacional, dirigindo algumas palavras às mães que daquela modelar instituïção beneficiam. — *A' direita:* Um aspecto da cerimónia da inauguração de uma lápida na casa onde viveu o historiador Gama Barros. Tendo rendido, com freqüência, justas homenagens à memória de homens ilustres, a Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Lisboa não podia esquecer o autor da História da Administração Pública em Portugal nos séculos XII a XV

FIGURAS E FACTOS

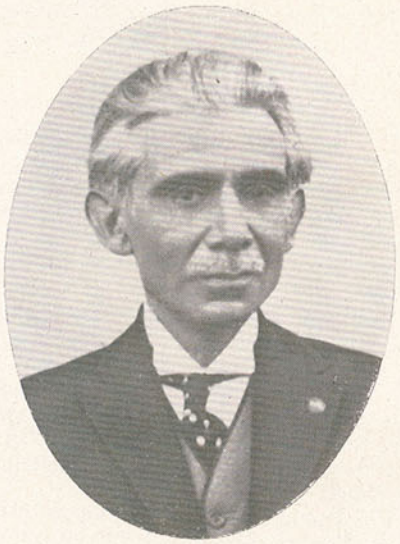
Mário Barros

UM novo livro de Mário Barros em que se desenvolve uma vida torturada nas páginas de algumas cartas cheias de emoção e realidade. É necessário ter-se passado pelo transe para se entrar tão fundo nos sombrios arcanos da psicologia humana. O autor da "Sempre noiva" conseguiu avolumar os seus créditos já firmados.

Joaquim de Paço d'Arcos

O autor do "Heroi Derradeiro" e dos "Amores e Viagens de Pedro Manuel" não carece já de apresentações ante o público português que sabe ler. Se carecesse, limitar-nos-íamos a apresentar-lhe o "Diário dum emigrante" e a dizer-lhe: Leia, que lê um bom livro, escrito conscienciosamente, em boa prosa, e digno do maior aplauso.

António Correia de Oliveira



O poeta do "Verbo ser e verbo amar" publicou um novo livro que intitulou "Roteiro da Gente Moça" que ficará sendo um excelente guia dos espíritos em formação.

Enfeixou nesse volume de formato tão pequenino que quási cabe na palma da mão, máximas, conselhos e provérbios que ensinam a amar a terra abençoada que nos foi berço.

Este livro não será a sua melhor obra, mas enternece pela sua intenção. É que o poeta da "Ara" e de tantas obras em que patenteou os seus vôos de condôr, entrou numa fase apostólica e simples como o ciciar das ramarias de Belinho. Agradou-nos, portanto, a sua obra, mas apenas pela santa ingenuïdade que a reveste.

Bourbon e Meneses

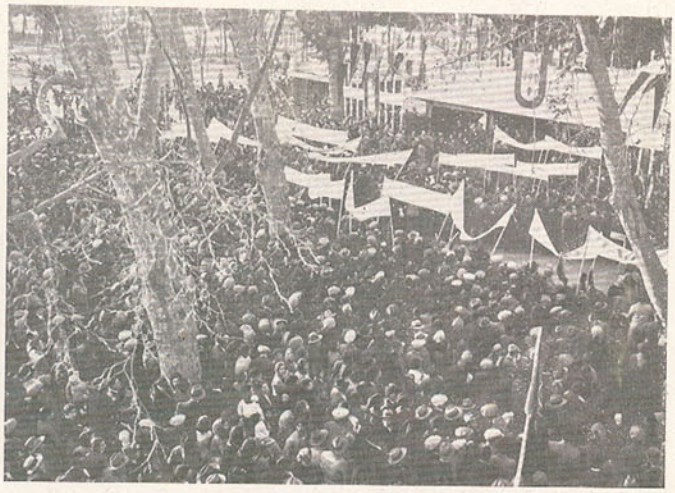
NÃO conhecem "A Ronda da Noite"? É um dos melhores livros de Bourbon e Meneses. Poderia chamar-se também a Ronda de Lisboa, visto que tudo o que há de miserável e sofredor ali perpassa. Bourbon e Menezes, mais que um médico, não observou corpos doentes, auscultou almas alanciadas pelo sofrimento.

António Rosado

MAIS um volume de versos dum poeta que desabrocha, não em camélias singelas e nevadas, mas em chamas rubras como os horizontes que visiona. "Labaredas" é o do seu livro, e oxalá que seja a oferenda votiva para a grande obra que o seu cérebro engendra e todos nós desejamos ardentemente.

Centenário de Ramalho Ortigão

Comício nas Caldas da Rainha



A memória do grande escritor Ramalho Ortigão foi solenemente evocada no Porto, sua terra natal, em grandiosas cerimónias de consagração. Após o descerramento duma lápida na rua que tem o nome do formidável crítico de "As Farpas", foi inaugurada uma exposição bibliográfica de Ramalho Ortigão, sendo, em seguida, aberto o Museu de Autógrafos e Recordações Finalmente, no salão nobre dos "Estudos Portugueses", no Palácio de Cristal, efectuou-se uma sessão solene. A nossa gravura apresenta um trecho da assistência ao descerramento da lápida. — *A' direita:* Um aspecto do comício anti-comunista nas Caldas da Rainha.

NOTAS DA QUINZENA

O Orfeão Académico de Lisboa, antes de partir para o Funchal, visitou o ministério da Instrução. Conduzidos pelo seu regente, o maestro Hermínio do Nascimento, os esperançosos mancebos foram ali apresentar os seus cumprimentos de despedida ao titular daquela pasta que é também seu presidente honorário. Quando o sr. dr. Carneiro Pacheco entrou no Salão Nobre, o Orfeão cantou o hino nacional. Seguidamente, o ministro da Instrução usou da palavra, dirigindo palavras de incitamento aos orfeonistas, terminando por lhes desejar uma feliz viagem, com a certeza de que os madeirenses saberiam receber a embaixada da Universidade de Lisboa

Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho. — Sob a presidência do ministro da Educação Nacional realizou-se no Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho a solene abertura do novo ano lectivo. Após a sessão solene fez-se a distribuïção de prémios relativos ao ano anterior transacto. Os dois prémios pecuniários mais importantes couberam, o primeiro — «Prémio Maria Amália Vaz de Carvalho» — à sr.ª D. Amélia Nogueira de Figueiredo, visto ter concluido com distinção um curso superior, e o segundo à sr.ª D. Maria Augusta Santana que concluiu o curso complementar de letras.

Tendo completado o 36.º aniversário da sua fundação, a Associação Protectora da Primeira Infância realizou uma festa comemorativa que teve a assistência do sr. Presidente da República. Na nossa gravura vê-se o sr. general Carmona, acompanhado pelo ministro da Educação Nacional, dirigindo algumas palavras às mãis que daquela modelar instituïção beneficiam. — *A' direita:* Um aspecto da cerimónia da inauguração de uma lápida na casa onde viveu o historiador Gama Barros. Tendo rendido, com freqüência, justas homenagens à memória de homens ilustres, a Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Lisboa não podia esquecer o autor da História da Administração Pública em Portugal nos séculos XII a XV

A doce paisagem que envolve Coimbra

RECORDAR É VIVER!

Coimbra — inspiradora de elegias e vilancetes

De como se prova a inspiração dum poeta mesmo sem estar... por detraz da cortina

Meu querido amigo.

Com risonha surpresa, li o que no último número da "Ilustração» se dizia a meu respeito.

Só assim veio ao meu conhecimento que era poeta, e que me atribuiam uns versinhos galantes, feitos a uma cortina e a uma Senhora, que o autor dos versos dizia que estava por detraz dela. Eu acho a "partida» graciosa, não estou de modo algum zangado, nem sequer contrariado com o caso, mas sou forçado, mesmo por modéstia, a dizer esta coisa simples: êsses galantes versos não são escritos por mim, e só tomei deles conhecimento, como qualquer outro leitor da vossa "Ilustração». A composição é bonitinha. O seu autor deve ser pessoa educada, daqueles sujeitos de quem se diz que são "muito finos», e, não sei porquê, suponho-o um tudo nada linfático. No meu tempo de Coimbra, conheci um estudante a quem chamavam o "Antunes dos bigodes» — por causa duns fartos bigodões à Kaiser, que lhe ornavam o lábio. Este rapaz, que é hoje uma pessoa consideravel, tinha o segredo das sínteses lapidares, em duas, três palavras, proferidas com gravidade e convicção, através da farta bigodeira. Lembra-me que, uma vez, falando nós dum poeta do tempo, Antunes decretou com uma absoluta certesa esta coisa lapidar: "Fulano, é um poeta bastante satisfatório». Ora, eu sempre gostei de adoptar as fórmulas, quando elas me parecem perfeitas e adaptaveis à hipótese, e assim, parafraseando o Antunes, direi do autor dos versos, que êle me parece — "bastante satisfatório».

Mas também me parece esta outra coisa: é que êle deve ter, no máximo, vinte e cinco anos. Essa idade é a idade lírica. Só nessa quadra da vida se espreitam, liricamente, as cortinas de renda das janelas, defronte das casas onde há raparigas bonitas. Só a mocidade desculpa essas atitudes bisbilhoteiras. Eu não tenho aqui, ao alcance, a minha certidão de idade, mas peço-lhe o favor de acreditar, sob palavra, que já passei por lá, por aquêle tempo que até Deus alegra, como se diz no ritual romano: *ad Deum qui laetificat juventutem mea.*

Também nunca percebi porque é que a Suprema Bondade precisa especialmente de alegrar essa época da vida. Depois, sim. Quando a neve cai já sôbre a nossa estrada, e os "aureos colibris», de que fala Junqueiro, nos deixam a nós o coração vasio, para ir fazer o ninho em outro coração, nessa altura é que a Graça Divina se devia exercer, eficazmente, para nos dar a alegria que nos falta. Porque é nêsse tempo que o homem precisa dêsse favor especial, para combater a melancolia que se prende e se liga ás almas, na rijeza com que os musgos e os lichens, se prendem ás árvores cansadas. E' assim que o Sol, no outono, é como um sorriso da natureza. No "verão de S. Martinho» até os lagartos intoiridos de frio, saem dos murós de pedra solta, a gosar-lhe a luz e o calor.

Mesmo que eu, em rapaz, fui alegre, mas nunca fui lírico. Cultivava o lirismo, — apenas sob a forma da "Canção Nacional». Fui "cultivador». Os dedos nunca me serviram para medir as sílabas dos versos, mas para pisar cordas de arame. Tinha a minha predilecção, "o mi menor»... Algumas vezes, acompanhei ao violão choroso, a "Rosa Regimenta», grande cantadeira do meu tempo, que, se já não é viva, Deus a tenha em sua santa guarda, em paga dos momentos de êxtase inefável que me deu, quando na Estrada da Beira, em noites românticas, "sonorisava aurora na garganta».

Assim, meu caro Gomes Monteiro, eu nunca fiz versos... Perdão. Não digo inteiramente a verdade. Fiz — mas foi só uma vez. Se você me dá licença, eu conto o caso.

Estava eu no meu quarto ano jurídico, quando apareceu em Coimbra, hospedando-se no Avenida, um casal de turistas, acompanhados duma filha. O nome dos pais não sei, mas sei que a filha, talvez por uma remota origem francesa, se chamava Germaine. Descrever-lha, não tento. A lembrança que dela guardo, mesmo apesar de exacta e nítida como a conservo depois de tantos anos, se a tentasse traduzir em palavras, ficaria uma coisa vulgar, ao lado dessa perfeição de beleza orgulhosa e loira. Foi com certeza, numa mulher assim, que o Rostand pensou quando escreveu:

Un piége de nature, une rose muscade,
Dans laquelle l'amour se tient en embuscade...

Coimbra dos estudantes

A Academia enlouqueceu de admiração, — digamos — estética... Eu nunca soube, por tendência de espírito, conservar-me estranho a todos os grandes movimentos colectivos, e não desmanchei o conjunto. Germaine aceitava, risonhamente, com o desembaraço de rapariga desempoeirada, — ainda que irrepreensivelmente correcta, — todo êsse culto. As lindas mulheres como os Deuses, gostam de incenso. Havia alguns estudantes, os rapazes janotas da "Ladeira do Seminário» que gosavam do privilégio escandaloso de falar à Deusa. Isso desesperava-me. Eu não usava coletes de fantasia, nem batina com bandas de seda, mas achava êsse privilégio iníquo. Mas, ou fôsse porque a minha batina e a minha capa não lhe inspirassem confiança, ou porque eu tivesse fama de petroleiro, o caso é que, com dilações, pretextos, excusas, ninharias, a linda rapariga evitou isso sempre.

Percebi, nitidamente, que ela, tão afavel, tão gentil, tão sociavel para tôda a gente, me olhava de soslaio, fugia de mim como da peste, e nem queria que eu a visse...

E foi então que, trovadorêsco e lírico, lhe enviei o seguinte *Vilancete:*

Tão pouco peço, Senhora,
Que é cruel não me atender,
Só peço para vos vêr.

VOLTAS

Que mal vos faz que eu vos veja
Um momento só por dia?
Se é a única alegria
Que o meu coração deseja?
Mesmo de longe que seja,
E um momento só que fôra,
Tão pouco peço, Senhora.

O Mondego acima de Coimbra

Outros tenham melhor sorte
E bem melhor recompensa
Que, para mim era imensa
Ver-vos ao preço da morte,
Como a vida não me importe
Quando a viva sem vos ver
E cruel não me atender...

Mesmo de longe que seja
Só de ver-vos me contento,
E dais alívio ao tormento
Que sofre quem vos não veja.
O meu olhar só deseja
Ver-vos e depois morrer:
Só peço para vos vêr.

Depois, certa noite, quando soube que ela estava para partir de Coimbra sem que eu lhe falasse, à luz dum candieiro de petróleo da Vacuum, na minha "república» da Couraça de Lisboa, em frente ao Mondego luarento que corria ante os meus olhos, eu senti-me elegíaco, e fiz-lhe mais versos.

Devo dizer-lhe que tenho atenuantes. Você, Gomes Monteiro, não calcula o que é uma noite de Coimbra na primavera. O luar foi com certeza, o que inspirou a Beethoven, a sonata célebre.

A cidade cheira bem. Defronte da minha casa cantavam os rouxinois nos choupos de Santa Clara. Os ralos, os grilos, as rãs, em unísono, faziam-lhe o contra-canto. Germaine era linda!

Sucedia que eu tinha acabado de ler, na harmoniosa língua de Petrarca, uma dôce elegia de Stecheti, o cisne de Bolonha, que se adaptava ao meu estado de alma. Estava triste, a noite admiravel entrava-me pela janela com todos os seus ruídos e todos os seus perfumes. Eu tinha vinte anos...

Aí vai a elegia:

Quando ler's, já velhinha, encanecida,
Esses versos de amor que te enviei,
Recordarás a época da Vida,
O tempo em que te amei...

E deixarás, no teu isolamento,
Pender teu rosto pensativo, absôrto,
E pensarás em mim, nêsse momento,
Em mim, que estarei morto.

Parecer-te-á ouvir, gelada e fria,
Na voz do vento a soluçar, lá fóra,
Que a minha voz te vem falar agora,
Com cruel ironia.

E a voz dirá: na tua solidão,
'Stás recordando o teu cabelo loiro,
Como era belo o capacete de oiro
Que te coroava então!

Ah, como o Tempo te mudou, maldoso,
E te imprimiu no rosto os seus sinais,
Onde estão hoje, o teu corpo orgulhoso,
E os teus desdens reais?

Sòzinha no teu lar, lembras, chorando,
Tua beleza morta e a mocidade,
E eu, morto, chorarei na Eternidade,
Inda por ti esperando!

E já que a Vida me não pôde dar,
Uma sombra, sequer, do teu carinho,
Vem, para ao pé de mim, vem descansar,
Tens o lugar quentinho...

Aqui tem tôda a minha obra poética, caro Gomes Monteiro. Quem me teria feito a partida de me atribuír os versos da "Cortina»? É, com certeza, um inimigo meu, para me indispôr, com pessoas sensatas e ponderadas, de cuja consideração eu preciso, e... que tenham processos a distribuir nos tribunais...

Como quer que seja, as boas, generosas e amigas palavras com que a "Ilustração» precede os versos que me atribui, agradece-lhas *ab imo pectore*, a seu admirador e amigo

Lisboa, 23 de Dezembro de 1936.

Ramada Curto.

O mistério da Maja desnuda

UM CAPITULO DO PRIMORO LIVRO DE JÚLIO DANTAS

A duqueza de Alba — quadro de Goya

a conhecer melhor êsse país tão cheio de nobres tradições, e — de quanto é capaz o mágico poder do talento! — passamos até a querer-lhe bem!

O poder descritivo de Júlio Dantas é tal que até as flôres sêcas que juncam o túmulo do grande Goya parecem rescender ainda aos jardins da Moncloa. É que ler Júlio Dantas, é perfumar o espírito.

Transcreveremos o capítulo intitulado La Maja desnuda:

Muito *se tem escrito sôbre a velha e fidalga Espanha, sendo ás centenas talvez os livros que nos falam do seu passado glorioso, da sua paisagem, ora dura e cruel como as vertentes asturianas, ora amena e cantante como as veigas andaluzas, das suas* malagueñas *tão capitosas e embriagadoras como o vinho dessa região de encanto que se debruça no Mediterrâneo, das suas verbenas, das suas touradas, das suas superstições, do seu património artístico, em suma.*

Mas faltava ainda alguma coisa essencial: um livro que nos empolgasse tão profundamente que nos desse a impressão de acompanhar o seu autor através de tôda a sua digressão, desde as margens do Minho ás do Guadalquivir.

Esse livro apareceu, finalmente.

Intitula-se Viagens em Espanha, *e foi escrito pelo eminente homem de letras, dr. Júlio Dantas.*

Nada mais seria preciso dizer para se calcular do alto valor desta obra.

Lêmo-la dum fôlego, gulosamente, ficando-nos além do prazer inefável que as suas páginas nos transmitiram, a plena confirmação daquêle adágio que nos previne de que «o que é bom acaba depressa!»

É que o livro Viagens em Espanha *com que o insigne escritor vem enriquecer ainda mais a sua obra vastíssima e sempre atraente, tem o condão de ser sugestivo e original, apesar de focar um assunto que muitos homens de letras, em digressão por terras castelhanas, trataram já com mais ou menos rodeios.*

Até hoje ninguem nos tinha dado uma tão ampla visão dessa Espanha que, sendo nossa visinha, é para quási todos os portugueses como se estivesse situada nos confins do Thibet ou da Polinésia.

Através das páginas de Júlio Dantas ficamos

Ao entrar no Museu do Prado, de Madrid, dirijo-me, instintivamente, para as salas de Velásquez. São as primeiras capelas do meu culto. Depois de ter admirado, uma vez mais, a obra extraordinária do mestre das *Lanças*, os meus passos encaminham-se para o lado onde está Goya. Na sala circular, à mão esquerda, junto à porta, encontra-se o quadro que desde logo atrai o meu olhar, e, segundo creio, o de todos os visitantes: a *Maja desnuda*, obra-prima da pintura espanhola, irmã mais nova da *Vénus do espelho*, de Velásquez, e das *Vénus* de Ticiano e de Giorgione.

Da última vez — não sei porquê — demorei-me, mais do que de costume, a analisar êsse corpo de mulher, ao mesmo tempo voluptuoso e infantil, sensual e cândido, que é uma das glórias de Goya. Entretive-me a seguir-lhe as curvas delicadas do torso e da anca; a notar a graça natural da atitude; a admirar o que há de virginal e de inocente na modelação puríssima dos seios; a interrogar a expressão irónica daquela fisionomia, cujo sorriso — porque a *Maja desnuda* sorri —, cujos olhos pérfidos, em amêndoa, cujo nariz recto e clássico de estátua grega, cujos cabelos negros, abundantes como uma juba, realizando um conjunto porventura desharmónico, possuem um penetrante e indefinível encanto. Não me limitei a verificar as perfeições daquele tipo singular de mulher; notei-lhe, também, as imperfeições. A anatomia é, nalguns pormenores, defeituosa; os joelhos, descarnados e agressivos; o busto, demasiado alto para o módulo geral da figura; a perna, do joelho para baixo, de um modelado pouco gracioso. Mas o que há de imperfeito na *Maja* de Goya prende-nos tanto, ou mais, do que aquilo que nela há de perfeito. Não é às vezes pelas suas qualidades, mas pelos seus defeitos, que as mulheres mais nos agradam. A *Maja desnuda* não será bela, concordo; mas é peor do que bela, porque é terrivelmente perturbadora.

Nessa mesma tarde, um diplomata meu amigo, muito considerado em Madrid, preguntou-me se eu já visitara o palacete da Moncloa.

Como lhe disse que o conhecia apenas de tradição, porque Primo de Rivera me falara nêle, em Mondariz, em Julho de 1929, o meu amigo pôs o seu automóvel à minha disposição, e êle próprio me acompanhou a êsse *Petit Trianon* madrileno, célebre na história galante do fim do século XVIII e do princípio do século XIX — o gineceu das *majas* aristocráticas imortalizadas pelo pincel de Goya — palácio isolado numa paisagem austera em que Velásquez encontrou (aí e na Puerta de Hierro) os céus e os horizontes dalguns dos seus quadros, e que deve aos governos de Cambó e do Marquês de Estella a sua reconstituïção e reintegração como monumento nacional. Passei nesse pequeno museu — que lembra o nosso palácio de Queluz — uma hora inolvidável de evocação. Construído no século XVII pelo marquês de Eliche, D. Gaspar de Haro, filho de D. Luiz, marquês del Carpio, e sobrinho-neto do conde-duque de Olivares, o palácio da Moncloa estava abandonado e arruïnado quando, em Dezembro de 1781, a ilustre D. Maria Ana da Silva y Sarmiento, ao enviuvar do segundo marido, o duque de Arcos, António Ponce de León, o comprou e começou a restaurar, ao gôsto italiano do tempo, para refúgio tranqüilo da sua dupla viuvez. A duquesa de Arcos morreu dois anos depois (Janeiro de 1783), e a quinta e palácio passaram a constituir propriedade da filha do seu primeiro casamento com o duque de Huescar, a célebre duquesa de Alba, D. Maria do Pilar Teresa Caetana da Silva, pelo marido duquesa de Vila Franca e de Medina Sidónia, uma das mulheres que maior influência exerceram na sociedade e na arte espanhola do último quartel do século XVIII, a instituidora, com a rainha Maria Luíza (menos bonita, embora mais escultural do que ela) da moda das *majas*, adoptada pela côrte e pela "mocidade doirada" do tempo de Carlos IV, e — justo orgulho da sua biografia galante — a grande paixão de Goya, que a retratou muitas vezes, que reproduziu, em obras imortais, os traços picantes da sua fisionomia, e que, segundo a lenda, entrava furtivamente, altas horas da noite, pela pequena porta que ainda agora se vê, dissimulada, numa das paredes da alcôva. Durante dezoito anos, até à sua morte (1802), foi a duquesa de Alba a proprietária, a decoradora, a renovadora, a habitante fiel nos meses de verão, a organizadora das festas campestres do Jardim del Barranco, que reviveram a graça ligeira dos quadros de Van Loo, — numa palavra, a alma do palácio da Moncloa. E, dizer que a alma da Duquesa vive naquela morada aristocrática, o mesmo é afirmar que nela se adivinha, em cada recanto, em cada pormenor, por vezes, mesmo, nas pinturas que revestem algumas das paredes, uma centelha do génio ardente de Goya.

Percorri, com o meu amigo, tôdas as dependências do palácio: o vestíbulo severo, com as suas colunas dóricas caneladas, os seus bustos de imperadores romanos e a sua estátua de Baccho; a ante-sala dos lacaios onde há pinturas a têmpera, de Braambila; a sala de acaju, de que mais tarde Carlos IV, ao tomar posse da residência, fêz o seu escritório; a luminosa galeria a que chamam "sala de espera"; a casa dos mosaicos e dos cristais doirados, obra de Roberto Michael, com o seu varandim onde revoam, pintados, todos os pássaros familiares do arvoredo do Pardo e do Retiro; o oratório gótico do marquês de Eliche; a sala de jantar, em que admiramos o belo lustre de Veneza, a fonte, a tribuna de colunelos para os músicos, o friso romano onde passam quarenta sátiros dançando; e, finalmente, os aposentos íntimos que foram da duquesa de Alba e mais tarde da rainha Maria Luíza, a alcôva, a ante-alcôva, o toucador, o quarto de banho. Foi nesta parte do palácio que nos demorámos mais, porque o homem — e, em especial, o homem de letras — é curioso e malicioso. Com efeito, tôda a história anecdótica da Moncloa gira em volta destas quatro salas, que conheceram os mais íntimos segredos de algumas mulheres célebres pela jerarquia e pelo espírito, em especial da "duquesa Caetana", nome por que era no tempo conhecida a excelsa *maja* criadora daquela vivenda.

E, sem dúvida, muito interessante o toucador, com a sua sobreporta representando Diana no banho, o seu Récamier, e, sôbre uma cómoda Império, de acaju e bronze doirado, a cópia do retrato da duquesa de Arcos, mãe da duqueza Caetana, por Mengs; não o é menos o quarto de banho, revelador dos cuidados sumários que a higiene merecia às "belezas profissionais" da aristocracia madrilena do século XVIII. Mas, onde a nossa atenção de visitantes se apurou, foi na alcôva e na ante-alcôva, que comunicam entre si por três arcos graciosos, formando na verdade uma peça única, exemplar admirável do estilo italiano. Na decoração, muito original, parece ter andado mão de Goya. O pintor fingiu, nas paredes, algumas janelas de persianas entreabertas, e, na porta de entrada, uma grade de ferro através da qual se vê, dando, a certas horas, uma ilusão perfeita, a paisagem de Moncloa: na ante-câmara é dia, o céu azul esplende, as cômas do arvoredo rumorejam; na alcôva, a noite desce e adivinham-se as estrêlas. Falemos baixo, não acordemos as sombras que dormem: viveu ali o amor.

Dr. Júlio Dantas

A alcôva, iluminada por candelabros que surgem dos seios de duas cariátides — a fonte da vida é, também, fonte de luz — guarda ainda o leito que foi da duquesa de Alba, leito de criança, recoberto de uma sobrecama de sêda bordada, que deixaria no nosso espírito a mais inocente das impressões se não existisse, disfarçada na parede, a pequena porta indiscreta que conduz ao jardim. O tecto, delicadamente pintado, simula uma renda. Na ante-câmara, entre as janelas, sôbre um fogão de mármore branco, reflectindo-se no espelho lampejante do alçado, debruça-se um busto, também de mármore, representando uma mulher moça, bela, colo opulento, expressão irónica, os cabelos em caracois amparados por uma leve touca francesa que recorda a graça real de Maria Antonieta: é o busto da duquesa de Alba, da famosa "duqueza Caetana", a mulher fatal, a *vamp* da Moncloa, ditadora da moda na côrte de Carlos IV, rival da rainha Maria Luíza de Parma na elegância, na extravagância e no futurismo, — modêlo e musa inspiradora de Goya. Perante essa escultura de voluptuosa ondulação, reproduzida da estátua que orna o túmulo da Duquesa no panteão da Sacramental de Santo Isidro, o meu amigo e meu cicerone sorriu, olhou o busto, tornou a sorrir, e disse-me, os olhos cintilando de malícia inteligente por detrás dos cristais da luneta:

— Não é verdade que se parece com a *Maja desnuda?*

Com franqueza, hesitei em responder-lhe. Há, sem dúvida, no busto da duquesa de Alba, traços fisionómicos das duas *Majas* do museu do Prado: o nariz é o mesmo; os olhos parecem-se; assemelha-

A rainha Maria — quadro de Goya

GOYA *auto-retrato*

«La Maja desnuda» — quadro de Goya

«La Maja vestida» — quadro de Goya

-se a oval do rosto; os seios, que se adivinham na escultura, correspondem, na delicadeza virginal, à maravilha do colo da *Maja desnuda*, que certo cardeal da Renascença diria modelado pela taça de ouro de um Médicis. As duas *Majas* porém, a nua e a vestida, têm uma expressão mais enigmática, mais perversa; e o recorte da bôca difere, embora ligeiramente, no busto da Duquesa e nas *Majas* de Goya. A questão tem sido muito debatida. Há quem pretenda destruir radicalmente a lenda, dizendo — e é verdade — que a *Maja desnuda* foi pintada em 1803, e que a duquesa de Alba faleceu, ainda nova, em 1802. Evidentemente, a ilustre dama, depois de morta, não podia de modo algum, por maior que fôsse o seu desejo, desnudar-se perante o artista. Mas tôda a gente sabe que em muitas obras, realizadas depois da morte da Duquesa, Goya reproduziu a fisionomia e os pormenores anatómicos do seu modêlo predilecto, não apenas porque os conservava na memória dos olhos e do coração, mas porque em vida os fixara em estudos e em esbocetos freqüentes. Será o belo corpo da *Maja* uma dessas reminiscências plásticas motivadas pela paixão do pintor, — que, como a do grande florentino dos sonetos, viveu para além da morte? Alguns historiadores de arte manifestam a opinião, quanto a mim demasiado radical, de que a questão nem mesmo tem de ser apresentada, porque não julgam admissível a existência de qualquer anecdota amorosa entre uma mulher de trinta anos e um homem de cinqüenta, que, de mais a mais, era surdo. Lembro-me de ter lido isto no notável livro de Beruete y Moret sôbre Goya retratista. Ora, nem os homens de cinqüenta anos — graças a Deus — devem considerar-se definitivamente excluídos da possibilidade de uma aventura, sobretudo com uma mulher de trinta, nem Goya — julgo eu — precisaria de ouvir bem para compreender que a duquesa de Alba gostava dêle. Os grandes apaixonados são grandes silenciosos, — e podem portanto, sem inconveniente de maior, ser surdos. O problema teria de resolver-se, naturalmente, comparando a *Maja desnuda* com os retratos da duquesa de Alba pintados pelo proprio Goya; quere dizer, aproximando interpretações da mesma mulher, realizadas pelo mesmo pintor. O busto, reprodução de uma escultura póstuma, não me ofereceu elementos bastantes para poder concluir que o mestre dos *Caprichos* tivesse pintado a *Maja* pensando na duquesa Caetana, ou, sequer, que houvesse utilizado, para a sua execução, estudos ainda feitos em vida do seu encantador modêlo. O exame duma miniatura existente na Moncloa também nada adiantou. Limitei-me, portanto, a encolher os ombros e a responder ao meu amigo, quando entramos no automóvel que nos conduziu ao Ritz:

— É possível. As mulheres parecem-se tanto umas com as outras...

A idéa, porém, continuou a germinar no meu espírito. No dia seguinte, procurei conhecer, ao menos pelas reproduções, os vários retratos oficiais da duquesa de Alba pintados por Goya. Não era fácil, com efeito, vê-los nos originais. Um dêles, o do cãozinho, em que a Duquesa, vinte anos apenas (1780), nos aparece vestida de musselina branca bordada a oiro, com uma cinta de sêda vermelha e os cabelos crespos e soltos, estava no palácio de Líria, hoje destruído pelas chamas; o retrato da Duquesa em trajo de *maja*, saia preta, mantilha preta, corpete amarelo doirado (1779), encontra-se na colecção goiesca da *The Hispanic Society of America;* o terceiro retrato, que representa Maria do Pilar Tereza Caetana em trajo de côrte (1785), pertence ao duque de Aliaga, que o tem no seu palácio. Pude ver, apenas, as reproduções dos dois primeiros. Há quem diga que não se parecem com a *Maja desnuda*. Talvez. A duquesa de Alba, nos retratos oficiais de Goya, tem, realmente, um ar espantado, uma expressão atónica que não se encontra nas *Majas;* mas o nariz é o mesmo, recto, clássico; os mesmos olhos negros e os cabelos crespos e exuberantes; e o corpo, que se adivinha sob a musselina do retrato do palácio de Líria, parece-se, na graça da modelação, na firme delicadeza do seio, com o busto admirável da *Maja nua*. As pequenas diferenças existentes não seriam propositadas, — quere dizer, não se justificariam pela necessidade, que o pintor teve, de atenuar a semelhança fisionómica do modêlo, por se tratar de uma exibição em completo estado de nudez? O problema permanece, e permanecerá, emquanto não se fizer um estudo comparativo sério (não sei se já se terá feito) entre a iconografia goiesca da Duquesa e os quadros célébres do museu do Prado. Não sendo a duquesa de Alba, a *Maja*, quem poderia ter sido o modêlo de Goya? O neto do pintor — leio numa das obras que consultei — dizia, em 1868, que a mulher imortalizada no quadro do avô era a companheira de um frade que se comprazia na confissão de moribundos, o padre Bavi, conhecido no tempo por *El Agonizante*. Mas que documentos o confirmam? Quem nos assegura, mesmo, que o padre Bavi existiu?

Antes de saír de Madrid, fui, como de costume, à pequena ermida de Santo António de la Florida visitar o túmulo de Goya. E' aí — sob o lanternim em que o assombroso mestre pintou, entre revoadas de arcanjos orantes, a imagem e os milagres de um Santo português — que os seus restos mortais repousam, transladados de França, numa sepultura onde se lêem estas simples palavras: "*Nasció en Tundelodon, 10 marzo 1746; morió en Bordeos, 16 abril 1828*". Coroas antigas, flores sêcas juncam a pedra sepulcral ladeada de altos tocheiros, sob a luz votiva da lâmpada de prata em que brincam e revoam três anjos que parecem três "amores" de Boucher. Sinceramente lamentei que se encontrassem tão longe uma da outra, a Sacramental de Santo Isodro onde repousa a duquesa de Alba, e a ermida de Santo António, jazigo de Goya. Uma figura de mulher, pintada numa arquivolta pelo mestre, recorda-nos, ainda uma vez, a expressão subtil da *Maja desnuda*, repetida em tôdas as suas obras. Insensìvelmente — não havia ninguém na ermida — aproximei-me do túmulo, curvei-me sôbre êle, à altura do coração, daquele coração onde viveu, e onde talvez vivesse ainda na morte, a imagem da duquesa Caetana, e preguntei-lhe, na ilusão de que obteria uma resresposta:

— E' ela a *Maja*, não é verdade, mestre?

Júlio Dantas.

A família de Carlos IV — quadro de Goya

O DELICIOSO MILAGRE

— Vamos, meu amor... vamos fazer ó-ó, — muito depressinha, sim?

A petizinha cerrou os olhos pestanudos que lhe sombriaram de negro as faces rosadas, e murmurou:

— Sim... "mãizina"...

A mãi — pois era a mãi essa linda rapariga tão branca e loira — branca e loira que mais parecia estampa sagrada fugida de mimosos vitrais — quedou-se por momentos a olhar amorosamente o vulto pequenino, semi-oculto sob as roupas alvíssimas do leito, e depois, atirando-lhe um beijo na ponta dos dêdos, apagou a luz, e em biquinhos de pés, dirigiu-se para a porta que comunicava com os aposentos dela.

Uma vez aí, parou.

Chegava até o seu ouvido atento, uma vòzinha branda, em suave apêlo:

— "Mãizina!"

Com o coração assustado já, na antevisão dolorosa de quaisquer perigos, retrocedeu um passo, e logo sorriu, desanuviada, de tal cuidado, a fronte bela...

Bébé dizia, na sua linguagem tão difícil:

— "Mãizina"... Não esqueça... Quando o "Menin Jesu" vié... uma "moneca" p'á "menin" e, uma "moneca" p'á "fila" da "Maía"... Sim, "mãizina"?

Á candura adorável de bébé, respondeu o sorrir enternecido da mãi:

— Sim, meu bem! E, agora... ó-ó, sim? Novamente o — sim — soou... e dessa vez foi certo.

Magda, que ficára imóvel, a escutar, não tardou em apercebêr-se, no silêncio tépido da alcôva infantil, da respiração pausada e tranqüila, reveladôra dum sôno sem cuidados e sem pesadêlos, do sôno feliz da vida, do sôno que tantas saüdades faz nas horas negras de amargas insómnias — o sôno da infância!

Depois, atravessou a porta, e penetrou nos seus aposentos.

Vagarosa, foi olhar as horas no pequeno relógio de mármore, colocado sôbre a mesinha de cabeceira.

— Nove e meia! — murmurou, dolorosa — e o Paulo sem chegar!

Mais entristeceu, e foi de lágrimas nos olhos que dum grande embrulho no chão, extraíu duas grandes e lindas bonecas.

Apertou-as com ternura, e poisou-as sôbre a colcha de rendas que cobria o formoso leito.

Depois, deixou-se caír na poltrona que lhe ficava em frente, abandonando-se na contemplação duma fotografia que representava um mancêbo simpático, rôsto insinuante e viril, dêstes que um sorriso a prometer a mais linda frase que os homens já disseram em tôdas as línguas — amo-te! — torna irresistíveis.

Sorriu-lhe... quási esquecida das preocupações que lhe vincavam a fronte — dantes tão lisa e fresca — e depois, volvendo com um gemido, à angústia do presente, escondeu o rôsto nas mãos, e perdeu-se nas suas cogitações, em que a sacudiam longos estremecimentos.

Finalmente, a porta do quarto abriu-se, e o homem cujo rôsto Magda tão fervorosamente contemplára, surgiu no limiar.

Elegante, nobre, muito mais que seria possível adivinhar no retrato, o seu porte revelava bem todo o orgulho indómito do homem que se sabe ser forte, desejado e temido.

O seu olhar era talvez mais frio e desdenhoso que o da fotografia, tinha uma outra expressão de escárnio — que não de amor, ao dar com o vulto fremente da mulher, e a bôca contraída nervosamente revelava bem pouco de ternura.

Com passos breves caminhou até junto do leito, e deixou caír, sêco, o nome que tão docemente o fizéra palpitar:

— Magda!

A jóvem ergueu-se, como se a impelisse secreta mola, e dando de face com o marido, esqueceu os ressentimentos que lhe faziam brotar dos lindos olhos essas gotinhas puras como o cristal, olvidou as humilhações que o seu amor despresado tão mal sofria, para só pensar que o seu marido, o seu Paulo, — o seu amor! — estava ali, pertinho de si, dos seus braços, dos seus beijos!

Alvoroçada, correu para êle, lançou-se-lhe ao pescoço, num supremo grito de ventura, onde ia toda a sua alma terna:

— Oh! Paulo!

Mas Paulo — o seu amor — não correspondeu ao beijo ardente que lhe humedeceu os lábios, não estreitou ao peito êsse corpito tremente de paixão.

Frio, gélido, como se todas as neves das montanhas brancas, que o sol ilumina... mas não aquece, se acumulassem sôbre o seu coração amorável de português, repeliu-a, e dirigiu-se para o guarda-vestidos. Abriu-o, mexeu nas gravatas... E depois, indiferente:

— A do baile?

A desventurada estremeceu... Passou-lhe ante os olhos a chama duma vertígem, julgou que ia caír... mas o seu amor, mais uma vez, e assim tão duramente afrontado, fê-la reagir, e, indignada, lágrimas de dôr e desespêro a queimarem-lhe as faces que o desgôsto ruborisava, replicou:

— Pois quê?! Até hoje? Hoje, a noite sagrada da família, também me deixas, me abandonas? Oh, Paulo!...

— Fitas! — disse, escarninho.

— Fitas? Fitas? Mas para que casaste, então, se querias ser livre? Para que desejaste mulher e filha, se ambicionas go-

sar o mundo? Deixasses-me então na casa dos meus pais! Aí, ao menos, teria carinhos e ternura! Oh, Paulo! E dizes que são fitas! Avançára para o marido, quebrada a torrente ameaçadora da revolta contra um dique imenso de adoração. Fôra colocar-lhe as mãos nos ombros, pequenina, frágil, a implorar, indiferente ao olhar carregado de furôr mal-contido, que êle lhe lançava, empregando tôda a sua alma para salvar dêsse naufrágio cruel — o seu amor — tôda a sua vida.

— Pois quê, meu Paulo?! Assim essa mulher, essa malvada — se apoderou do teu pensamento, da tua vida, do teu coração? Não! Não! Não posso crêr que do teu coração — o meu coração — se tenha também apossado! Não! Tu não podes trocar a tua filhinha e a tua Magda por uma mundana... Tu não podes preferir o carinho do lar, pela ardência duma orgia! Tu não podes abandonar os afagos da tua Bébézinha, pelo túmulto dos *dancings*...

Caíra de joelhos, enovelava-se aos pés do marido, humilhada, prostrada, beijava-lhe as mãos que banhava com as lágrimas escaldantes como o fôgo que a devorava, e as palavras saíam-lhe entrecortadas de soluços, um pedaço de sua alma em cada, a evolar-se para o ingrato, que cinicamente, aceitava êsse estuar de sofrimento, com um vago sorriso de troça e impaciência.

— Paulo! Pela vida da nossa pequenina! Ao menos hoje, hoje, a noite divina do Natal, fica! Não sáias! Ha seis mezes que te perco, em cada hora, em cada instante! O que eu sôfro! Dizem-me que seja forte, que te pague com desprêso... embora fingido... Que voltarias, então! Obedeci... e tu não regressaste... Choro, suplico, humilho-me, e tu não me atendes! Oh, Paulo! Sou louca, sou! Mas, eu só sei isto... Amo-te!

De rastos, no chão, agarrada às pernas do marido, encostando a êle o rosto contraído, pela dor esperava, arfante, gemente...

Rápido, à súplica angustiosa e apaixonada, êle apenas respondeu, desprendendo-se, e com frio acento de desdém:

— Acabou-se a comédia?

Magda, soltou um grito... Dum salto levantou-se e recuou para a parede, e com as mãos enclavinhadas, apertando o seio sob o qual o coração parecia estalar, tão violentamente batia, passando sem transição do mais vivo escarlate à lividez da morte, sob a imensa vergonha que essa derradeira afronta lhe trazia, vibrou um apêlo trágico:

— Jesus! Jesus!

E, rouca pelo esforço feito, disse:

— Pois bem, Paulo. Vai, vai à tua vontade.... Mas, juro-te! Quando aqui entrares novamente, já eu terei saído, levando a nossa filha! Abandonarei esta casa para não voltar mais... Se fôr essa a vontade do Senhor, passarei fome, frio, horrôres, tudo! Mas o teu desprêso, isso não! Basta! Humilhei-me ao máximo que é possível, para te reconquistar, fiz o que poucas mulheres teriam coragem... Porque te amava, porque te amo desde que te conheci... e éramos então duas crianças! Hoje... detestas-me, e zombas do meu mal! Seja! Deixar-te-ei, e nesta casa, onde vivemos as mais doces horas de amor, onde nasceu a nossa filha, poderás instalar... essa mulher... por quem trocaste a família! Acabou-se tudo!

Falando assim, violenta, apaixonada, voz velada pela comoção, o seu lindo rosto parecia iluminado por uma chama sobrenatural, que lhe dulcificava a expressão martirizada.

Encolhendo os ombros, sem quási a olhar, o Paulo, a sorrir escarninho, respondeu:

— Ih! Que fim tão dramático! Não, minha linda! Há um meio mais fácil de solucionarmos o caso... O divórcio!

Magda, a despeito das suas anteriores palavras, cambaleou como se a houvessem apunhalado.

— Ah! Sim! O divórcio!

— Queres? Aceitas?

Ela mordeu os lábios até fazer sangue... O divórcio!

Perdê-lo-ia... para sempre... sem remédio... e não tardava talvez em vê-lo pelo braço de outra... conduzindo novo filho...

O seu Paulo! Aquele a quem dera corpo e alma!...

E lágrimas, grandes lágrimas irreprimíveis lhe sulcaram as faces.

Nesse instante, a porta de comunicação abriu-se e aos olhos do casal desunido, surgiu a mais radiosa aparição que é possível contemplar.

Uma pequenina dos seus quatro anos, descalcinha e coberta apenas com uma camisita branca, olhos azuis, interrogativamente abertos, caracóis loiros desalinhados, e boquita rósea aberta em profunda surprêsa...

— "Mãizina"! Já veio o "Menin Jesu"?

Magda não pôde responder... A vista obscureceu-se-lhe... Julgou que ia perder os sentidos, ao ver a criança que ia ficar sem pai... e caiu novamente em cima da poltrona.

Bèbé avançou até ao meio do quarto, e, ao avistar as duas lindíssimas bonecas que a mãi pusera sôbre a cama, gritou de intenso júbilo...

Mas... então... o seu olhar topou com o pai... — que ainda não vira — e que a contemplava, melancólico, perdido sùbitamente todo o seu ar escarninho e zombeteiro — sabe Deus com quantos remorsos já! — e logo, sem hesitar um instante sequer, abriu os braços ao pai...

Paulo ajoelhou; estreitou ao peito a pequenina, e apoiando-lhe a cabeça ardente no peitinho puro, deixou que duas lágrimas lhe rolassem dos olhos... Arrependia-se.

Estava salvo!

Inquieta, sem perceber coisa alguma do que à sua volta se passava, Bèbé — o pequenino anjo do seu lar — olhava os dois alternada e aflitivamente.

Choravam... era preciso que rissem...

Então, decidida, puxando os cabelos ao pai para que a olhasse, disse-lhe ao ouvido, na sua vòzinha chilriada:

— "Paizino"... A "Mãizina"... "tá a cholá"...

Paulo levantou o rosto... fitou a filha, que o beijou meigamente, e lhe disse, disposta a secar as lágrimas da mãi com o remédio que aplicavam às suas:

— "Paizino"... Vem dá um bêjino à mamã...

Sem forças e coragem para resistir ao apêlo da filha, Paulo seguiu-a... de joelhos pelo sobrado, como penitente em expiação de crime duro,

Assim chegou junto da mulher...

Bèbé observava...

Paulo estendeu as mãos... mansamente descobriu-lhe o rosto... e balbuciou... tremendo:

— Perdão!

Como única resposta, ela — alma adorável de amor e bondade — lançou-lhe os braços ao pescoço, e Paulo, estreitando-a muito, colheu nos seus lábios o beijo de reconciliação com que fizera expirar a palavra — amor!

Quando, sorridentes, enxutas as lágrimas, as suas cabeças jóvens se ergueram... avistaram Bèbé, que sentada no leito, apertava as duas bonecas do seu sonho... uma para ela... a outra para a filha de Maía...

Magda e Paulo abraçados, sorriam... Não falavam...

Receiavam quebrar com a palavra o encanto do suave milagre, que o Menino Jesus quisera depôr nas mãozinhas adoráveis de Bèbé, como presente de Natal...

Odette Passos de Saint-Maurice

VIDA ELEGANTE

Festas de Caridade

No Turf Club

Realizou-se na tarde de 19 de Dezembro último, nos vastos salões do Turf Club, a aristocrática agremiação do Chiado, um «chá dançante e Mah-Jong» de caridade organizado por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, da qual fazem parte as seguintes: D. Adelaide Leitão Pereira da Cruz, D. Ana Teles da Silva (Tarouca), D. Angela Carvajal Teles da Silva, Condessa de Alpedrinha e de Vila Flor, Condessa de Cabral, Condessa de Castelo Mendo (D. Rita), Condessa de Castro, Condessa de Vilar Maior, D. Eugénia de Almeida (Lavradio), D. Helena de Almada e Lencastre Teles da Silva, D. Isabel Gomes Salazar de Sousa, D. Isabel Roque de Pinho de Oliveira Monteiro, D. Isabel Roque de Pinho Pinto Basto, D. Maria do Carmo de Morais Palmeiro (Regaleira), D. Maria Luiza d'Orey, D. Roque de Pinho Barreto, D. Maria Teresa Pressler Lino, Marquesa do Cadaval, Marquesa da Foz, Viscondessa de Almeida Garrett e Viscondessa de Botelho, cujo produto se destinava a um fim verdadeiramente altruista.

O aspecto dos salões do Turf Club, nessa tarde eram verdadeiramente encantador, para o que muito concorreu o grande número de senhoras da nossa primeira sociedade, que ali deram ponto de reünião.

A comissão organizadora deve ter ficado plenamente satisfeita com os resultados obtidos tanto financeiro, como mundano.

No Club Tauromáquico

Com o pedido de publicação recebemos da comissão organizadora do «chá de caridade» que se efectuou nos salões do Club Tauromáquico, na tarde de 3 de Dezembro último, levado a efeito por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, a favor da Obra de Auxílio a Doentes Pobres, a nota das contas da mesma festa.

Receita bruta: 3.887$50 — Despeza: Licença, 81$00; gratificações, 95$00; bilhetes, 23$00; camioneta, 80$00; gratificações a criados, 220$00; diversos, 23$95. — Total: 522$95. — Líquido: 3.364$55.

Casamentos

Celebrou-se na paroquial dos Anjos, presidindo ao acto o reverendo Vicente Esteves, coadjutor da freguezia, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução, o casamento da sr.ª D. Helena Margarida Garcia de Morais Teixeira, gentil filha da sr.ª D. Adelaide Garcia de Morais Teixeira e do major de cavalaria João Justino Morais Teixeira, com o distinto engenheiro sr. António Alfredo Sanches de Castro da Costa Macedo, filho da sr.ª D. Alice Coelho de Vasconcelos Sanches de Castro da Costa de Macedo e do coronel de artilharia sr. Adriano da Costa de Macedo, tendo servido de padrinhos os pais dos noivos.

Terminada a cerimónia durante a qual foram executados no orgão vários trechos de música sacra, foi servido na elegante residência dos pais da noiva, à rua Antero do Quental, um finíssimo lanche da pastelaria Marques recebendo os noivos um grande número de artísticas e valiosas prendas.

Na assistência viam-se as sr.as:

D. Amélia de Vasconcelos Porto de Vilhena, D. Filomena Lamarão Vieira da Rocha, D Alice Coelho de Vasconcelos Sanches de Castro Macedo, D. Virginia Freira Garcia, D. Maria José Coelho de Castro Vilas Boas Costa e Silva, D. Maria Ana Porto Soares Franco, D Cecilia Carbonelli Arenas de Lima, D. Leonidia Maria Bernardes Rosa Garcia, D. Virginia Marques de Lemos de Morais Teixeira, D. Maria Carlota Vilas Boas Coelho Vasconcelos Porto, D. Maria Clara Coelho de Castro Vilas Boas Castelo Branco, D. Maria José de Sousa da Silveira Couto Leitão da Costa Campos, D. Maria Madalena Sousa Lima Freire Garcia e filhinha; D. Maria Amália Pereira Cirne de Castro Veiga, D. Camila de Arochela Vaz de Napoles Malheiro Garcia, D. Maria Loureiro de Macedo, D. Ester da Costa Santos Silveira Gomes, D Maria da Encarnação de Macedo Delfim, D. Maria da Conceição Pereira d'Eça, D. Maria Izabel Guerreiro Melo e Sousa, D. Maria da Arochela Vaz de Napoles Malheiro, D. Maria Francisca Pereira d'Eça, D. Maria Gabriela Sampaio e Melo, D. Emília de Sousa Macedo, D. Maria Celeste Rosa Garcia, D. Maria José Vilas Boas da Costa e Silva, D. Maria Violante Costa Campos, D. Emília de Sousa Macedo, D. Clementina Rosa Garcia, D. Maria Benedita Costa Campos, D. Eliza Sanches de Castro.

E os srs:

General Ernesto Maria Vieira da Rocha, coronel Alexandre Herculano Garcia, coronel Gonçalo Pereira Pimenta de Castro, Coronel Duarte de Nascimento Veiga, Luiz Arenas de Lima, dr Nuno de Vasconcelos Porto, dr. Júlio de Vilhena, dr. Miguel Homem de Azevedo Queirós Sampaio e Melo, Ernesto de Vilhena, Luis da Costa Campos, major Eduardo Delfim, António Augusto Garcia, dr. António Soares Franco, José de Melo e Sousa, Luiz da Costa, Júlio Silveira Gomes, Jorge Freire Garcia, Fernando Coutinho da Silveira Ramos, Guilherme Cardoso Sarsfield, Eliziário Luiz Faria Monteiro, João Maria Barreto Ferreira do Amaral, Jorge Justino de Morais Teixeira.

Os ilustres donos da casa foram de uma cativante amabilidade para com os seus convidados, pondo assim mais uma vez em destaque as suas qualidades de caracter.

— Foi pedida em casamento para o sr. José Rodrigues de Carvalho, filho do sr. António da Silva Carvalho, funcionário da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, a sr.ª D. Natalina Dias Lourenço, interessante filha da sr.ª D. Hermânia da Assunção Lourenço e do sr. Manuel Gregório Lourenço importante proprietário em Colares, devendo a cerimónia realizar-se por todo o corrente mês.

— Na paroquial de Benfica, celebrou-se o casamento da sr.ª D Maria Del Negro Ferreira, gentil filha da sr.ª D. Clara Del Negro Ferreira e do sr. José Engrácio Ferreira, com o sr. D. Ernesto Maria de Portugal, filho da sr. D. Emília de Portugal e do tenente coronel sr. Jaime de Portugal, servindo do madrinhas as sr.as D. Ema de Seixas, prima da noiva e de procuração a irmã do noivo a sr.ª D. Maria Lúcia de Portugal e de padrinhos os srs. Joaquim Tomaz de Seixas, primo da noiva e por procuração o irmão do noivo dr. Alberto Augusto de Portugal, presidindo ao acto o prior do freguezia reverendo Francisco Maria da Silva, prior da freguezia do Santo Contestável, pronunciando uma brilhante alocução o prior da freguezia, reverendo Francisco Xavier da Silva, seguindo-se a missa resada pelo reverendo Anastácio Rosa, Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua benção.

Finda a cerimónia durante a qual foram executados no orgão vários trechos de música sacra, foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche, da pastelaria «Marques», partindo os noivos a quem foram oferecidas grande número de artísticas e valiosas prendas para o Estoril, onde foram passar a lua de mel.

— Para seu filho João António, delegado do Procurador da República, em Coruche, foi pedida em casamento pela sr.ª D. Adelaide de Castro Pereira Lopes Cardoso, esposa do sr. Conselheiro Artur Alberto Camacho Lopes Cardoso, meretíssimo juiz do Supremo Tribunal de justiça, a sr.ª D Maria Delfina Capelo Franco Frazão de Figueiredo Falcão, interessante filha da sr.ª D Maria Júlia Capelo Franco Frazão de Figueiredo Falcão, e do sr. dr. Augusto Pedro de Figueiredo Falcão, importante proprietário em Pedrogam-Penamacor, Beira Alta devendo o cerimónia realizar-se ainda êste ano.

— Em Esmoriz, celebrou-se na igreja Matriz, o casamento da sr.ª D. Maria da Glória Vieira Candal, gentil filha da sr.ª D. Maria Alves Vieira Candal e do sr. Manuel Dias da Costa Candal, com o sr. Ramiro Soares Pinto Ferreira, filho da sr.ª D. Ana Rodrigues da Silva Ferreira e do sr. Manuel Soares Pinto Ferreira, tendo servido de padrinhos os srs dr. Manuel Dias da Costa Candal, e Francisco Dias da Costa Candal, irmãos da noiva e Lino Soares Pinto Ferreira e Carlos Soares Pinto Ferreira, irmãos do noivo.

Finda a cerimónia foi servido um finíssimo lanche, na elegante residência dos pais do noivo, partindo os noivos a quem foram oferecidas grande número de artísticas prendas, para Lisboa, onde vieram passar a lua de mel.

— Com a maior intimidade, celebrou-se o casamento da sr.ª D. Clara Stela Vilaverde Gonçalves, interessante filha da sr.ª D. Sára Falcão Vilaverde Gonçalves e do sr. dr João Gonçalves, distinto clínico interno dos Hospitais com o sr. dr. Luís Bravo da Mata, filho da sr.ª D. Mariana da Mata e do solicitador encartado sr. João Bravo da Mata, servindo de padrinhos por parte da noiva seus primos a sr.ª D. Carlota Martins Falcão Guia, e o sr. Mário Falcão Guia e por parte do noivo seus tios a sr.ª D. Ernestina da Costa e o sr. Jaime da Costa.

Casamento da sr.ª D. Maria Carlota de Sousa e Faro de Lancastre, com o sr. conde Carta, realizado em Cascais. Os noivos com os caudatarios

Terminada a cerimónia foi servido um finíssimo lanche, partindo os noivos a quem foram oferecidas grande número de artísticas prendas, para Lisboa, onde fixaram residência.

— Efectuou-se o casamento da sr.ª D Maria da Natividade Machado Silva, gentil filha da sr.ª D. Francisca da Glória Machado e do sr. Amiano António da Silva, com o sr Horácio dos Santos Pires, filho da sr.ª D. Maria dos Santos Pires e do sr. António Martins Pires, funcionário do nosso colega «República», tendo servido de padrinhos a sr.ª D. Helena Beja da Silva, viuva do saudoso vereador da Câmara Municipal de Lisboa sr. António Beja da Silva e o sr. Rui de Moura.

Acabada a cerimónia foi servido um finíssimo lanche, recebendo os noivos um grande número de valiosas prendas.

— Foi pedida em casamento no Pôrto, pela sr.ª D. Maria das Dores Melo da Silva Lelo, viúva do sr. José Pinto de Sousa Lelo, e pelo sr. José Pinto da Silva Lelo, para seu filho e irmão Edgar. a sr.ª D. Carolina Maria de Azevedo Mendes Pereira Campos, interessante filha da sr.ª D. Izelina Mendes Pereira Campos e do sr. Ezequiel de Campos, devendo a cerimónia realizar-se por todo o corrente mês.

— Ajustou em Berlim o seu casamento, o conceituado comerciante da nossa nossa praça, sr. Julius Neger, com fraulein Eva Weinrel, que pertence a uma família de comerciantes naquela cidade.

— No Pôrto, celebrou-se na paroquial de Nossa Senhora da Conceição, o casamento da sr.ª D. Miltz Correia da Cunha, interessante filha da sr.ª D. Luiza Correia da Cunha e do sr. Luiz da Cunha, com o distinto clínico sr. Dr. António dos Santos Amaral, filho da sr.ª D. Delfina Salzedas de Paiva Amaral e do sr. Joaquim dos Santos Amaral, já falecido, servindo de madrinhas as sr as D. Isaura Couto Lopes e D. Maria Silva Leal, e de padrinhos os srs. José Fernandes Couto Lopes e o Dr. Silva Leal. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua benção. Terminada a cerimónia que revestiu a maior intimidade, foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche, partindo os noivos, a quem foram oferecidas grande número de artísticas prendas, para o Estoril, onde vieram passar a lua de mel.

D. Nuno.

Grupo de artistas, professores e famosa tia Leocádia, em Coimbra, no ano de 1895 — No 1.º plano (sentados): Prof. Battistini e Alberto de Melo, do Instituto Industrial Bisterne; No 2.º plano (sentados): Prof. Joly, Charles Lepierre, Augusto Craquelin e Eugénio de Castro; — A' direita, em pé, no 1.º plano Leopoldo Battistini

REALIZOU-SE há dias uma piedosa romagem ao túmulo do grande artista Leopoldo Battistini que, sem deixar de amar a sua Itália, dedicara a Portugal quási meio século da sua vida.

Êste mês de Janeiro marca os aniversários do seu nascimento e da sua morte com diferença de oito dias.

Como pintor, deixou verdadeiras obras primas que a mais rigorosa crítica, exigente como sempre, enalteceu com verdadeiro entusiasmo.

Mas citemos dois episódios que, pela ingenuidade que os reveste, mostram bem que o Mestre era entendido até pelos que nada percebiam de Arte.

Battistini costumava comprar pincéis numa drogaria que então existia na Rua de S. Roque. Um dia, o droguista perguntou-lhe:

— O senhor é que é o sr. Battistini?

— Sou.

— Pois eu tenho muita admiração por V. Ex.ª. E sabe porquê? Por causa de um cobertor.

— Mas eu não sou tecelão! — replicava o artista que via na expansão do logista qualquer engraçado equívoco.

— É que eu fui ver a sua exposição ao "Século», e fiquei assombrado com os pêlos do cobertor daquele quadro "Os Emigrantes». Vê-se mesmo que é um cobertor novo!

Com efeito, assim era. Nesse magnífico quadro sente-se a lã nova do cobertor de papa, a que o pincel de Battistini conseguiu dar uma flagrante realidade.

Outra vez, no Ribatejo, estando o artista a pintar ao ar livre, um campónio, admirado com a perfeição da pintura, saíu-se com esta:

— Ah! senhor "Baptistinha»! Muita bordoada deve vomecê ter levado para chegar a pintar assim!... Olhe que eu para aprender a empar uma vinha, *apanhei castanha* p'ra riba de uma ano!...

Como ceramista, Leopoldo Battistini deixou uma recordação imperecível. Tendo tomado a direcção da Cerâmica Constância, em 1921, os últimos quinze anos de vida do artista foram inteiramente dedicados ao ressurgimento dessa fábrica que tão grande desenvolvimento tem dado à faiança artística portuguesa.

O último retrato de Leopoldo Battistini

Mas quem melhor do que a senhora D. Maria de Portugal, que, na direcção da Fábrica, sucedeu ao mestre e com êle trabalhou durante vinte anos, poderia falar de tão altíssimo valor?

Tem pois a palavra a sr.ª D. Maria de Portugal:

GOIVOS E PERPÉTUAS

EVOCANDO L. BATTISTINI

—O GRANDE ARTISTA ITALIANO QUE TANTO AMOU PORTUGAL

A Arte e a Bondade compõem as duas grandes fôrças imateriais da vida. Através de tôdas as tempestuosas fases por que o mundo passe, reconhecer-se-á sempre o poder indestrutível da arte e da bondade. São elas que trouxeram neste momento até junto dêstes sete palmos de terra algumas personalidades marcantes.

O túmulo pobre de um pobre artista, que foi rico apenas de talento, atraíu-as como as partículas de oiro no seio da terra se atraem umas às outras.

Emquanto vivo, Battistini deu lições de forma, de côr, de perspectiva. Quere dizer, luz — suprema forma da arte.

A sua alma amparou amarguras, perdoou maldades, ignorou ressentimentos. Só entendeu a beleza, com a sua sublime projecção — a bondade.

Todos os que aqui estão sentem presente o seu espírito. Os que foram seus amigos sentem-lhe a doce companhia; os que não conviveram com êle mas lhe amam a obra experimentam o confôrto espiritual que emana das coisas perfeitas; os discípulos continuam a sentir-se guiados pelo Mestre; os seus compatriotas sentem que onde estiver uma obra de Battistini está um pedaço da Itália eterna.

Quási meio século viveu em Portugal: 14 anos em Coimbra, 34 em Lisboa. Destas duas cidades espalhou, por todos os recantos de Portugal, arte e bondade. Nada guardou para si...

Teve, no entanto, a fortuna de pelo seu esquife passarem, curvarem-se, chorarem centenas de pessoas de tôdas as categorias sociais.

As últimas 24 horas que demorou na sua velha casa de S. Domingos, à Lapa, devem ter-lhe confortado a alma, tanto que o seu rosto era cada vez mais sereno e quási sorridente.

Essas duas noites frias, chuvosas, de 4 e 5 de Janeiro de 1936, não dissuadiram ninguém da via dolorosa que terminava junto do seu corpo. E digo terminava, porque, vindo transida de aflição, ao dar com os olhos naquela serenidade, a mágoa temia-se de gritar. Todos choravam, mas silenciosamente, — que assim a dor é maior.

Operárias, vindas do Casal Ventoso, com os filhos de braçado, encharcadas de chuva, enoveladas como montes de trapos junto do catafalco... Eram os modelos agora inúteis da sua galeria de humildes. Num canto, as duas filhas do seu grande amigo Charles Lepierre, e tantas das suas discípulas, petrificadas de dôr, quando a luz das velas lhes dava nos olhos brilhantes, ou no oiro dos cabelos pareciam esboços de quadros de nobre sofrimento que o Mestre sonhara.

Últimamente o amor ao fogo e à forma da faiança reacendera nele a paixão pela pintura a pastel. Desejava de novo trabalhar, preparava tudo afanosamente, como se pressentisse que se aproximavam as últimas horas.

O poente foi rápido, efectivamente; apenas lhe deu luz para criar o tríptico admirável que é a *Salomé*, inspirada no poema de Eugénio de Castro.

A mim prometera o Mestre alguns dos seus projectados quadros. Os mais belos foram os que desfilaram em frente do seu caixão. As suas mãos não os executaram, mas a sua alma gravou-os na minha alma para sempre.

A mãe do grande e saudoso artista (filho de Leopoldo Battistini)

O féretro de Leopoldo Battistini no Alto de S. João

Convivi 20 anos com Battistini; com êle aprendi tudo quanto sei; se há no meu coração alguma bondade, à sua bondade a devo. Fui o barro mais humilde de que o artista quis fazer obra de arte. Não o conseguiu. Mas transmitiu-me o amor às coisas belas e a persistente vontade de trabalhar com o fogo e o barro. Aqui lhe prometo solenemente que, emquanto eu viver, o seu nome não deixará de ser escrito nas obras que a oficina legada pelo Mestre fôr criando.

Eu, que sabia o seu acrisolado amor pela Itália, cobri o seu corpo com a bandeira tricolor. Está junto ao seu peito. Trouxe-a para Portugal há 48 anos; com os seus ossos voltará para a sua terra.

Assim terá sempre perto de si um pouco da Pátria.

Que mais dizer de Battistini, que melhor dê a sua vida e a sua alma do que os versos de Dante e Camões que escrevi no seu túmulo?

O primeiro diz:

E nessuno mai seppe il cuore chegli ebbi.

E o segundo:

Uma coração constante que se oferece
A ter por glória o ser atormentado.

Na verdade nenhum de nós, entendeu bem a alma que êle tinha; só Deus, que a criou perfeita, a poderá amar como merece.

Da vida, Battistini não quis outra glória que não fôsse a de ser atormentado — a de sofrer pela Arte e pela Bondade.

Grande e generosa alma a sua! Como poderia ela ser compreendida?

Assim falou a ilustre artista D. Maria de Portugal que, na sua enternecedora modéstia, valendo tanto, se considera "o barro mais humilde de que Battistini quis fazer obra de arte».

E' apenas nisto que protestamos, porque o artista não se faz nasce feito. Se Battistini fez da sua discípula a digna continuadora da sua obra, é porque viu com os seus olhos de vidente os méritos artísticos que esta senhora reünia. E, então, aperfeiçoou o que tão boa matéria prima lhe poderia dar.

E, assim, dêsse barro — e de barro todos nós sômos — Battistini realizou a sua melhor obra.

Portanto, continuaremos a esperar maravilhas que ficarão bem junto das que o grande artista realizou durante a sua longa peregrinação por êste bom e querido Portugal.

D. Maria de Portugal, continuadora da obra de L. Battistini

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

NÚMERO 73

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Cândido de Figueiredo, 4.ª ed.; Roquete (Sinónimos e língua); Francisco de Almeida e Henrique Brunswick (Pastor); Henrique Brunswick; Augusto Moreno; Simões da Fonseca (pequeno); do Povo; Brunswick (antiga linguagem); Jaime de Séguier (Dicionário prático ilustrado); Francisco Torrinha; Mitologia, de J. S. Bandeira; Vocabulário Monossilábico, de Miguel Caminha; Dicionário do Charadista, de A. M. de Sousa; Fábula, de Chompré; Adágios, de António Delicado; e Dicionário de Máximas, Adágios e Provérbios, de Jaime Rebêlo Espanha.

I CONGRESSO CHARADÍSTICO PORTUGUÊS

CONVOCAÇÃO

A fim de se eleger a Comissão Organizadora do I Congresso Charadistico Português são convocados todos os confrades a reünirem-se na sede da TERTÚLIA EDÍPICA, na Praça dos Restauradores, 13, 1.º, Sala 26, no dia 17 de Janeiro de 1937, às 17 horas.

ERRATA

No número anterior

onde se lê	*leia-se*
Novíssimas	Novíssima
Sincopadas	Sincopada

APURAMENTOS

N.º 64

PRODUTORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

SILENO
N.º 8

QUADRO DE CONSOLAÇÃO

ZIÚL
N.º 1

OUTRAS DISTINÇÕES

N.º 3, Veiga

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

Decifradores da totalidade — 10 pontos

Alfa-Romeo, Frá-Diávolo, Cantente & C.ª, Gigantezinho, José da Cunha, Fan-Tan, Oldemiro Vaz, Pérola Negra, Magnate, Rei Mora, Ti-Beado, X 505.

QUADRO DE MÉRITO

Capitão Terror, 9. — Salustiano, 9. — Rei Luso, 9. — Só-Na-Fer, 9. — Só Lemos, 9. — Sonhador, 8. — João Tavares Pereira, 8. — Dr. Sicascar (L. A. C.), 8. — Lamas & Silva, 7. — Salustiano, 7.

OUTROS DECIFRADORES

Elsa, 4. — D. Dina, 4. — Lisbon Syl, 3. — Aldeão, 3.

DECIFRAÇÕES

1 — *Pala-lavra-palavra.* 2 — Demostrado. 3 — Larear. 4 — Mimoso. 5 — Parrudo-pardo. 6 — Câmara-cara. 7 — Levada-leda. 8 — *Caneta.* 9 — Aberto-ato. 10 — *Ou oito ou oitenta.*

TRABALHOS EM PROSA

MEFISTOFÉLICAS

(Ao confrada Zé da Eira)

1) A tua *espécie de abelha* do Brasil chupa muito *rebuçado* e não gosta da *intriga.* (2-2) 3.

Luanda — *Dr. Sicascar (L. A. C.)*

2) *Impus silêncio* a quem tivesse *mania* ou *"telha".* (2-2) 3.

Lisboa — *Dama Negra*

3) Escutando uma *canção de barqueiros,* e usando *gíria,* encontrei uma vez um *homem nobre na China.* (2-2) 3.

Luanda — *Ti-Beado*

NOVÍSSIMAS

4) *Examina* bem a questão e toma *"nota"* de todos os pontos para que tudo fique *bem planeado.* 3-1.

Luanda — *Conde de Monte Cristo*

(A Majoqui)

5) Escorregaste na *lama?* Contudo eu *não* dispenso a *bebida refrigerante.* 2-2.

Luanda — *Dr. Sicascar (L. A. C)*

6) *"Nota"* que todo o *cetáceo* é *engraçado.* 1-2.

Luanda — *Ti-Beado*

SINCOPADAS

7) Com uma *libra* comprei uma *viola.* 3-2.

Lisboa — *Bibi (Abexins)*

8) *Trabalha,* se não te queres tornar *maçador.* 3-2.

Luanda — *Dr. Sicascar (L. A. C.)*

9) As *castanhas assadas em fogueira* eram devoradas pela *multidão.* 3-2.

Lisboa — *Négus Veiga (Abexins)*

10) Não sei que *enrêdo* há na tua *voz*... 3-2.

Lisboa — *Sepol*

11) *Grande naco não* quero. 3-2.

Luanda — *Ti-Beado*

12) Anda sempre *um tanto ébrio* devido à sua má *cabeça.* 3-2.

Lisboa — *Zé da Burra*

TRABALHOS EM VERSO

ENIGMAS

13)

Se o feminino
Alguém ataca,
Eu logo puxo
Por uma *faca.*

Se o masculino
Eu bem lamento,
E' só por ser
Muito *sardento.*

Logo aumentando,
De rir me farto:
Mas que maroto
E' o *lagarto!*

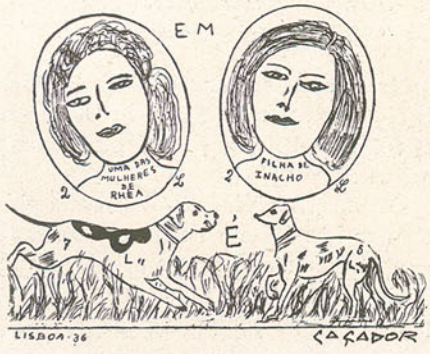
Se deminuto,
O mal espalha.
Outro tratante
Mete a *navalha.*

Lisboa — *D. Lica*

14)

Se a prima fôr a prima
E a segunda a prima fôr,
No final a prima mostra
Um *ágil* decifrador.

Lisboa — *Mariazinha*



15)

Ela é *pessoa maçadora,*
A-pesar-de ser encantadora.
Êle, deixa sempre grande *rasto,*
Quando leva seu gado ao pasto.
Aumentando, é interessante
Ver aparecer um *intrigante.*

Luanda — *Ti-Beado*

MEFISTOFÉLICA

16)

Não te *prendo.* A ingratidão
E' contrária ao meu sentir.
Nada tens no coração,
O que sabes é mentir.

Conheço os teus predicados,
Todos de menor *valia*...
Como os teus lábios eivados
De veneno — hipocrisia!

E francamente lamento
Quanto contigo passei...
Até aquele *momento*
Em que para ti olhei! — (2-2) 3

Colares — *Maria Luiza*

(Cumprimentando respeitosamente o Ex.mo Director)

17)

A vida presentemente
Arrelia cruelmente
Quem possui mulher e filhos.
Com o pouco que se ganha
Não há ninguém que mantenha
O pobre lar sem sarilhos.

É ver as donas de casa
Cujo orçamento se arrasa
Nas compras de cada dia!
E são milhentas tragédias
Para refrear as rédeas
No talho e na mercearia.

Tudo é caro e tudo aumenta,
E pouca gente se agüenta,
Se mais recursos não tem.
Certos pais, p'ra concordar,
Resolveram aumentar
A filharada também.

Sobe tudo qual balão...
O arroz, o azeite e o grão,
E a manteiga, sem cessar.
Sobe escadas o carteiro,
Mas não lhe sobe o dinheiro,
Que tanto custa a ganhar!

Há quem só coma por mês
Pouco mais do que uma vez
E não conheça desgostos!...
São felizes, eu bem sei,
Pois desconhecem que a lei
Nos *esmaga com impostos*... — 3

Há muitas casas sem pão,
Muita dor, muita *aflição,* — 1
Muita gente pobrezinha
Que a miséria consome,
E até nas ruas, com fome,
Se vê muita criancinha.

No Mundo impera o terror,
Não há crença nem amor,
Nem respeito por ninguém...
Tanto luto pela Terra,
E a visão de nova guerra
Faz soluçar muita mãi.

O *careiro* vendedor,
Sem compaixão pela dor
Dos mais miserandos seres,
Anda alegre e satisfeito
Porque a desgraça por jeito
Lhe aumentará os haveres.

Meu Portugal pequenino,
Por ti rogo e que o destino
Se compadeça dos teus.
Que venha breve a bonança,
Essa tão sublime herança
Que só pode legar Deus!

Lisboa — *X 505*

TRABALHOS DESENHADOS

18) ENIGMA FIGURADO

Tôda a correspondência relativa a esta secção deve ser dirigida a LUIZ FERREIRA BAPTISTA, redacção da *Ilustração,* rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

SUA MAJESTADE, O AMOR

PODEM os homens degladiar-se, por desencontrados ideais, podem forjar planos novos, conceber visões acomodatícias aos seus desejos e aspirações, que vai tudo quebrar-se, esfacelar-se contra o obstáculo intransponível, o obstáculo que se ergue, cedo ou tarde, ante nós todos, sejamos crentes, descrentes, déspostas ou filantropos.

Essa barreira, onde tudo se esmaga e se modifica, umas vezes, a nosso contento, outras, muito contra a nossa vontade, é o amor — o soberano senhor do mundo, em cuja côrte se acotovelam grandes e pequenos, e onde desfilam, lado a lado, a miséria e a opulência, porque tudo, irmana, tudo nivela, nos seus misteriosos desígnios, que ninguém, por mais hábil decifrador de charadas e enigmas, pode de antemão prever ou evitar.

Êsse menino, que veio ao mundo quando a êle veio o primeiro ser, nunca mais deixou em paz o género humano, nem o outro inferior, que também ama, sem saber que ama, tal qual como o homem, e como êle sofre e gosa a delícia do amor, no mesmo instante único em que a morte roça por nós e quási nos mata.

■

No meio da agitação em que as paixões espadanam nas almas, e em que a espingarda, a bomba e o canhão trazem o mundo assoberbado, é lindo e reconfortante ver que o amor não cede os seus direitos.

Emquanto os engenhos de destruïção procuram revolver a terra, o amor põe a sua mais bela grinalda, empunha a lira, e canta o beijo, a carícia suave dos lábios, canta a ternura dos pares unidos, na evocação de um futuro risonho, e não ouve a bomba que explode, nem o obuz que fende o espaço a abrir a sua rota sangrenta para a ceifa de vidas môças e cheias de sonhos de ventura.

Quer lá saber, o amor, de ódios, invejas ou ambições! Quer lá acreditar que haja alguém que pense noutra coisa que não seja a dansa dos corações, em que todos buscam encontrar o parceiro sonhado!

As suas setas, que ferem sem fazer sangue, crusam-se com armas mortíferas que quando não matam aleijam o alvo, e lá seguem o seu caminho e chegam sempre ao seu destino, por mais entraves que lhes queiram pôr.

E se não fôsse êsse miudo traquinas que nos distrae das agruras que a cada passo se atacam à pobre humanidade, podia-se lá suportar a vida?!

Mesmo quando a sua recordação nos faz doer a alma, não podemos querer-lhe mal, tal graça e tal encanto tem, o patife do amor!

Até quando nos rala e nos mortifica, não perde o interêsse que em nós desperta com as suas "partidas", nem mesmo quando nos leva no "conto do vigário".

Quando êle passa por alguém, deixa-o marcado com os laivos da sua graciosidade e ternura.

Quem amou conserva nas feições o tregeito das carícias trocadas, e no olhar o lume do explendor dos seus júbilos e tormentos.

Quem nunca se deu ao amor tem a alma ressequida e o rosto baço, como as árvores que se mirram sem ter dado flor e o vidro embaciado pela bruma do inverno, atravez do qual a luz passa dolorosamente.

Não amar é não sentir a vida, é viver morrendo. Não amar é tão monstruoso, que não tem desculpa, que não tem definição certa.

Quando a mulher que sabe amar passa na rua, tôda ela rescende a carinho, e no ambiente fica pairando um cântico dulcíssimo, aquele de que fala D. João da Câmara para definir o amor, e que "parece o cântico duma alvorada".

■

Um rei acaba de dar ao mundo o exemplo da sua submissão a essa magestade mais forte, e, humildemente, corajosamente e sem pejo, rende-lhe homenagem, na pessoa da mulher amada.

Um rei, ouçam bem, rapazinhos pedantes, que quereis afirmar a vossa tola superioridade, fazendo pouco da mulher — um rei deixa de dar beija-mão no Paço, para beijar a mão da sua escolhida, escondidamente e recatadamente.

Um rei — reparai, vós todos que combateis por um ideal torpe e falso, vós todos que arqueijais cansados de ambicionar riquezas e podério, mando e fôrça — um rei do maior império do mundo, que tinha honras, que tinha luxo, que se movia num âmbito de grandeza, aos pés do qual outros grandes da terra ajoelhavam, decidiu simplesmente viver como um burguês qualquer, longe de mesuras e continências, num canto discreto, e ser feliz!

Ser feliz não é o que vocês pensam quási todos; ter dinheiro para gastar à farta, sentir em sua volta uma aluvião de mentirosas reverências, num quadro onde os sorrisos são envenenados de inveja, e onde os olhos assassinavam, se fôssem punhais. Ser feliz é ter uma mulherzinha a quem se quer muito, e dois ou três diabretes — ou os que Deus quizer — a cambriolar pela casa fora, a enche-la de risos e alegria.

E é isto o que êsse rei quer. O seu nome, que até aqui andava na memória de tôda a gente, pela sua explendorosa significação, está hoje gravado em todos os corações, pelo sentimento de humanidade com que amorteceu todos os brilhos da sua côrte.

O seu nome hade ficar na história, maior do que os maiores, sem feitos de armas, sem bravuras, porque soube ser um Homem.

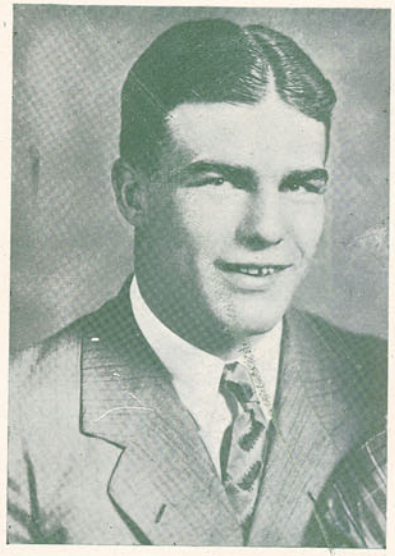
Um homem que teve a fôrça da sua fraqueza. Um homem que de coração nas mãos disse ao seu povo: "Eu sou, como vocês, um pobre diabo que não resistiu ao amor e quero largar esta túnica magestosa de rei, que é muita estreita, que me aperta a alma e não me deixa viver!"

■

Esse que foi Eduardo VIII não mais ouvirá o "God save the King", á sua passagem.

Mas ouvirá o hino de reconhecimento de tôdas as mulheres do universo, pela sua singela e sentida glorificação da Mulher.

Mercedes Blasco.



O pugilista alemão Max Schmeling, pretendente ao título mundial de tôdas as categorias.

A QUINZENA DESPORTIVA

CONCLUIU o 31.º campeonato de Lisboa de foot-ball cujo triunfo veiu a pertencer, afinal, ao Sporting, pela mercê duma última jornada sensacional que despertou no espírito público entusiasmo e interêsse há muito adormecidos.

O Sport Lisboa e Benfica, que as circunstâncias da competição haviam guindado, após um começo difícil, ao posto da vanguarda, não conseguiu evitar a derrota no jôgo derradeiro e viu-se ultrapassado na embalagem pelo seu mais antigo e directo adversário. Assim, ao Sporting, para conquistar o triunfo ambicionado, não bastou vencer o encontro que disputava, foi preciso também que o Benfica perdesse aquele que lhe competia.

Isto, que pode parecer à primeira vista de complicada subtileza, resulta unicamente da própria estrutura da competição; o Carcavelinhos, vencendo no seu campo o Sporting por 2-1, guindara o Benfica à primeira posição e, um mês depois, aplicando a êste clube a mesma pena, restabeleceu a situação primitiva. Não esqueçamos ainda, como elemento exacto de confronto de valores, que, nos dois encontros do campeonato em que se defrontaram os rivais, Sporting venceu o primeiro por 5-0 e empataram 1-1 no segundo.

Com a vitória dêste ano, o glorioso clube do Campo Grande logrou manter-se detentor do título regional pela quarta vez consecutiva, proeza notável e ainda nunca registada.

Por duas vezes já o Benfica conseguira durante três anos a fio conquistar o campeonato, em 1912-13-14 e 1916-17-18, o mesmo sucedendo com a equipa inglesa de Carcavelos em 1907-08 09, nos primeiros anos de organização da prova; o Sporting, agora, estabeleceu novo, record, em condições muito mais meritórias porque o desenvolvimento desportivo é consideravelmente maior, e o qual não cremos seja tão próximo superado.

O clube dos "leões", com o seu novo êxito, fica também sendo aquele que mais vezes ganhou o campeonato, onze espalhados num período de 22 anos. O Sporting conseguiu pela primeira vez o título de campeão de Lisboa em 1915, reincidindo em 1919-22-23-25-28-31-34-35-36-37.

Os vencedores das restantes provas foram: Carcavelos em 1907-08-09, Benfica em 1910-12-13-14-16-17-18-20-33, Internacional em 1911, Casa Pia em 1921, Vitória em 1924-27 e Belenenses em 1926-29-30-32.

No campeonato dêste ano, o clube vencedor sofreu duas derrotas, ambas por 1-2, aplicadas pelo Belenenses e pelo Carcavelinhos, empatando ainda uma vez contra êste mesmo Carcavelinhos e outra com o Benfica.

Foi o Sporting o único grupo que conseguiu marcar bolas em todos os seus encontros, totalizando um activo de 31 "goals", o maior, e consentindo apenas que lhe enfiassem 9 nas redes, o menor passivo dos seis contendores.

O internacional Manuel Soeiro Vasques, avançado centro dos "leões" foi o jogador que maior número de bolas obteve, uma dúzia nos oito encontros em que participou.

■

O problema do profissionalismo nos clubes portuguêses tem sido ultimamente motivo duma campanha na imprensa da especialidade, tanto tempo calada sôbre o assunto e agora desperta a propósito duma vira-volta de critério nas esferas dirigentes de importante agremiação, talvez aquela que maiores responsabilidades tivera na expansão desmoralizadora do mercado.

Porque na verdade se trata duma situação que convem esclarecer e cuja influência no meio desportivo nacional se pode considerar decisiva, interessa-nos também expôr parecer pessoal e é nestas páginas onde melhor cabimento encontra. Trata-se dum caso doutrinário, em absoluto acôrdo com os moldes destas crónicas.

As agremiações desportivas devem desempenhar na sociedade um papel importante. Formadas pelo aglomerado de individuos das classes mais diversas, estabelecem-se por seu intermédio laços de camaradagem entre pessoas que a vida destinara a viver separadas, e os princípios sagrados da solidariedade, do auxilio mútuo, do respeito pessoal, desenvolvem-se no contacto desportivo com evidentes vantagens mútuas: os de cima, lucram ser melhor apreciados, os de baixo progridem no convivio com criaturas de educação e cultura superior à sua.

— O S. C. de Portugal, pela quarta vez consecutiva vencedor do campeonato de Lisboa em football tem engulço em ser fotografado; por isso tem valor histórico os documentos como êste, obtido quando há meses conquistou também o campeonato nacional.

Apresentada sob êste aspecto, que é o da verdadeira moral desportiva, a missão clubista é tanto mais melindrosa quanto maior fôr a importância e expansão da colectividade, e alia ao objectivo directo de prática metodizada dos exercícios físicos, aperfeiçoamento e desenvolvimento físico dos seus associados, uma possibilidade de progresso e amparo sociais do mais elevado conceito moral.

Não cabe dentro de qualquer critério exacto de apreciação do desporto, considerá-lo como um elemento exclusivo de lucros financeiros para os seus praticantes; o profissionalismo integral não é compativel com os recursos das colectividades portuguêsas, nem representa benefício social para os rapazes que em seu regime actuam.

Acostumar indivíduos, na época mais vigorosa da existência, a uma vida divorciada do trabalho, criando em seus espíritos hábitos de preguiça e cerceando-lhes recursos para enfrentar as dificuldades sociais quando haja terminado o periodo de actividade desportiva compensadora, gerando a miragem duma situação insustentável, não é procedimento que possa merecer aplauso dos orientadores compenetrados das necessidades educativas do país.

Felizmente, o profissionalismo cem por cento não existe em Portugal, e aqueles que assim são designados raro vivem exclusivamente dos proventos auferidos pela virtude das respectivas faculdades desportivas. Consagrando ao desporto uma parte considerável da sua actividade, compensam a perda de tempo e o dispêndio de energias auferindo uma verba auxiiiar dos seus vencimentos provenientes de outra e verdadeira profissão.

Desde que seja respeitado êste critério, nenhum reparo pode merecer a retribuição pela prática desportiva; fundamentalmente indispensável é, porém, que todos os desportistas tenham um modo exacto de ganhar a vida independente dos proventos que auferem pela via do desporto.

■

O corredor de fundo Manuel Dias, merece ser apontado, pela sua classificação na Maratona olímpica como o melhor atleta português do ano.

O fenomenal corredor de velocidade Jesse Owens foi considerado pela imprensa americana, e apezar de ser negro, o melhor atleta do ano.

O extinto ano de 1936 foi pouco fértil em acontecimentos desportivos de grande monta, e se não fôra a realização dos Jogos Olímpicos em Berlim passaria à história como um período de simples vulgaridade.

A competição olímpica é, de facto, a única organização de grande vulto que a história conservará gravada para sempre nos anais do desporto, a assinalar na lembrança dos homens o 1936. Os alemães, seus organizadores, deram ao mundo a mais nobre lição de grandiosidade, perfeição técnica, disciplina e firmeza de vontade; a classe dos competidores, vindos de todos os países do universo, afirmou progressos de valor físico que as hipoteses mais lisonjeiras consideravam utópicas, antes de verificadas.

Da restante bagagem do ano, a memória posta em acção apenas nos aponta mais dois acontecimentos dignos de realce: um pela surpreza que causou ao mundo, outro pelo seu real valor atlético. Referimo-nos à vitória alcançada em junho pelo pugilista alemão Max Schmelling sôbre o negro Joe Louis, e ao novo record do mundo da hora em bicicleta, estabelecido em Milão pelo francês Maurice Richard com 45,^{km}398.

Há poucos dias, um grande diário americano reuniu em Nova-York, setenta jornalistas desportivos dos mais considerados, a fim-de indicarem por voto qual tinha sido o melhor atleta durante o ano que findava.

Por consideravel diferença de pontuação ficou classificado em primeiro logar o negro Jesse Owens, campeão olímpico dos 100 e 200 metros, da estafeta é do salto em comprimento, o homem cujo nome figura seis vezes na lista dos records do mundo homologados pela Federação Internacional de Atletismo em Berlim: 100 jardas em 9,4 s., 100 metros em 10,3 s., 200 metros em 20,3 s., 200 metros barreiras em 22,6 s., 4×100 metros estafetas em 39,8 s., e 8,^{m}13 saltados em comprimento.

Os nomes seguidamente mais votados pelos setenta juizes fôram, pela ordem respectiva, o do jogador americano de base-ball Carl Hubbell, o do pugilista alemão Schmelling, o do jogador universitário de football americano Larry Kelley, Glen Morris, vencedor do decatlon olímpico, o inglês Perry, campeão do mundo de tennis, Joe Dimagio outro jogador de base-ball, o campeão olímpico e recordman do mundo dos 110 metros barreiras Torrest Towns e, enfim, o pugilista Joe Louis, que em 1935 fôra apontado à cabeça do rol.

E' evidente que esta lista sofre das conseqüências de haver sido elaborada por americanos, só assim se justificando a inclusão em postos de honra de homens só conhecidos no país e que nunca prestaram provas internacionais, como os jogadores de base-ball; mas no fundo, aceitam-lhe sem escrupulo as indicações.

Salazar Carreira.

O CHÁ NA VIDA FEMININA

É interessante observar como há certas instituições, que caem admiravelmente na vida e se tornam um hábito que dificilmente podemos abandonar. O chá essa bebida exótica, que põe no ambiente um perfume oriental, que excita o intelecto, reaviva o olhar e torna mais cintilante a conversa, tem sem dúvida um lugar muito especial na vida moderna, principalmente na vida feminina.

O chá das cinco é uma refeição indispensável na vida de hoje. Não há mulher que possa viver sem tomar uma chávena de chá e comer uma sanduíche às 5 horas da tarde.

Esta instituïção que muita gente aceita como vinda da Inglaterra, que a exportou para todo o mundo, é bem portuguesa na sua origem, foi Catarina de Portugal, a feia e bondosa esposa de Carlos II de Inglaterra, que pelas suas altas qualidades conquistou o seu volúvel esposo, quem instituiu em Inglaterra o hábito de tomar chá ás 5 horas, tendo levado o chá de aqui onde tinha sido trazido pelos navegadores, que tinham descoberto o caminho do oriente.

Foi êsse hábito que ajudou a princesa portuguesa, a suportar a sua vida de exílio, nêsse clima de bruma tão diferente do exuberante sol do nosso país, no seu abandono de esposa amante e um pouco abandonada por um marido egoista e volúvel. O chá doirado, bebida que na fina taça de porcelana inglesa, lhe trazia o aroma do seu país, era o narcótico da sua nostalgia e foi pouco a pouco introduzido na sociedade inglesa e a Inglaterra espalhou-o pelo mundo inteiro. Quem não toma hoje chá às cinco horas no mundo civilisado?

O «cocktail» essa bebida americana tenta suplantá-lo mas não o consegue, o chá tem talvez no exotismo do seu perfume um encanto, que torna mais íntima e profunda a conversa numa sala confortável e cómoda.

As almas abrem-se, as palavras são mais afectuosas, a intimidade faz-se numa conversa com uma chávena de chá na mão.

Há duas maneiras de servir o chá. Uma na sala de jantar, na mesa coberta por uma rendada toalha, é elegante, mostra melhor a dona de casa, os tesouros dos seus bordados, faz mais vista a fina porcelana dos seus armários, mas dá um aspecto de disciplinada refeição ao chá das cinco, que lhe tira muito o encanto do seu aspecto.

A outra maneira é na mesa de chá rolante, que entra na sala com o taboleiro onde o fumegante «samovar», põi o seu «ronron» da água a ferver e que dá um ar de encantadora intimidade ao ambiente que nos rodeia. Instintivamente ao recebermos das mãos da dona da casa a chávena da deliciosa bebida, procuramos sentar-nos perto das pessoas, que mais nos atraem pela simpatia que nos inspiram ou pelo interesse que a sua intelectualidade em nós desperta.

É que o chá das cinco, não é uma refeição é um rito na vida feminina. É a hora em que a mulher mesmo a que menos come, tem apetite para comer uma sanduíche, para trincar uma torrada ou comer um bolo.

É a hora das confidências e é também a hora das esfuziantes conversas em que os ditos de espírito se perseguem como borboletas aladas. O chá só se compreende tomado entre pessoas que se interessam pelos mesmos assuntos, numa comunidade de ideias e de gostos.

Nada há mais doloroso do que um chá de cerimónia, entre pessoas que quási se não conhecem e se não estimam ou não simpatisam, numa atmosfera que o perfume oriental e exótico não consegue aquecer e tornar vibrante. Perde então o chá das cinco êsse encanto que o torna quási como o ópio para os apaixonados, uma espécie de embriaguês que provoca, a expansão que torna as almas sensíveis, comunicativas e mais exuberantes, tornando o ambiente acolhedor e electrisando a atmosfera.

Mas como as donas de casa podem tornar mais interessante ainda a hora do chá, tornando mais íntima e doce a convivência das que reunidas o tomam, fazendo com que essas reuniões sejam reuniões de caridade.

O inverno que temos diante de nós, ameaça os pobres, os desgraçados com as suas intempéries.

Quantos lares onde não se acende o lume, quantas crianças sem pão, tiritando de frio, sem ter com que cobrir os seus tenros corpinhos, defendendo-as das mil doenças, que espreitam como enviadas da morte, as crianças pequeninas, que ninguém protege e que os pobres pais que a miséria rodeia, não podem defender.

Quantos velhos, que sem abafos tossem desesperadamente, a bronquite sua companheira, agravada pelo frio que nada impede de enregelar os seus membros que parece já a morte tocou.

E quantas mãis que esperam a vinda dum entesinho já adorado e querido, como se em seus braços estivesse, sem ter um trapo com que os vestir, sem ter um cueiro, para os envolver. As mãis que esperam no confôrto dos seus lares a chegada do filhinho para quem fazem com as suas brancas mãos o enxovalzinho de linhos finos e rendas de espuma, que fazem ao «tricot» os fofos casaquinhos, que preparam as sedosas flanelas e que enfeitam um bercinho, como ninho acolhedor com setim acolchoado, coberto com o quente edredon, não poderão pensar sem dar na agonia, que esmaga o coração da pobre, que deitará o seu filhinho em palha, envolto em farrapos se os tiver e que vê com angústia aproximar-se a hora dolorosa da sua vinda ao mundo, sem ter nada que lhe vestir, se não o seu amor para o envolver.

E pensemos também um pouco nesses que na vizinha Espanha combatem, expostos ao gelado frio das madrugadas, e que tanto precisam de camisolas e «cache-cols» para se defender dêsse terrível inimigo: a pneumonia.

É tão bom fazer bem, é tão consolador que, transformar essa hora encantadora do chá, numa hora de beneficência, faria com que o seu encanto aumentasse, se tornasse mais suave a convivência, mais sólidas as amizades e mais agradável o convívio entre as senhoras que se reunem.

Em vez de perder dinheiro ao «Mah-Jong», comprem umas lãs, umas agulhas de «crochet».

E nessas reuniões a bondade irradiaria, não haveria má língua, quando se faz o bem não se pode falar mal do próximo, o ambiente seria mais doce, na convicção de que se estava a cumprir um dever.

Porque fazer o bem é um dever e quando se não cumpre êsse dever paga-se bem caro. A indiferença dos abastados cria a revolta dos indigentes. O que faz o ódio comunista? A desmoralização e o egoismo das altas sociedades.

O que fez o comunismo aflitivo na Rússia e na Espanha? O egoismo dos de cima, a desmoralização da sociedade, que perdera todo o freio exibindo com impudor as taras, que fizeram com que fôsse desprezada e odiada.

Nos «bridges» de Madrid, perdiam-se por divertimento, milhares de pesetas que aplicadas com carinho a fazer o bem teriam evitado que o ódio germinando criasse rios de sangue e mares de lágrimas. Não se perderiam tantas vidas jóvens e tôdas úteis e disciplinadas, seriam bem aproveitadas para o bem da sua pátria.

Que êste exemplo e a bondade inata da alma portuguesa, torne os chás dêste inverno, doces reuniões a que a caridade presida e que a instituição do chá das cinco criada por uma princesa de Portugal, nas brumosas tardes de inverno inglês, e, que a Inglaterra nos recambiou como instituição elegante, sirva para vivermos horas agradáveis e de utilidade social, horas que nos satisfaçam e criem a verdadeira fraternidade humana: a da bondade.

Essa bondade que torna tudo mais fácil e a vida mais suave para pobres e ricos. Da bondade emana a felicidade, para ser feliz é preciso ser bom e pensar um pouco nos outros.

O egoismo é um dos maiores males da nossa época, mas que com boa vontade se vence, e à mulher cabe o lindo papel de exterminadora dêsse mal e é com elegância, que o pode fazer, juntando à sua vida de sociedade o amor social pelo próximo.

A que não pode fazer o sorriso amável duma bonita mulher num chá elegante, para obter que tôdas trabalhem para o bem comum, que a tôdas convém que a sociedade melhor e que as desgraças diminuam?

E' pois para desejar que os chás dêste inverno produzam o fruto desejado e iluminem com sorrisos os lares desabrigados dos que sofrem e que nunca devemos esquecer.

E assim somos tôdas mais felizes, as mulheres que aliviam os sofrimentos alheios e aquelas que se sentem socorridas e amparadas.

Porque a felicidade na vida vem-nos muito mais do bem que fazemos, do que daquele que a nós nos fazem.

O que prova que na humanidade persiste sempre o germen do bem, embora o egoismo avassale o mundo, produzido talvez, pela dificuldade da vida. Mas que o chá essa bebida elegante e agradável, que nos proporciona tantas e tão agradaveis horas de convivencia social, nos dê também êsse prazer, o maior de todos, de contribuir para minorar o mal alheio.

E como ficarão mais belas as brancas mãos que sôbre a meza mechem em porcelanas e pratas, e, num gesto elegante oferecem as loiras torradas e os apetitosos bolos, que muitas vezes são feitos por essas delicadas mãosinhas, que os aneis fazem cintilar.

Abençoado chá e abençoado quem o introduziu na sociedade elegante, pois pode com boa vontade fazer florir a arvore da bondade dos contos de fadas.

Maria de Eça.

NUMA loja de modas, o caixeiro para a senhora que entra a fazer compras:

— V. Ex.ª deve ficar com êste vestido. Esta côr vai muito bem com a sua palidez.

— Mas eu não sou pálida. Se empalideci foi ao ouvir o preço...

■

— Mamã, estou resolvida a romper com o Jorge. É homem que não me convém.

— Mas, minha filha, êle parece bom rapaz, e tem bastante de seu.

— Pois terá, mas é um descrente em tudo. Calcule que ontem teve a audácia de me dizer que não acreditava no inferno.

— Não faças caso, minha filha. Deixa-o casar contigo, que, depois, tu e eu lhe faremos ver se há inferno ou não há.

■

Uma criada, que namora um preto, recebe uma carta dêle. Como não sabe ler, pede à menina da casa que lha leia.

— Esta carta vem cheia de borrões de

Os anginhos de hoje pegando na cauda à noiva:
— Olha! olha! ela tem os joelhos tortos como dois ariôchos...

tinta — diz a menina, ao abrir a amorosa missiva.

— Devem ser lágrimas — elucida a criada — êle, coitadinho, é preto.

■

— Ó mamã, sempre é certo que mereço a sua confiança?

— Sim, meu filho.

— Então porque fechou à chave o armário onde estão guardados os bolos de amêndoa?

■

Numa aula de instrução primária, o mestre pregunta a um dos alunos:

— O que vem a ser salário?

— Não sei, senhor professor.

— Sabes, sim. Ora dize-me cá: onde trabalha teu pai?

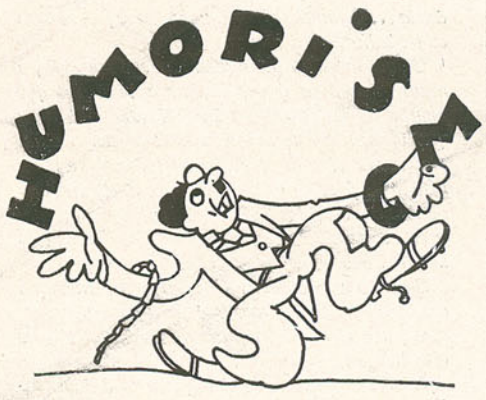
— Nas oficinas do Gás.

— E, no fim da semana, não recebe dinheiro no escritório?

— Recebe, sim, senhor.

— E o que leva êle para casa no dia de pagamento?

— Uma bebedeira de alto lá com ela.



Um estudante, tão preguiçoso como cheio de espírito, dizia a um condiscípulo que o fôra despertar para não faltar à aula:

— Nunca fui invejoso, mas há uma coisa que me causa inveja.

— Qual?

— O sossêgo do Tejo que podes ver daquela janela.

— Mas que pode ter o rio com os teus estudos?

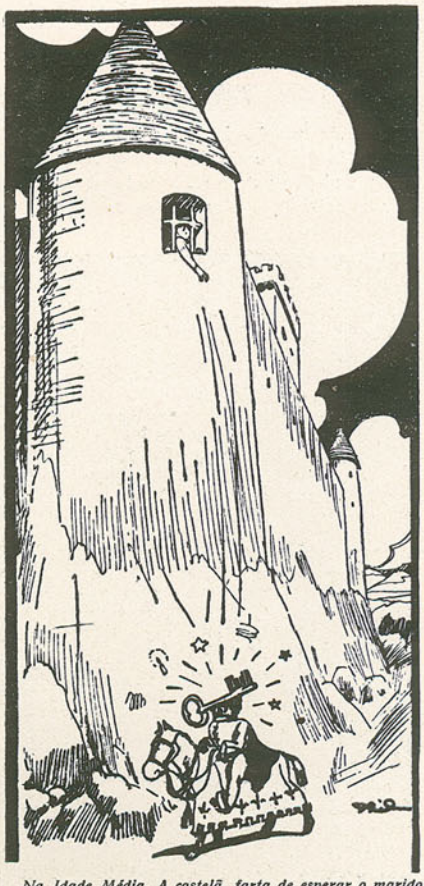
— É que pode seguir o seu curso sem saír do leito.

■

— Levo uma vida insuportável com minha mulher.

— Mas parece tão boa criatura.

— É o que parece! Calcula que se mete em tudo e por tudo implica. Imagina que quando me vou acostumando a uma camisa, obriga-me logo a tirá-la.



Na Idade Média. A castelã, farta de esperar o marido, atira-lhe a chave para que êle abra a porta.

— Ah! então a senhora que te acompanhava é que é a tua mulher?

— Pois é. Supunha até que a conhecias.

— Não tenho êsse prazer.

— Prazer?! Bem se vê que não a conheces!

■

Na escola, o professor para o aluno:

— Vou fazer-lhe apenas uma pregunta. Quantos volumes tem a biblioteca de Mafra?

— Tantos como a de Bruxelas.

— E quantos tem a de Bruxelas?

— O sr. professor declarou fazer apenas uma pregunta. Suponho que não desejará faltar à sua palavra.

■

Um dêstes rapazitos modernos que se julgam altas capacidades dinâmicas e outras coisas equivalentes, pretendia meter

— A corrente entra por aqui e sai por ali.
— E no interior, o que é que ela faz?
— Pois que há de fazer? Desenvencilha-se... Acha pouco?...

a ridículo um velhote trôpego que tinha fama de beber o seu copito.

— Como se explica — preguntava o fedelho — que os homens de certa idade sintam os efeitos do álcool nas pernas, ao passo que nós, os novos, os sentimos na cabeça?

— É muito simples — respondeu o velho — o álcool tende sempre a procurar no homem o ponto mais fraco.

■

— Ó mamã, com que mão se mexe o café?

— Com a direita.

— Mas o papá disse-me ontem que o mexesse com a colhér.

■

Num exame de medicina:

— Além do clorofórmio e do éter, que mais pode servir para fazer perder os sentidos?

— Uma bordoada na cabeça, por exemplo. É raro falhar.

PÁGINAS FEMININAS

COMEÇA outro ano, nesta nora de alcatruzes que é a vida. Um ano acaba, outro começa, é assim até que a existência finda. Cada ano nos traz o seu quinhão de alegrias e de dores. Há anos em que são mais as dores do que as alegrias, noutros é o contrário, mas todos êles são o que deviam ser, para que a nossa vida se realize.

Que importa fugir ao destino se êle tem que ser assim e a verdadeira ciência da vida é sabermos resignar-nos com o que ela é, e extrair dela o maior bem estar possível, contentando-nos com o que temos e não fantasiando a vida como um romance ou um filme para jóvens.

A vida é o que é, e todos temos o dever de a aceitar com coragem e energia, ela é muitas vezes como uma corrida através do mato de tojo, uma arranhadura aqui, um bocado de pele que se deixa ali. Umas gotas de sangue à flôr da pele, mas não se pára nem se olha, segue-se, e muitas graças temos de dar se chegamos ao fim da corrida sem ter caído sôbre os espinhos, e, tendo atingido algumas clareiras em que pudessemos respirar e descansar curando os arranhões do mato.

Muitas vezes somos nós que criamos os embates pela nossa ânsia de viver de sermos felizes. A vida é como um tesouro, uns guardam-na avaramente, outros administram-na com sabedoria e ainda outros esbaniam-na atirando-a, arremeçando-a ao abismo sem proveito para êles nem para ninguém.

Mas tem de ser assim, para que o mundo seja o que é; é preciso que haja de tudo.

A melhor maneira de encarar a vida é aceitar os deveres que ela nos impôi e cumpri-los à risca. E' esta a forma mais inteligente de seguir a existência e de chegar ao fim com a consciência tranqüila que dá a certeza do dever cumprido como deve ser.

E só assim se vêem findar anos e começar outros com a serenidade que a experiência dá, e, com a resignada alegria, que têem aqueles que sempre procederam bem.

Anos atrás de anos vão decorrendo, cheios de alegrias uns, de tristeza outros, mas todos êles são a vida, a nossa vida, aquela que temos de viver na terra, e, que são, apesar de tudo, tecidas de luz e de sombra, palhetadas com as lantejoulas da alegria, e, enlutadas com os crêpes da tristeza.

A vida para uns é comédia, para outros é tragédia mas a vida é sempre a nossa maior ânsia... Quanto se luta, quanto se sofre, quanto se trabalha, para viver!

O maior médo da humanidade é perdê-la, o maior desgôsto é ver acabar a vida dos que amamos e no entanto, o único destino certo com que viemos a êste mundo é o de perder a vida.

E a maneira de a tornar mais suave e mais bela é de fazer o bem o mais possível, é de ver acabar com resignação os anos tristes ou alegres, é esperar com serenidade os acontecimentos, que novo ano nos traz.

Será bom será mau? Quem o sabe, mas, mau ou bom, o que é preciso é ter a coragem precisa para o receber e para o viver, na linha de conduta traçada.

Nós nunca sabemos se o que vem é bom, sabemos apenas o que se passou e dêsses anos que passaram tiremos os ensinamentos, que nos devem ajudar a bem viver, a viver pelo menos com utilidade para nós e para os outros.

A mulher tem sempre, em sua frente um vasto campo para fazer o bem.

Se e casada dentro do seu lar, ao seu marido e aos seus filhos, se é solteira em casa de seus pais, aos velhinhos que lhe deram o ser e que precisam agora os seus carinhos, se é só e livre, a todos aqueles que precisam do auxílio dos afortunados; aos pobres e sobretudo às crianças, que não têem quem as proteja.

A vida é sempre útil para quem saiba utilizá-la e aplicá-la como deve ser. Que o Novo Ano traga a todos a paz da consciência, a serenidade do dever cumprido, a ânsia do bem, o horror do mal e que a humanidade, que tão enlouquecida se mostrou no ano que findou, readquira a consciência do mal e entre na estrada do bem, para sossêgo de todos e para engrandecimento da vida, que um novo ano que entra representa.

Que a vida, o maior bem da humanidade se atendermos à ferocidade com que a defende, se torne suave e doce para todos no apaziguamento de ódios e rancores.

Maria de Eça.

A moda

EM plena estação de festas, em plena estação de inverno e de frio, a moda traz-nos os grandes abafos para a rua e as leves «toilettes» para a noite, que têm de ser acompanhadas,

pelos abrigos em pele, que nos preservem das correntes de ar, a que estamos sujeitas. Nos outros anos o inverno, obrigava-nos a um padrão das «toilettes» da rua. O longo casaco em peles, em pano, ou em imitação de «astrakan» e de «breitschwantz» eram quási um rigoroso uniforme. Êste ano não se dá êsse facto. A moda está variadíssima, veem-se para a rua todo o género de «toilettes», todo o género de fazendas. A mulher menos friorenta ou mais «coquette» pôs de parte os grandes abafos para mostrar a sua elegante «silhouette» que a moda favorece, em vestidos e abafos que a valorizam, marcando as suas linhas estatuárias.

A mulher não quer esconder o seu corpo, que

a gimnástica e o desporto tornam esbelto e flexível, em grandes casacos. E o nosso clima tão suave presta-se como nenhum outro a essa fantasia da moda.

Mas lá vem um ou outro dia mais agreste em que se torna necessário um bom agasalho e para êsse fim temos um lindo modêlo.

Nada mais elegante e mais próprio do que esta túnica em cabrito cinzento da India, que tem um aspecto juvenil e não esconde a graça dum corpo jóvem e esbelto, os ombros alargados pelas fartas mangas, tornam mais sensível a cintura fina, que um cinto incrustado em pele de «suède» cinzenta, marca nitidamente.

Sôbre uma saia em veludo preto, com luvas em veludo preto e um gracioso barrete na mesma pele é uma «toilette» elegantíssima e confortável que abriga num gelado dia de inverno.

Para um dia menos áspero, temos uma elegantíssima «toilette»; saia em pano castanho bastante justa e casaco em «melton beige», ajustado nas costas por costuras formando na aba «godets». As mangas abundantes nas cavas dão a nota do modernismo. Amplas bandas rematam o acertoado, que fecha com quatro botões em madre-pérola, uma «écharpe» em fraco de veludo castanho e beige forma gravata, um pequeno e original chapéu em feltro castanho completa o elegantíssimo conjunto.

Para as saídas de manhã sôbre uma saia de lã cinzenta a «jaquette» em xadrez de lã dos Pireneus, de quadrados ou de tijolo e vermelho sôbre cinzento, um cinto em couro vermelho ajusta-a na cintura, luvas em côr de tijolo e cinzento, chapéu em feltro vermelho assim com a «écharpe», em seda, enrolada ao pescoço. E' uma graciosa «toilette».

Para teatro e casino uma linda «toilette» em veludo preto com lombeiras em «strass», que faz um lindo fundo para o agasalho em arminho branco da Rússia. E' até às ancas o seu comprimento. Mangas amplas e largas tornam fácil o envergá-lo.

E' todo forrado em setim branco o que o torna dum ideal conforto. E' para notar a guarnição

de flores na cabeça, da mais alta novidade assim como o véu que protege o penteado no caminho tanto à ida como á volta, evitando o desagradável das mechas que caem com o vento.

O calçado atrai sempre a atenção e a mulher elegante não descura êsse importante pormenor da sua «toilette», um dos mais importantes mesmo. Damos um modêlo para sapatos de noite ou de jantar em «suède» preto guarnecidos com aplicações de metal. Foram baptisados «Kova», são usados com umas finas meias em «beige taupe» o que se usa mais com os vestidos azuis, «prune» ou pretos.

De vez em quando diz-se que a moda aboliu as pérolas. Nada mais falso, as pérolas não têm moda, usam-se sempre e para exemplificar o que dizemos damos o retrato de «Miss» Sílvia Baker uma das mais lindas noivas desta época em Londres, que na festa do seu pedido de casamento ostentava ao pescoço um lindíssimo colar de pérolas do mais belo oriente.

E na verdade nada mais bonito como enfeite para uma rapariga do que um colar de pérolas sobretudo se essas pérolas são tão belas e tão perfeitas como as de «Miss» Sílvia.

A flor como guarnição

A flor é sem dúvida a guarnição preferida pela mulher, o que é bem fácil de compreender. O espírito delicado que acompanha a mulher na escolha dos adornos, que mais bela a hão de tornar, faz-lhe ver, que não há enfeite mais gracioso do que uma flor.

Mas o inverno não é pródigo em flores, nos países da neve, as flores morrem e entre nós muitas são queimadas pelas geadas traiçoeiras da manhã.

Por isso as elegantes substituem as flores verdadeiras pelas artificiais e conseguem assim adornar-se com o símbolo da flor.

Voltou a ser moda o ramo de violetas em cambraia, em seda ou em veludo, mas sempre o «bouquet» lilaz quando é de violetas de parma, ou roxo quando é das violetas simples remata a gola dum vestido, adorna a «boutonnière» dum «tailleur» ou alegra a pele de raposa que na quadra fria se torna obrigatória para abrigar do ar cortante e fino que nos fustiga nestes meses de inverno rude e frio.

Os cabelos cortados

UM sábio o dr. Anesty, de Budapeste chegou à conclusão nos seus aturados estudos, que a moda dos cabelos cortados foi prejudicialíssima para as cabeleiras femininas predispondo a mulher para a terrível calvície.

Na sua demonstração sôbre o assunto êle diz: que foi sempre difícil saber-se porque há tantos carecas entre os homens, ao passo que raramente as mulheres sofrem igual devastação.

No entender do dr. Anesty, a falta de protecção do cabelo ocasiona afecções da pele do crâneo agravadas pelo constante uso das tesouras e navalhas, êsse é o motivo que influe na calvície masculina.

Segundo o cientista últimamente tem havido imensos casos de calvície em senhoras, calvície rápida e decisiva. Será êsse o motivo que leva a mulher a preferir agora o cabelo mais comprido em aneladas e encoracoladas cabeleiras, não desdenhando as elegantes parisienses as

longas tranças enroladas em gracioso «chignon»? Talvez e se é abençoada resolução porque nada há mais triste para a beleza feminina do que a calvície.

De mulher para mulher

Desconsolada: Não se desconsole com essa facilidade. Está em muito boa idade de se instruir e adquirindo a instrução que lhe falta de arranjar uma colocação. Dedique-se às línguas, datilografia e estenografia. E' o mais prático e sem dúvida o mais útil. Prefira a simplicidade no penteado. Na sua idade é muito mais interessante.

As viagens

É sem dúvida um dos maiores prazeres que se pode ter, o viajar, nada há como conhecer novos países, novos costumes, para conhecer a Arte, para instruir, as viagens são o mais recomendavel meio de instrução, mas nesta época em que se debate tão violentamente a questão de internacionalismo e nacionalismo, é muito para recomendar, que se viaje no próprio país a que se pertence.

Há pessoas que tem percorrido a Europa, a África, a América e a Ásia e que não conhecem o seu país. Entre nós então, é frequentíssimo encontrar quem esteja nestas circunstâncias.

E é imperdoável, porque num país pequeno dificilmente se encontra uma variedade de paisagem como nós temos. Desde as mais variadas e diferentes praias, à alta montanha, aos doces e ridentes vales, as grandes planícies, tudo existe e se encontra em Portugal, abençoado torrão, que tem neves eternas na serra da Estrêla e uma primavera constante na Costa do Sol e no Algarve. E agora não há a desculpa de falta de transporte, o país tem esplêndidas estradas e serviços de transporte óptimos.

Pensamentos

É um duplo prazer enganar um intrujão.

Linces para o nosso próximo e toupeiras para nós mesmos, a uns nada perdoamos e aos outros tudo desculpamos.

Nem sempre é bom ter um alto lugar.

FIM DE FESTA

Bridge

(Problema)

Espadas — A. D. 10, 6, 3.
Copas — R. 7.
Ouros — D. 10.
Paus — V. 9.

Espadas — V., 9, 5.	N	Espadas — 7, 2.
Copas — 10, 5.	O E	Copas — D. 8, 6, 4.
Ouros — V. 8, 7.		Ouros — A. 9, 4.
Paus — 10, 5, 2.	S	Paus — D. 8.

Espadas — 8, 4.
Copas — A. V. 9, 3, 2.
Ouros — 6, 5, 3, 2.
Paus — — — —.

Trunfo é espadas. *S* joga e faz todas as vasas.

(Solução)

O joga o 9 de paus, *S* prende do Az de paus e joga Az de espadas, Rei de espadas, Az de copas e 9 de copas.

E faz o Valete de copas e qualquer carta que jogue, *N* e *S* fazem as vasas todas, desde que *S* se balde á Dama de copas e Rei de copas na Dama de espadas e Rei de paus de *N*, que tirará as vasas firmes de copas.

A patrulha dos gêlos

Compõe-se de navios americanos e tem, por missão, descobrir os gêlos flutuantes nas paragens da Terra-Nova e indicá-los aos navegadores.

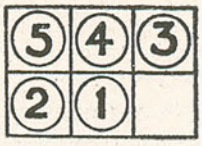
Este encargo foi confiado ao govêrno dos Estados Unidos a seguir á catástrofe do *Titanic*, que se afundou, devido á sua colisão com um *iceberg*. Cada nação contribue para a despeza proporcionalmente á importância do seu tráfico marítimo na região assim vigiada.

Os discos numerados

(Problema)

Num taboleiro de seis casas estão dispostos cinco discos de cartão, numerados, conforme se vê na gravura.

Trata-se de mudar um disco, por cada vez,



para uma casa vaga junto dêle, de forma a ficarem, por fim, dispostos na sua própria seqüência com a casa inferior da direita, vaga. E isto tem de se fazer no menor número de movimentos possível.

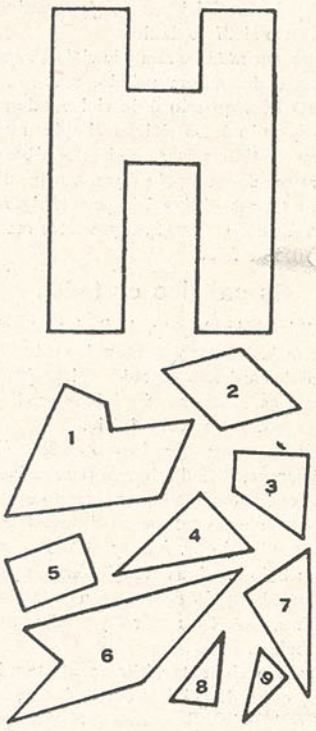
Os ratos e o queijo

(Solução)

Como devem ter visto, foi o rato do lado inferior, esquerdo, que apanhou o queijo.

Reconstrução duma letra

(Passatempo)



Aqui está um «H» antes e depois de ter sido partido em pedaços. Trata-se de reünir outra vez êstes fragmentos uns aos outros e formar com êles, novamente, a mesma letra.

Cura de génio

As mulheres que atiram pratos, garrafas e outros projecteis á cabeça dos maridos, em crises de mau génio, sofrem de facto, duma moléstia recentemente conhecida por «kiper-insulinismo». Pelo menos, foi êste o veredictum do dr. Seale Harris, professor emérito de medicina na Universidade de Alabama.

E chama-se assim, porque é, clinicamente falando, o contrário exactamente da diabetes.

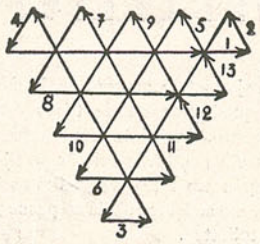
Não devem, portanto desesperar, os maridos victimas de tão desagradaveis manifestações, porque ha toda a esperança de cura para suas mulheres, segundo afirma o dr. Harris, bastando para isso sujeitarem-se a um certo e determinado regimen de dieta.

Isaac Small, de sessenta e quatro anos, natural de Orleans no Massachussetts, chegou, ha cousa dum ano, á conclusão de que o sôno era perda de tempo.

Desde então, nunca mais foi á cama e os seus repousos teem-se limitado a uma ligeira sesta duma hora em cada vinte e quatro. Passa as noites a ler e diz que as suas forças cerebrais teem aumentado o dôbro em conseqüência disto.

Desenho a traço contínuo

(Solução)



Os números indicam o caminho a seguir.

Os crocodilos

Os crocodilos passam ás vezes muito tempo sem comer. Comem, então, pedras e pedaços de madeira para evitar a contracção dos intestinos e com ela, a sensação da fome.

Durante o inverno, ficam adormecidos, pelo menos em latitudes próximas dos trópicos.

Catesby afirma que os da Carolina, quando despertam do sono hibernal, dão mugidos que se ouvem a grande distância, muito mais fortes do que os do touro. Nos países onde o homem lhes não faz caça, chegam a viver em manadas de mais de duzentos.

O crocodilo foi um dos animais mais respeitados pelos povos do Oriente.

No Egipto havia a cidade de Crocodilopolis, construida, segundo a tradição, pelo mesmo faraó que subjugou os Israelitas.

Nessa cidade estava o santuário dos crocodilos sagrados.

O antepassado da metralhadora

Trezentos anos antes de se ter inventado a metralhadora, os caçadores e guerreiros chineses, lançavam flexas com a bésta. No Museu de Los Angeles existe uma dessas armas. É de madeira escura e mede aproximadamente $1^{m},20$ de comprimento. Na parte superior há um depósito para vinte setas.

Quando se dispara um projectil, logo outro o substitue automáticamente

— Olha, querido, comprei êste lindo calendário para te oferecer pelo teu dia de anos, afim de não te esqueceres dos meus que sublinhei a tinta encarnada.

(Do «The Happs Magazine).

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL
E FISIOTERAPICO DO ESTORIL

■ ■ ■

Banhos de agua termal, Banhos de agua do mar quentes, BANHOS CARBO-GASOSOS, Duches, Irrigações, Pulverisações, etc. — — — — —

FISIOTERAPIA, Luz, Calor, Electricidade médica, Raios Ultravioletas, DIATERMIA e Maçagens. — — — — —

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS

■

Consulta médica: 9 às 12

Telefone E 12

O QUE TÔDA A RAPARIGA DEVE SABER

«Não te rales» disse-lhe eu. «Isto acontece a muitas raparigas. E peoram muitas vezes as cousas, fazendo o que não é preciso.» Ela sabia que eu tinha advinhado o segredo da sua vergonha. Os poros dilatados, pontos negros e uma côr amarela e terrosa, davam lhe a impressão de ser desprotegida da sorte.

«Para te desembaraçares completamente das imperfeições do rosto — aclarar, limpar e embelezar a pele, não existe senão um meio simples, fácil e barato. Compra, hoje mesmo, um boião ou um tubo de Creme Tokalon, Côr Branca (não gorduroso). Aplica-o, tôdas as manhãs, antes de te empoares. Os seus preciosos elementos purificantes, tónicos e adstringentes, actuam, como por magia, sôbre a pele e no rosto mais feio. No fim de 3 dias ficarás maravilhada do teu novo encanto.»

Esta singela receita trouxe uma consolação e uma felicidade inesperadas a muitas raparigas — como o sabem muitas mãis. São garantidos ótimos resultados, ou então o dinheiro será restituido.

Á venda em tôdas as perfumarias e boas casas do ramo.

Não encontrando, dirija-se á

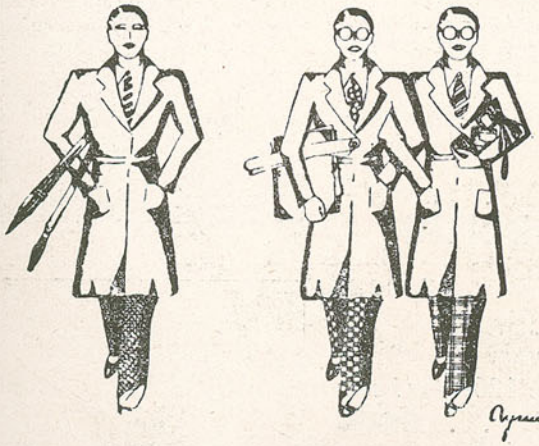
AGÊNCIA TOKALON

88, Rua da Assunção — Lisboa

que atende sem demora.

GRAVADORES

IMPRESSORES



TELEFONE 21368

BERTRAND IRMÃOS, L.DA

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

Dr. Bengué, 16, Rue Ballu, Paris.

BAUME BENGUÉ

Apr. D. S. P. em 03 1913 sob o N° 28

RHEUMATISMO-GOTA NEVRALGIAS

Venda em todas as Pharmacias

À VENDA

o 5.° volume

CAMÕES LÍRICO

(CANÇÕES)

PELO DR. **AGOSTINHO DE CAMPOS**

Este volume completa a obra **Camões Lírico**, da Antologia Portuguesa

1 vol. de 320 págs. broch. ..... **12$00**
Pelo correio à cobrança..... **14$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75-LISBOA

PRÉMIO RICARDO MALHEIRO (1936)

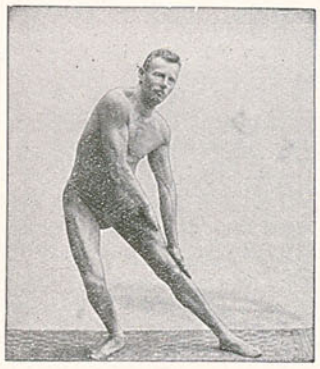
DONA SEM DONO

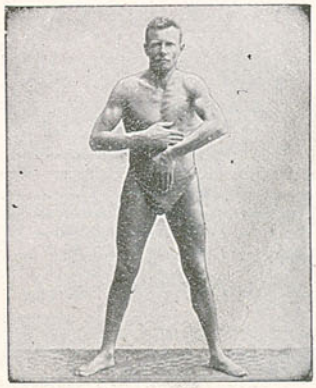
Romance de Samuel Maia, o consagrado autor do "Sexo Forte"

1 vol. de 320 pags., com uma sugestiva capa a côres, broch. Esc. 12$00; encad. Esc. 17$00; pelo correio à cobrança mais 1$50

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND, 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Um livro aconselhavel a toda a gente





A SAÚDE A TROCO

de um quarto de hora de exercício por dia

O MEU SISTEMA

POR **J. P. MÜLLER**

O livro que mais tem contribuido para melhorar físicamente o homem e conservar-lhe a saúde

O tratado mais simples, mais razoavel, mais prático e útil que até hoje tem aparecido de cultura física

Eficaz e benemérito

verdadeira fonte de saúde e de bem estar físicos e morais

1 vol. do formato de 15×23 de 126 págs., com 119 gravuras, explicativas, broch. . . . **8$00**

pelo correio à cobrança **9$00**

■

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

GRANDE SUCESSO DE LIVRARIA

Á VENDA A 3.ª EDIÇÃO

AVENTURA MARAVILHOSA
DE D. SEBASTIÃO, REI DE PORTUGAL, DEPOIS DA BATALHA COM O MIRAMOLIM

ROMANCE

POR **AQUILINO RIBEIRO**

1 vol. de 318 páginas, com uma artística capa de Alberto de Sousa, brochado **12$00**
Pelo correio, à cobrança **14$00**

Edição da LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A PROSA ADMIRAVEL DUM GRANDE ESCRITOR

Á venda a 3.ª edição de

Neves de Antanho

do CONDE DE SABUGOSA

Ignez Negra. – Amores do Senhor D. Jorge. – D. Brites de Lára. – Um romance na Côrte de D. João III. Desculpa de uns amores. – A filha de Pedro Nunes. – Sóror Violante do Céo. – D. Francisco Manoel de Melo. – Antónia Rodrigues. – Amor aos livros. – Ramalho Ortigão. – Um beija-mão de Ano Bom no Paço da Ajuda.

1 volume de 318 págs., brochado ..... **12$50**
Pelo correio à cobrança, mais 2$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Á VENDA

a 3.ª edição, corrigida, de

O Romance de Amadis

reconstituido por **Afonso Lopes Vieira**

1 volume de 230 páginas, ilustrado, brochado..... **15$00**
Pelo correio, à cobrança ..... **16$50**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS
POR
ISALITA

1 volume encader. com 351 páginas. **25$00**

DEPOSITÁRIA:
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O Bébé

A arte de cuidar do lactante

Tradução de **Dr.ª Sára Benoliel** e **Dr. Edmundo Adler**, com um prefácio do **Dr. L. Castro Freire** e com a colaboração do **Dr. Heitor da Fonseca.**

Um formosíssimo volume ilustrado

6$00

Depositária:
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

OBRAS
DE
JÚLIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
— (1.ª edição), 1 vol. br. ... 15$00
ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br.... ... 12$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
AO OUVIDO DE M.me X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. 10$00
AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.º milhar), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. ... 10$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... ... 8$00
DIALOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... ... 8$00
DUQUE (O) DE LAFÕES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br. ... 1$50
ÊLES E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. ... ... 10$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. ... ... 9$00
HEROÍSMO (O), A ELEGÂNCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11$00; br. ... 6$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 17$50; br. ... 12$50
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Conferência), 1 fol. ... 2$00
UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol. ... 1$50
VIAGENS EM ESPANHA, 1 vol. Enc. 17$00; br. 12$00

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. ... ... 6$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9$00; br. ... ... 4$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br. ... ... 3$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br. ... 3$00
CEIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br. 1$50
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIROA — (5.ª edição), 1 vol. br. 3$00
D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br. 2$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br. ... ... 3$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br. ... ... 2$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br. 4$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br. ... ... 4$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br. ... ... 2$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. ... ... 9$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br. ... ... 5$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br. 2$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. 6$00
SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... ... 8$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br. ... ... 3$00
UM SERÃO NAS LARANGEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

A obra mais luxuosa e artística dos últimos tempos em Portugal

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA

ILUSTRADA

publicada sob a direcção
de

Albino Forjaz de Sampaio
da Academia das Ciências de Lisboa

Os três volumes publicados da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em **magnífico papel couché** os seus três volumes são um album e guia da literatura portuguesa contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, gravuras a côres e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas, e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, sêlos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-similes de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc. O volume 1.º com 11 gravuras a côres fóra do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a côres e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fora do texto e 576 dentro o que constitue um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fóra do texto e 2.175 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA, é escripta pelas **mais eminentes figuras da especialidade,** nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são impereciveis nas letras portuguesas. Assim sôbre vários assuntos firmam artigos A. Botelho da Costa Veiga, Afonso de Dornelas, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Agostinho Fortes, Albino Forjaz de Sampaio, Alfredo da Cunha, Alfredo Pimenta, António Baião, Augusto da Silva Carvalho, Conde de Sam Payo, Delfim Guimarães, Fidelino de Figueiredo, Fortunato de Almeida, Gustavo de Matos Sequeira, Henrique Lopes de Mendonça, Hernâni Cidade, João Lúcio de Azevedo, Joaquim de Carvalho, Jordão de Freitas, José de Figueiredo, José Joaquim Nunes, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Laranjo Coelho, Luís Xavier da Costa, Manuel de Oliveira Ramos, Manuel da Silva Gaio, Manuel de Sousa Pinto, Marques Braga, Mosés Bensabat Amzalak, Nogueira de Brito, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge e Sebastião da Costa Santos.

Em tomos de 32 páginas, cada tomo ... 10$00
Cada vol., brochado ... 120$00
„ „ encadernado em percalina ... 160$00
„ „ „ „ carneira ... 190$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

INDISPENSÁVEL EM TÔDAS AS CASAS

Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA
Médico dos Hospitais de Lisboa

O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária

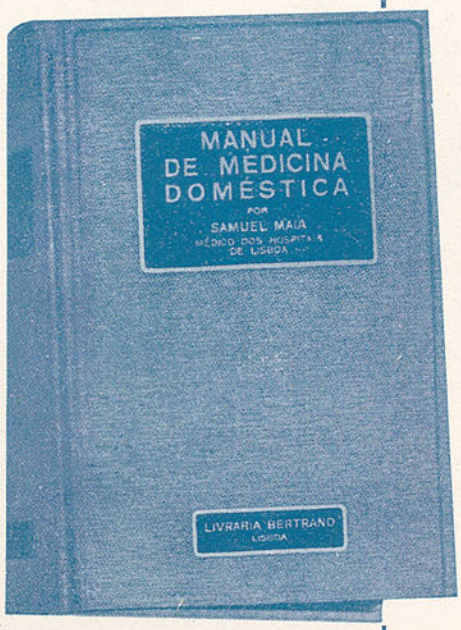
INDISPENSÁVEL A TÔDA A GENTE

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica,** é guia, é conselheiro indispensável para êsse efeito. Nesta obra incontestàvelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida pelo nome do autor ilustre,** qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso de um ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos **sôbre enfermagem,** mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc., etc.; emfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflição e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a tôda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta.

HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM — FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS — RECEITUÁRIO — SOCORROS DE URGENCIA



EM INÚMEROS CASOS DE DOENÇA, DISPOSTOS POR ORDEM ALFABÉTICA, ATENDE, RESPONDE, ENSINA O

Manual de Medicina Doméstica

E assim, quando na **ausência de médico por o não haver na vila ou na aldeia,, ser distante a sua residência.** ou na sua falta, como no interior e **sempre que seja preciso actuar imediatamente,** recorrendo-se ao **MANUAL DE MEDICINA DOMESTICA**, nele se encontrarão todos os conselhos, tôdas as indicações quer se trate duma queda, dum envenenamento, duma dor repentina, ou dos sintomas ou das manifestações de qualquer doença.

Regra de bem viver para conseguir a longa vida

1 vol. de 958 páginas nitidamente impresso, profusamente ilustrado, lindamente encadernado em percalina **Esc. 35$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

LISBOA — Rua Garrett, 73, 75

O MUNDO NA MÃO

Pequena enciclopédia popular de conhecimentos úteis
organizada por um grupo de professores e homens de letras

Á VENDA

a 2.ª edição ilustrada com mapas e muitas gravuras

O MUNDO NA MÃO

é indispensável a toda a gente pois, dum modo geral reune tudo quanto a cultura humana tem produzido no campo das ciências, das artes e das letras

É um livro de tudo e para todos

dispensa centos de livros, poupa trabalho e fornece com rapidez, a quem o consulte, o esclarecimento desejado

O MUNDO NA MÃO

é verdadeiramente o livro mais popular de estudo e de consulta que deve existir em casa, no escritório, na oficina e nas escolas

1 volume de 824 páginas, em óptimo papel, elegantemente encadernado em percalina com gravura a côres e ouro, **Esc. 30$00**; pelo correio, à cobrança, **Esc. 33$00**

Adquirir esta obra é ficar possuindo, NUM UNICO VOLUME, manuseável, de formato cómodo e elegante, a síntese de todos os conhecimentos humanos

■

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND, Rua Garrett, 73 — Lisboa